

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**GUSTAVO BERTELI ASCARI**

**A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA DISSIDÊNCIA POLÍTICA URBANA:  
UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO GUARDA-CHUVA**

**CAXIAS DO SUL  
2020**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**GUSTAVO BERTELI ASCARI**

**A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA DISSIDÊNCIA POLÍTICA URBANA:  
UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO GUARDA-CHUVA**

Monografia para obtenção do grau de bacharel  
em Comunicação Social - Habilitação em  
Publicidade e Propaganda, da Universidade de  
Caxias do Sul.

Orientadora Profa. Dra. Ivana Almeida da  
Silva

**CAXIAS DO SUL  
2020**

**GUSTAVO BERTELI ASCARI**

**A CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA DISSIDÊNCIA POLÍTICA URBANA:  
UMA ANÁLISE DO MOVIMENTO GUARDA-CHUVA**

Monografia para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, na Universidade de Caxias do Sul, Área do Conhecimento de Ciências Sociais.

**Aprovado em: 11/12/2020**

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivana Almeida da Silva

Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Paula Rech

Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof. Dr. Ronei Teodoro da Silva

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Dedico este trabalho a todos os ativistas do mundo.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Ernanda e Aloir, por todo o apoio que me deram e por sempre me apoiarem em todas as minhas escolhas.

À Carolina, a pessoa mais incrível que já conheci e uma cópia da minha personalidade, só que de cabelo platinado.

À Clara, o presente que a universidade me deu naquela aula de editoração gráfica do primeiro semestre. Obrigado por ser essa grande amiga e também minha central de informações. Sem você, nada disso teria acontecido.

A todos os amigos que fiz na UCS e aos professores, em especial à Ivana, que me orientou neste trabalho e me ajudou a organizar as milhões de ideias que passaram pela minha cabeça.

Agradeço também a todos os meus amigos do Twitter, que leem os meus comentários diários e me divertem há 10 anos. Vocês estão espalhados pelo Brasil e pelo mundo e, mesmo assim, estamos cada dia mais próximos. Obrigado por me acompanharem e por terem feito parte de 47,6% da minha vida.

“Nós vimos a revolução e nós vimos a guerra.  
Sabemos que a mudança súbita não é a solução.  
Mas as coisas estão se movendo, como um rio.  
E os rios, como você sabe, são imparáveis.”

**Katayoon Shahabi**

## RESUMO

O presente trabalho envolve a temática da construção de símbolos coletivos pela dissidência política. A monografia tem por objetivo estudar de que forma os símbolos possibilitam a criação da identidade de grupos e a propagação de mensagens. A pesquisa bibliográfica serve de base para compreender a sistemática dos signos e sua relação com a forma de comunicação do protesto coletivo e urbano. Um estudo de caso que contempla as circunstâncias e a caracterização do Movimento Guarda-chuva de Hong Kong permite elucidar características evidentes do símbolo e contextualizá-las em um cenário prático, contemporâneo e politicamente significativo. É possível concluir, por fim, que o símbolo detém um poder bastante relevante e expressivo, especialmente dentro da comunicação subversiva e do ambiente digital. Além disso, pode ser percebido como um elemento imprescindível para acelerar a transmissão de uma mensagem através da associação mental, bem como um emblema que forma identidades e uma peça midiática viral.

**Palavras-chave:** Símbolo. Identidade. Protesto. Grupos. Movimento Guarda-Chuva.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Black Lives Matter</i> .....	18
Figura 2 - Manifestação contra a Guerra do Vietnã, Washington D.C.....	20
Figura 3 - Ativistas do Greenpeace, Mar de Barents.....	22
Figura 4 - Manifestação contra a Guerra do Vietnã, Washington D.C., 1969.....	26
Figura 5 - <i>Live</i> nas Jornadas de Junho.....	27
Figura 6 - Os Indignados de Valência.....	30
Figura 7 - Rebelde Desconhecido, 1989.....	31
Figura 8 - “ <i>Re-evolución</i> ”.....	33
Figura 9 - Dupla dimensão.....	35
Figura 10 - Estátua Falante de Roma.....	36
Figura 11 - Alemanha, Alemanha, acima de tudo.....	37
Figura 12 - “Eles mentem, nós compramos”.....	39
Figura 13 - “Vandalismo de Talão de Cheque”, Banksy.....	39
Figura 14 - Os muros de San Diego.....	40
Figura 15 - Praça Júlio de Mesquita, São Paulo.....	41
Figura 16 - Jane Fonda.....	45
Figura 17 - <i>#LoveWins</i> .....	47
Figura 18 - Revolução Colorida.....	48
Figura 19 - A Brigada Vermelha.....	51
Figura 20 - Tigre Asiático e Pantera Negra.....	53
Figura 21 - “Derrote a cobra fascista!”.....	54
Figura 22 - “Rico, relaxe, não pague impostos”.....	55
Figura 23 - O escravagista ao rio.....	57

Figura 24 - “Uma Onda de Poder”.....	58
Figura 25 - Bagdá, Iraque.....	62
Figura 26 - “ <i>Pussyhats</i> ” e “ <i>MAGA hats</i> ”.....	64
Figura 27 - “Ajamos agora”.....	65
Figura 28 - Revolução dos Cravos.....	66
Figura 29 - Stencil <i>Black Lives Matter</i> .....	69
Figura 30 - Capitalismo Rosa.....	71
Figura 31 - Hong Kong.....	74
Figura 32 - Os guarda-chuvas.....	76
Figura 33 - Símbolo global.....	78
Figura 34 - Guarda-chuvas amarelos.....	80
Figura 35 - Tatuagens.....	81
Figura 36 - As bandeiras.....	83
Figura 37 - Os guarda-chuvas de Dallas.....	84
Figura 38 - <i>Glory to Hong Kong</i> .....	86
Figura 39 - <i>Black Blorchestra</i> .....	87
Figura 40 - Muro de Lennon de Hong Kong.....	89
Figura 41 - Plataforma coletiva.....	90
Figura 42 - Braços cruzados.....	94
Figura 43 - Restaurante “amarelo”.....	96
Figura 44 - WhatsGap.....	97
Figura 45 - <i>Lady Liberty</i> .....	99

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1	METODOLOGIA .....	13
<b>2</b>	<b>DISSIDÊNCIA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE.....</b>	<b>16</b>
2.1	MOVIMENTOS SOCIAIS E O ATIVISMO CIVIL.....	17
2.1.1	<b>A Dimensão Virtual.....</b>	<b>24</b>
2.2	O PROTESTO URBANO.....	27
2.3	A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COLETIVA.....	41
<b>3</b>	<b>PROTESTO E SÍMBOLO .....</b>	<b>48</b>
3.1	SÍMBOLO E COMUNICAÇÃO.....	49
3.2	SÍMBOLO E IDENTIDADE NO PROTESTO COLETIVO.....	60
3.2.1	<b>Mediatizando símbolos: protesto como espetáculo e consumo.....</b>	<b>64</b>
<b>4</b>	<b>MOVIMENTO GUARDA-CHUVA: UM ESTUDO DE CASO.....</b>	<b>74</b>
4.1	O GUARDA-CHUVA: A FORÇA DE UM SIGNO.....	77
4.2	SISTEMAS SIMBÓLICOS DO MOVIMENTO.....	85
4.3	PROTESTO, EXIBIÇÃO E CONSUMO.....	95
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>102</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>105</b>
	<b>ANEXO .....</b>	<b>116</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O protesto público e coletivo é manifestação explícita do valor democrático. Espontâneo ou planejado, ele tem como objetivo exteriorizar o descontentamento e a insatisfação popular. Como estabelece a Declaração Universal dos Direitos Humanos, “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, 1948). O protesto é culturalmente distinto e suscitado por uma série de emoções que motivam ações conforme o meio social é compreendido pelos indivíduos. “As emoções podem nos ajudar a tomar decisões e prosseguir nossos objetivos. A indignação, emoção que combina a raiva com o ultraje moral, é o cerne do protesto, o primeiro sinal de que sentimos haver no mundo algo errado que precisa ser consertado” (JASPER, 2016, p. 14-15).

Na qualidade de instrumento político, também carrega, em suas muitas variações, elementos comunicacionais intrínsecos a ele. Ator influente na caracterização dos movimentos sociais, o símbolo historicamente representou movimentos originados pelas mais variadas motivações. Caracterizando um movimento específico de protesto coletivo, é capaz de representá-lo nas discussões cada vez mais pertinentes da sociedade contemporânea.

Os símbolos, elementos que compõem a simbologia, estão intimamente ligados à identidade. Aspectos semióticos e sociológicos se encontram para explicar a formação de identidades coletivas distintas. Estas identidades se dão através da organização de indivíduos com interesses, personalidades e reivindicações comuns. A sensação de comunidade e de pertencimento é inerente à condição humana e a identidade coletiva é a consequência de todas as características que resumem as tribos que formam o meio social. O símbolo, então, detém o poder de caracterizar visual ou sonoramente um grupo, especialmente no contexto da era digital e da busca cada vez mais rápida pelas origens do protesto público que domina o espaço midiático.

É notável que o uso dos símbolos como forma de comunicar se tornou extremamente importante no século XXI, e a análise de fenômenos como os protestos públicos não pode deixar de englobá-la. Na conjuntura do mundo digitalmente conectado, a repercussão desses eventos na esfera da internet significa sucesso, e o símbolo aparece como elemento memorável.

Na era da globalização, notáveis revoltas se espalharam pelo mundo. Significativas manifestações populares como as Jornadas de Junho e os protestos pró-democracia de Hong Kong marcaram o segundo milênio. Estes últimos, exemplificativamente, tornaram-se conteúdo viral no meio digital ao mostrar ao mundo o potencial da juventude estudantil e a força que o desejo democrático exerce sob os pilares de uma sociedade. Sempre aliadas da arte e dos meios de comunicação, as revoltas são fenômenos que ligam estratégias de luta política à formas de comunicá-la. Levando as prévias características em conta e o contexto do Movimento-guarda chuva de Hong Kong como base para um estudo de caso, estabelece-se a seguinte questão norteadora: **como a construção de símbolos coletivos contribui para a pregnância das mensagens transmitidas nas lutas antissistêmicas?**

O emprego do símbolo como representação universalizada de uma mensagem, mesmo que sofrendo processos de apropriação em diferentes contextos geográficos e temporais da humanidade, levanta questões sobre suas finalidades e sua eficiência como forma de comunicação. Analisar e estabelecer relações entre os passos da composição estética nesses fenômenos urbanos e suas mensagens disseminadas é não somente uma ambição pessoal do autor, como também é de grande relevância ao estudo comunicacional. O conhecimento adquirido através da pesquisa torna mais fácil a contribuição para técnicas de transmissão eficiente de visões e ideais políticos, sendo bastante útil à comunicação social em um aspecto geral e também aos próprios movimentos sociais, que devem dispor de eficazes símbolos para representar suas identidades, valores e objetivos. Todas essas características ainda se acentuam à medida que a sociedade mergulha mais profundamente nas tecnologias de interação virtual, fato que, aqui, tem relação significativa com a comunicação simbólica.

Estes anseios suscitam, dessa forma, a formação de um objetivo geral para esta pesquisa: estudar de que forma as representações simbólicas permitem a criação da identidade de grupos e a disseminação de mensagens transmitidas pela dissidência política. A busca pelo alcance deste objetivo maior ainda permite dividi-lo em quatro objetivos mais específicos:

- entender os movimentos sociais e o processo de construção da identidade de grupos;
- examinar e exemplificar a sistemática do signo e seu uso no protesto político;
- estabelecer relações entre os protestos públicos e o emprego de símbolos como catalisadores de uma mensagem;
- e, por fim, analisar a construção simbólica coletiva da dissidência honconguesa no Movimento Guarda-chuva - o estudo de caso a ser realizado na pesquisa.



Visando organizar a monografia, ela será dividida em três capítulos que contextualizam o tema. O capítulo 2 abrangerá definições e conceitos acerca da formação de movimentos sociais, em especial na sociedade contemporânea. O capítulo ainda contemplará o protesto urbano e sua relação com as características que rodeiam a engenharia física e geográfica da cidade. Por fim, será abordada a questão da criação de identidade coletiva através da formação de grupos sociais, bem como seu vínculo com mecanismos que contribuem para a distinção identitária.

No capítulo 3, serão iniciadas discussões norteadas pela sistemática do signo e pela aplicação da simbologia no protesto coletivo, bem como pela análise da função estética do símbolo contextualizado no protesto. Buscando compreender a relação do símbolo com a caracterização da identidade de grupos dissidentes, será também abordada a característica de associação e a teoria linguística que explica o funcionamento da estrutura sógnica, da percepção à interpretação.

Por fim, no capítulo 4, será realizado um estudo de caso, uma análise final que abrange um contexto distante do cenário político ocidental, mas que dispõe de características universais da estrutura da qual o símbolo se constitui. O Movimento Guarda-chuva, originado no território chinês de Hong Kong, será examinado sob a ótica da sociologia e da semiótica, tornando possível perceber e entender elementos empregados no contexto político local, e suas respectivas representações e significados - de modo a exemplificar a aplicação do símbolo em um cenário contemporâneo e rico em comunicação sógnica.

## 1.1 METODOLOGIA

A realização da presente pesquisa dependerá da seleção dos processos e ferramentas teóricas que servirão de base para a sua construção. A escolha do método a ser utilizado é, portanto, o que guiará o desenvolvimento do trabalho. O método é caracterizado como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 83).

Segundo Cervo, Bervian e Da Silva (2007), o método não deve ser tido como sendo uma receita a ser seguida, mas sim uma junção de procedimentos que, através da história, obtiveram êxito na organização e busca do conhecimento. O método científico, sob a visão dos autores, “aproveita a observação, a descrição, a comparação, a análise e síntese, além dos processos mentais da dedução e indução, comuns a todo tipo de investigação, quer experimental, quer racional” (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p. 29).

A pesquisa apresentada terá método qualitativo, ou seja, possuirá caráter exploratório e dependerá de uma análise subjetiva, que compreende variados procedimentos. A reunião de teorias científicas, obras e sínteses múltiplas e a observação de caso caracterizam a construção do trabalho, e caberá ao autor entender, decodificar e relacionar as informações coletadas. A conclusão posterior à análise final fluirá dessa característica qualitativa.

É de grande relevância o levantamento teórico quando se trabalha um processo de comunicação como o que será abordado. A pesquisa bibliográfica é

[...] um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2014, p. 51).

A análise a partir de diferentes observações e pontos de vista será imprescindível no estudo de um fenômeno comunicacional que está cada vez mais presente nas ruas e nas redes virtuais do mundo. Os protestos políticos, na qualidade de fenômenos, se constroem em meio a fatores temporais, sociais, políticos e geográficos diferentes e, apesar de poderem ser relacionados e entendidos como universais dentro de um contexto globalizado, dependem de

teorias que os abrangem por mais de uma perspectiva. Sendo assim, a fim de alcançar o objetivo geral que une aspectos da psicologia social e da comunicação, a pesquisa será redigida lançando um olhar exploratório sobre obras de diferentes autores da área das ciências sociais e da comunicação social, visando entender as questões de comportamento - sociologia e psicologia social - e de representação - comunicação. Será realizada, desta maneira, através da leitura de obras físicas e versões de obras retiradas da internet.

Epstein (2014) define os procedimentos analíticos como transformações de um discurso em outro. Ao “traduzir” um discurso prático em uma linguagem científica, se obtém um segundo discurso que é mais eficaz para a obtenção dos objetivos. Nesta pesquisa, os discursos que envolvem a representação simbólica serão explicados sob um viés científico.

A execução do trabalho dependerá, portanto, de um apoio dos estudos da semiótica, a ciência que “traduzirá” processos de representação. O símbolo como signo, elemento central da monografia, faz parte de uma linguagem de elementos variados, socializados e reconhecíveis por meio das vivências do espectador, e é grande aliado na transmissão de uma mensagem universalizada.

Percebe-se a necessidade de integração teórica sociológica e semiótica<sup>1</sup> para a análise de um fenômeno de comunicação como o que será discutido - o protesto urbano sensorial, rico em representação sónica e em aspectos do comportamento coletivo. De acordo com os autores, a semiótica e a semiologia de origem francesa

[...] fornecem a compreensão do sentido expressivo, do espaço do discurso, da representação, da construção dos simulacros significantes, e também do sujeito, do corpo, da sensação, do tempo vivido que sempre insiste em se reinvestir na imagem. Vasto assunto de pesquisa que procura nas formas, nos objetos, nos lugares, nas situações e nos discursos ou em outras formas de comunicação social a emergência infatigável da significação, do trajeto mesmo do signo em direção ao sentido (CODATO; LOPES, 2014, p. 209).

Essa análise mesclada servirá de procedimento analítico para o estudo de caso que a pesquisa contempla. A presente monografia, que tratará da dissidência política e sua construção simbólica, abrangerá o caso do Movimento Guarda-chuva de Hong Kong e suas singularidades. Hong Kong, em sua posição de Região Administrativa Especial, possui

---

<sup>1</sup> Se inclui nesta terminação a linha francesa de estudo da representação - a semiologia - que conta principalmente aqui com a contribuição de Ferdinand de Saussure. Saussure (2006) introduz a semiologia como a ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social, sendo uma parte da psicologia social e, por conseguinte, da psicologia geral. É ela, de acordo com o autor, que ensina em que consistem os signos e que leis os regem.

marcante histórico de revolta popular. A construção simbólica que se originou a partir dos protestos urbanos no território engloba signos visuais, sonoros e artísticos das mais variadas formas. Por esta razão, bem como por sua popularidade, longo alcance e alto caráter “viral” tecnológico, foi selecionada pelo autor para análise a fim de ilustrar as relações do protesto urbano com a semiótica da comunicação e a formação de grupos e identidades - um aspecto marcante da sociologia e psicologia social.

Dessa forma, será utilizado o estudo de caso único para análise. Robert Yin (2001) define o estudo de caso como sendo a investigação empírica que contempla um fenômeno contemporâneo dentro do contexto real em que está inserido. A análise do caso em questão permite trabalhar elementos bastante diversificados da identidade de grupos sociais mediada por símbolos dentro de um único contexto local, e de forma exploratória. De acordo com Yin (2001), esse estudo exploratório permite que o pesquisador identifique relações causais entre os fatos abordados e também possibilita relacionar o referencial teórico com a interpretação dos fenômenos encontrados na pesquisa.

A fim de lançar um olhar sobre a questão do sentido dentro do caso a ser estudado, o capítulo de estudo de caso único será dividido em três grandes blocos.

O primeiro bloco abordará o símbolo principal, o guarda-chuva, que dá nome ao movimento e norteia a análise, bem como os elementos que dele derivam ou são diretamente associados a ele. Os elementos incluem: a cor, a caracterização pessoal e o uso internacional que decorreu da propagação em grande escala dos símbolos desse contexto. A análise do signo será feita, principalmente, a partir da perspectiva peirceana e de Epstein (2002).

O segundo bloco tratará de sistemas simbólicos, abrangendo os sistemas de linguagem e transmissão de significado através da escrita. A música, os slogans e as plataformas de comunicação física integradas serão examinados através da bibliografia que contempla a estética musical, auxiliada pela teoria linguística de Saussure (2006) e pelo estudo da indeterminação poética, isto é, do caráter “aberto” das obras, descrito por Eco (1986).

Por fim, será contextualizada a questão do consumo como parte do motor do movimento, bem como a relação dele com a arte e com a identidade de diferenciação de Baudrillard (1995) - autor da área da sociologia, cujos estudos também integram as discussões da representação através de um olhar crítico e decisivo sobre mídia, cultura e política. Será possível perceber, então, a imposição de pregnância simbólica que decorre do processo como um todo.

## 2 DISSIDÊNCIA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE

A história da sociedade viu despontar revoltas de cunho político-social nas mais variadas civilizações do mundo. Da Festa do Chá de Boston<sup>2</sup> à Primavera Árabe<sup>3</sup>, as formas coletivas de expressão do descontentamento com injustiças, ainda que de naturezas divergentes, moveram milhões de pessoas a ações espontâneas ou mobilizações planejadas de protesto que advogaram por melhores condições de realizar quaisquer que fossem seus objetivos ou exercer seus merecidos direitos. As manifestações de protesto e os movimentos sociais que derivaram de eventos históricos perduram até a era contemporânea da globalização digital.

A constante busca pelo progresso social, seja ele na forma de concessão de direitos, alterações constitucionais ou fim de opressões de classe, gênero e raça, suscitou a formação de grupos de caráter político. Esses grupos evoluíram para movimentos sociais organizados em grande escala, que compartilham princípios e convicções e constroem suas lutas visando um futuro que contemple seus ideais. Dessa maneira, este capítulo trará estudos de Gohn (1995), Scherer-Warren (2014) e Blumer (1995) que explicitam as percepções sociológicas dos fenômenos coletivos, contando com o auxílio de Cavalcanti e Champagnatte (2015) para interligar essas percepções com as formas de comunicação modernas.

Os grupos sociais se enraizaram nas cidades do mundo. Cidades estas que notavelmente propiciaram condições para a propagação de ideais, opiniões, debates e manifestações coletivas ao juntar multidões e fornecer uma plataforma física para suas mensagens políticas. As obras de Harvey *et al.* (2012), Butler (2018), Richter (2019) e Fischli (2017), serão essenciais para analisar o processo de ocupação urbana e sua relação com a identidade de grupos, contemplando também acontecimentos históricos de uso do meio urbano para fins políticos e de transformação social.

A ocupação e organização grupal gerou, através das décadas, identidades coletivas, propagadas corpo a corpo nos protestos públicos e ecoada no ambiente digital global por meio de instrumentos de comunicação e autoafirmação. Os sentimentos de identidade e

---

<sup>2</sup> Evento ocorrido em 1773, na cidade de Boston, Estados Unidos, na qual colonos estadunidenses jogaram 342 caixas de chá ao mar para protestar contra o alto imposto e o monopólio da Companhia das Índias Orientais sobre o produto.

<sup>3</sup> Série de protestos ocorridos no Oriente Médio e norte da África ao final de 2010 reivindicando melhores condições de vida e o fim de regimes ditatoriais na região.

reconhecimento pessoal se originam da compreensão ideológica de fatores políticos a partir de representações sociais diversas - conceito exposto aqui por Moscovici (2003) - e, nesta pesquisa, serão abordados através das perspectivas de Jasper e McGarry (2015), Hall (1992), Melucci (1995) e Mina (2019).

## 2.1 MOVIMENTOS SOCIAIS E O ATIVISMO CIVIL

A palavra “grupo” significa “[...] associação ou reunião de pessoas com o mesmo objetivo” (LUFT, 2008, p. 361). Esses grupos são originados porque os seres humanos dispõem de uma necessidade inerente à sua condição: a socialização. Ela surge na infância e é baseada na identificação (VIANA, 2007). Essa identificação acaba por formar, mais tarde, organizações mais complexas de grupos, que estabelecem objetivos político-sociais à medida que as pessoas se identificam com valores semelhantes e enxergam a sociedade através da mesma perspectiva. Esses grupos podem ser analisados sob as definições de autores como Scherer-Warren (2014) e Gohn (1995).

Scherer-Warren (2014) caracteriza os grupos organizados como movimentos sociais. Os define como organizações com objetivos políticos definidos ou em construção, a fim do alcance de um projeto de transformação social, cultural ou política. Para a autora, esses movimentos são possuidores de arranjos institucionais que visam sua continuidade temporal. A análise dessas organizações faz perceber a complexidade de seus sistemas e ramificações e as possibilidades de diversificação de objetivos que elas podem dispôr dentro de seus núcleos.

O uso das manifestações públicas para reivindicações e protestos - recursos essenciais a esses grupos - são recorrentes e servem de apoio para ampliação de sua visibilidade na esfera pública de debate. O conceito de Scherer-Warren (2014), portanto, abrange casos como o do Movimento Sem Terra no Brasil, do *Black Lives Matter*<sup>4</sup> (figura 1) nos Estados Unidos - depois expandido nas Américas e para outros continentes do mundo - e as organizações globais de feministas, estudantes, LGBTQs e ativistas do clima.

Os movimentos sociais organizados têm uma relativa permanência temporal e no mundo contemporâneo tendem a se estruturar sob a forma de redes de militância que operam como uma estratégia para a construção de significados políticos ou culturais em comum, tendo em vista conquistar e mobilizar cidadãos e produzir transformações sociais (SCHERER-WARREN, 2014, p. 15).

---

<sup>4</sup> Vidas Negras Importam. Movimento social de origem estadunidense que luta pelo fim da brutalidade policial e violência contra a população preta.

Figura 1 - *Black Lives Matter*



Fonte: Mark Clennon, Nova York (2020)<sup>5</sup>

A autora classifica e explicita as várias modalidades de organizações do ativismo civil. Entre as principais: as marchas, os “indignados” e as manifestações-bloqueio.

As marchas de movimentos sociais são ações que buscam visibilidade a determinadas pautas, manifestações históricas vinculadas a movimentos ou à sociedade civil organizada - Marcha da Maconha e a Marcha Mundial das Mulheres, por exemplo. As manifestações dos “indignados” são agregados de múltiplos coletivos com reivindicações similares, mas que não deixam de ter divergências políticas ou antagonismos internos - Diretas Já<sup>6</sup>, as Jornadas de Junho<sup>7</sup> e Caras Pintadas<sup>8</sup>. As manifestações-bloqueio são caracterizadas por estratégias de luta de pequenos grupos em meio a manifestações maiores e seguem princípios ideológicos usualmente anarquistas, como Black Blocs<sup>9</sup> e Anonymous<sup>10</sup> (SCHERER-WARREN, 2014).

<sup>5</sup> Disponível em: <https://twitter.com/thisismarkc/status/1266898292895551490?s=20>. Acesso em: 01/06/2020

<sup>6</sup> Manifestações da sociedade civil (1983-1984) para a reivindicação de eleições presidenciais diretas no Brasil.

<sup>7</sup> Também conhecida como Revolta do Vinagre ou Manifestação dos 20 centavos, consistiu em uma série de protestos ocorridos durante o mês de junho de 2013. Inicialmente com o objetivo de contestar o aumento nas tarifas de transporte público de São Paulo, se espalharam pelo país e passaram a representar o descontentamento popular com a corrupção dos Três Poderes, a má gestão de gastos e a baixa qualidade dos serviços públicos.

<sup>8</sup> Organização estudantil de 1992 que teve como objetivo principal o impeachment do então presidente brasileiro Fernando Collor de Mello.

<sup>9</sup> Tática de guerrilha urbana anarquista que visa a defesa de manifestantes frente à repressão policial e ataca representações da sociedade capitalista (COSTA, 2014).

<sup>10</sup> Organização descentralizada internacional de ativistas e hacktivistas anônimos conhecida por notórios ataques cibernéticos a governos e grandes corporações, incluindo a CIA, o Vaticano e o *Bank of America*.

Já Maria da Glória Gohn (1995), em própria definição, classifica os movimentos sociais como:

[...] ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo. (GOHN, 1995, p. 44)

Os movimentos sociais tornaram-se elemento do cotidiano das nações pelo mundo. Rapidamente globalizados, espalharam-se por todos os cantos da Terra em suas condições apropriadas ou variantes de grupos políticos com ideais similares. Ao ocupar espaço na esfera do debate, no espaço midiático e fisicamente nas ruas das grandes cidades, tornaram-se alvo recorrente de pesquisa da sociologia e da psicologia social. Passando pelas abordagens de caráter funcionalista<sup>11</sup> e comportamentalista<sup>12</sup>, chegaram a teorias mais recentes de estudo, com destaque para as teorias da Mobilização de Recursos e Mobilização Política, que tentaram explicar o surgimento e desenvolvimento desses fenômenos nas sociedades modernas.

A história da análise dos movimentos no Ocidente contou inicialmente com uma perspectiva tipicamente norte-americana. A Teoria da Mobilização de Recursos (TMR), que decorreu das transformações políticas nos Estados Unidos da década de 1960, foi predominante entre os estudos feitos a respeito dos movimentos sociais no país por muitos anos. O surgimento de grupos contra a guerra do Vietnã (figura 2), pelos direitos civis e a favor de pautas feministas levaram à formação dessa teoria que, de acordo com Gohn (1997), enquadrava essas ações coletivas em padrões de comportamento e organização. É também uma rejeição a teorias anteriores que tinham a origem dos movimentos sociais na psicologia e na identidade pessoal - o sentimentalismo, a quebra de normas e o descontentamento pessoal e coletivo.

---

<sup>11</sup> Fundada por Durkheim, a abordagem funcionalista compreende a sociedade como um organismo composto por órgãos relacionados e com funções específicas (ARAÚJO, [20--]).

<sup>12</sup> Comportamentalismo ou *behaviorismo* entende que o desenvolvimento das habilidades é determinado por suas relações com o meio. Os primeiros estudos o trataram como uma relação de estímulo e resposta, passível de observação (SANTANA, [20--]).



Figura 2 - Manifestação contra a Guerra do Vietnã, Washington D.C.



Fonte: Associated Press<sup>13</sup> (1969)

A TMR tem sua perspectiva principal advinda de questões econômicas. Como seu nome indica, sua variável mais importante é a dos recursos financeiros, humanos e de infraestrutura. Os movimentos sociais só são originados, portanto, quando são viabilizados os recursos econômicos para tal. A autora também afirma, a respeito da teoria, que “os movimentos não são vistos de forma distinta dos partidos, lobbies e grupos de interesses, como no paradigma clássico. Ao contrário, eles jogam e disputam seu público consumidor, de adeptos ou financiadores, num mesmo campo” (GOHN, 1997, p. 51).

O protesto político, então, é visto como parte de um “mercado”. Trata-se de uma lógica puramente econômica. A Mobilização de Recursos nega valores sociais e culturais e dá ênfase à “metáfora” da empresa. “A antipatia que gerou na esquerda, ao comparar movimentos com empresas, talvez explique a pequena ressonância da TMR na Europa e sua inexpressiva entrada na América Latina. Já em casa [Estados Unidos], teve impacto grande e imediato” (ALONSO, 2009, p. 53).

A Teoria da Mobilização de Recursos, porém, sofreu alterações e posteriormente originou outros estudos sobre os movimentos sociais (GOHN, 1997). As perspectivas surgiram em continentes diferentes e carregam particularidades mais específicas em suas abordagens. Entre os estudos que divergem da TMR, estão: A Teoria da Mobilização Política,

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/11/08/magazine/vietnam-war-protest-1969.html>. Acesso em: 03/06/2020

a Teoria dos Novos Movimentos Sociais e o paradigma marxista sobre os movimentos - que se difundiu por muitos países e continentes.

Gohn (1997) afirma que, durante a era da globalização, por volta da década de 1970, uma nova fase de análise dos movimentos sociais passou a ser considerada nos estudos. Essa fase foi uma reformulação da TMR e buscava preencher lacunas deixadas por ela, uma vez que o cenário social já não era mais o mesmo e, conseqüentemente, não podia ser tratado sob a ótica exclusiva da lógica econômica. A reformulação, denominada de Teoria da Mobilização Política (TMP), reativou um enfoque cultural de análise, e a interpretação das ações coletivas e dos discursos proferidos nelas passou a considerar essa característica. De certa forma,

[...] a linguagem, as idéias, os símbolos, as ideologias, as práticas de existência cultural, tudo passou a ser visto como componente dos conflitos expressos nos discursos, numa análise menos preocupada com a desconstrução de textos e mais interessada nos símbolos de ideias naqueles discursos, enquanto veículos de significados sociais que configuram as ações coletivas (GOHN, 1997, p. 70).

A autora ainda cita outro aspecto a ser debatido, que diz respeito aos movimentos analisados por essa nova fase. Enquanto que durante a TMR os estudiosos partiram sua análise dos movimentos das mulheres, direitos civis e dos contrários à guerras e armas, a segunda fase tratou de um campo mais amplo, que acompanhou as mudanças da vida real, contemplando a nova política do “politicamente correto”. A TMP dá abertura para a conceituação dos Novos Movimentos Sociais: os movimentos do clima, de minorias sociais - LGBTQs, negros e indígenas - dos estudantes, pelos direitos dos animais e movimentos religiosos, que passaram também a ser alvo dos estudos. Movimentos que antes tinham pouca ou nenhuma força, agora ocupavam grandes plataformas e espaço nas discussões, como as coberturas midiáticas de protestos do Greenpeace<sup>14</sup> (figura 3) e as paradas do orgulho LGBTQ. Esses novos movimentos quebraram a referência classista que dominava os estudos à medida que houve entendimento de que os indivíduos assumiram novas identidades além de “patrão e empregado”, isto é, identidades que não decorrem apenas das relações de produção.

A partir dessa nova perspectiva, “[...] os protestos, descontentamentos, ressentimentos e outras formas de carência existentes na comunidade [...] foram também reconhecidos como fontes de recurso” (GOHN, 1997, p. 71). Assim, houve uma explicação de omissões que a

---

<sup>14</sup> Organização não governamental fundada em Vancouver, Canadá (1971), que atua para a preservação do meio ambiente em escala global. Suas ações são baseadas nos princípios de desobediência civil e de ação direta pacífica.

TMR não havia tratado até então. Estabelece-se uma visão de que os movimentos sociais não são simplesmente peças movidas com recursos econômicos e sim agentes de mudança social, uma vez que suas táticas - os protestos, por exemplo - são socialmente construídas e constantemente geram novas energias. De acordo com Gohn (1997), a partir dessa nova interpretação cultural, “[...] rejeitou-se a abordagem que trata a cultura como um sistema, passando-se a vê-la como um processo” (GOHN, 1997, p. 72).

Figura 3 - Ativistas do Greenpeace, Mar de Barents



Fonte: Nick Cobbing/Greenpeace (2017)<sup>15</sup>

Justamente por enxergar a cultura como processo, é que a TMP se aproxima de uma análise similar à de Durkheim sobre ações sociais e cultura e não a de outros autores como Max Weber e Talcott Parsons (GOHN, 1997). Durkheim é conhecido por afirmar que a cultura é definida por representações e não por ideias, em contraposição a Weber. “Enquanto a perspectiva weberiana toma o indivíduo como unidade da análise, a perspectiva durkheimiana toma o grupo e o processo que ele constrói” (GOHN, 1997, p. 72).

A autora reforça que, na TMP, as identidades e ideologias também passaram a ser vistas como recursos, assim como “[...] as oportunidades políticas, os símbolos e códigos construídos no processo de mobilização, [...] vistos como instrumentos, meios para certos fins” (GOHN, 1997, p. 78).

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.maritime-executive.com/article/norwegian-coast-guard-arrests-greenpeace-ship>. Acesso em: 23/07/2020. Ativistas do Greenpeace remaram ao redor de um globo anexado ao equipamento da usina petrolífera norueguesa Statoil, no Oceano Glacial Ártico. O globo continha declarações escritas de cidadãos do mundo inteiro com pedidos para que o governo da Noruega interrompesse a exploração de petróleo no Ártico.

No estudo que abrange as representações sociais, a análise de Serge Moscovici (2003) contribui para melhor compreensão de sua sistemática. Na introdução da obra que disserta sobre a Teoria das Representações Sociais, encontra-se um exemplo de representação que ilustra e confere mais clareza a esse conceito. Trata-se da noção ocidental e oriental da Europa. É de conhecimento geral que Viena, na Áustria, faz parte do Oeste Europeu e que Praga, na República Tcheca, pertence ao Leste. Geograficamente, porém, Praga está a oeste de Viena. Essa noção acontece porque a imagem da geografia europeia foi construída a partir de visões políticas, nas quais a perspectiva ideológica “substituiu” a geográfica. Padrões de comunicação do pós-guerra foram responsáveis por influenciar a imagem coletiva que se tem acerca desse tema (MOSCOVICI, 2003). Criou-se, portanto, uma representação social.

Dentro da psicologia social, Moscovici (2003) considera as representações sociais essenciais para compreender a realidade que cerca o indivíduo e o coletivo, e a trata como um sistema de crenças que guia a sociedade. Ele também afirma que a teoria tende à uma direção de teoria geral dos fenômenos sociais e específica dos fenômenos psíquicos.

É uma teoria geral à medida que, dentro do que lhe compete, uma sociedade não poderia ser definida pela simples presença de um coletivo que reuniu indivíduos através de uma hierarquia de poder, por exemplo, ou através de intercâmbios baseados em interesses mútuos. Certamente existem poder e interesses, mas para serem reconhecidos como tais na sociedade devem existir representações ou valores que lhes dêem sentido e, sobretudo, que se esforcem para que os indivíduos converjam e se unam através de crenças que garantam sua existência em comum. Isso tudo é guiado por opiniões, símbolos e rituais, isto é, por crenças e não simplesmente pelo conhecimento ou técnica. As opiniões pertencem a uma ordem diferente: crenças sobre a vida em comum, sobre como as coisas devem ser, sobre o que se deve fazer; crenças sobre o que é justo, o que é verdadeiro e o que é belo; e ainda outras coisas, todas produzindo um impacto nos modos de se comportar, de sentir ou de transmitir e permutar bens (MOSCOVICI, 2003, p. 171-172).

O autor ainda afirma que, “[...] as sociedades se despedaçam [...] se não houver uma soma de ideias e valores em que elas acreditam, que possa uni-las através de uma paixão comum que é transmitida de uma geração a outra” (MOSCOVICI, 1993 *apud* MOSCOVICI, 2003, p. 172).

Essas representações, portanto, são inerentes à vida humana social e conduzem os indivíduos à participação em múltiplas ações coletivas à medida que fazem com que eles consigam transformar conceitos estranhos e desconhecidos em realidades mais familiares e entendíveis. Pode-se explicar, a partir dessa percepção, a existência de movimentos sociais e organizações, uma vez que são compostos por pessoas que percebem representações sociais e

as interpretam da mesma maneira, sendo, então, guiadas por crenças e paixões comuns. Representações sociais sobre cotas raciais universitárias, por exemplo, são usualmente hegemônicas nos movimentos negros.

É importante lembrar que todas as representações sociais são frutos de muitas camadas de socializações. Moscovici (2003) afirma que é impossível obter informações “puras”, sem interferências ou outras representações sociais por cima delas, especialmente se considerado o fato de que o mundo é totalmente social e as pessoas tendem a preferir explicações populares à científicas.

Quando contemplamos [...] indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como as vemos (MOSCOVICI, 2003, p. 33).

A partir desses conceitos, percebe-se uma possível causa para a divergência ideológica dos grupos sociais quanto à quaisquer temáticas que dominem o espaço de debate. Socializações, aspectos culturais e até mesmo localizações geográficas são fatores de interferência na interpretação e construção de representações sociais, e são eles que guiam a formação de grupos na sociedade.

### **2.1.1 A Dimensão Virtual**

A organização que dá vida ao protesto e que mantém as engrenagens dos movimentos sociais em funcionamento tornou-se, também, fator crucial na luta política. Na era pré-digital, isto é, antes do advento da internet e dos meios de comunicação instantânea, a dispersão e fracasso de um protesto político ou demonstração pública devido à frágil comunicação entre as partes integrantes era, possivelmente, o maior desafio enfrentado pelos membros organizadores (TUFEKCI, 2017).

De acordo com Tufekci (2017), um militar estrategista moderno diria facilmente que logística pode ser o fator de sucesso ou de fracasso de uma batalha, e que o mesmo ocorre com protestos modernos. Assim como as mensagens oficiais que falhavam em chegar a outros reinos porque o mensageiro tombava do cavalo no meio do caminho, a reunião de membros em uma manifestação pública urbana depende imprescindivelmente de uma comunicação interligada que atinja todos os seus pretendidos receptores sem obstáculos, de forma rápida e

eficiente. A internet, em especial no que se refere às redes sociais de interação, é hoje mais responsável pelo sucesso de um protesto do que quaisquer outros fatores. Na qualidade de plataforma propagadora, confere certa horizontalidade à disseminação da informação, uma maneira mais igualitária de comunicação que quebra o padrão hierárquico vertical vigente até então.

Compreende-se o meio virtual, assim, como um espaço de reconhecível necessidade no século XXI. É o verdadeiro paraíso dos rebeldes.

O ciberespaço emerge como um território sem fronteiras, aparentemente sem controles e hierarquias, em que não há pontos fixos e nem lineares para a disseminação de informações. Nesse sentido, há condições de conteúdos serem produzidos e distribuídos instantaneamente, numa dinâmica horizontal/todos-todos, na qual os conteúdos não estão sujeitos a um todo uniformizador e centralizador de poderes do tipo vertical/um-todos, estimulando, assim, o rompimento com monopólios de elaboração/distribuição da informação (CAVALCANTI; CHAMPANGNATTE, 2015, p. 314)

Cavalcanti e Champangnatte (2015) citam o Movimento Zapatista do México<sup>16</sup> como um dos primeiros grandes movimentos a utilizarem o ciberespaço como plataforma para mobilização da sociedade civil, em 1994. Os zapatistas foram capazes de construir uma rede de solidariedade às reivindicações indígenas da região de Chiapas utilizando o meio digital e sem disparar uma bala sequer em suas mobilizações. Da internet para a televisão, os protestos tomaram grandes proporções midiáticas, trazendo atenção local e internacional à situação dos povos nativos (CAVALCANTI; CHAMPANGNATTE, 2015). O movimento ainda perdura e conta com o apoio de parcelas da sociedade civil mexicana e até de alas governamentais.

Assim como os indígenas mexicanos, os povos árabes do Oriente Médio e do norte da África também tomaram as redes sociais para organizar e mobilizar multidões em uma série de eventos que ficou posteriormente conhecida como Primavera Árabe, em 2010. Membros da sociedade civil e a classe inconformada com os regimes políticos do mundo árabe utilizaram o Twitter, o Facebook e o Youtube, assim como outros canais menores, para agendar protestos e direcionar as críticas contra os abusos do Estado sobre a população e contra a violação de direitos humanos cometida na região. (CAVALCANTI; CHAMPANGNATTE, 2015). Os protestos obtiveram rápidos resultados. O presidente da

---

<sup>16</sup> Guerrilha de origem indígena da região de Chiapas, sul do México. Suas principais reivindicações são gestão autônoma, reforma agrária, fim da marginalização indígena e a extinção do NAFTA (Acordo de Livre Comércio da América do Norte), visto como símbolo de submissão ao imperialismo estadunidense.

Tunísia, Zine el-Abdine Ben Ali, no poder desde 1987, fugiu para a Arábia Saudita dez dias após o início das rebeliões que tomaram as ruas (figura 4) e foi o primeiro a ser deposto, em janeiro de 2011.

Figura 4 - A flor de Tunes



Fonte: Christopher Furlong/Getty Images (2011)<sup>17</sup>

Inegável também é o protagonismo das redes nas Jornadas de Junho. Cavalcanti e Champangnatte (2015) afirmam que foi a mediação online a maior propiciadora do fenômeno. As plataformas serviram para organizar, estrategizar e espalhar as assembleias e passeatas, além de levantar debates sobre as reivindicações gerais dos manifestantes e divulgar a repressão e os abusos cometidos por forças policiais. A midiatização dos protestos também deram abertura para que plataformas independentes reconfigurassem o jornalismo online.

O surgimento de veículos coletivos contra-hegemônicos como o Mídia Ninja<sup>18</sup>, contribuiu para a descentralização da informação, com suas coberturas transmitidas ao vivo diretamente dos locais de ocupação, como mostra a figura 5. Definido inicialmente pelo New York Times como um estúdio de produção improvisado e itinerante que “[...] circula nas ruas com smartphones, câmeras e um gerador mantido em um carrinho de supermercado”<sup>19</sup>

<sup>17</sup> Manifestantes inseriram flores nos canos de armas para pedir paz e o fim da repressão. Tunes, Tunísia, 2011. Disponível em: <https://www.vox.com/2016/1/27/10845114/arab-spring-failure>. Acesso em: 21/07/2020.

<sup>18</sup> Canal de mídia fundado em 2013 que ganhou notoriedade durante as manifestações de junho do mesmo ano, nas quais realizou coberturas descentralizadas “invisíveis” aos veículos tradicionais de informação do Brasil.

<sup>19</sup> “[...] has been circulating through the streets with smartphones, cameras and a generator held in a supermarket cart” [tradução nossa].



(NEUMAN; ROMERO 2013)<sup>20</sup>, o Mídia Ninja foi um dos diversos portais que transformaram a maneira como as redes influenciam a comunicação dos brasileiros.

Figura 5 - *Live* nas Jornadas de Junho



Fonte: Mídia Ninja (2013)<sup>21</sup>

A democracia, os direitos civis e a liberdade socioeconômica, porém, não são permanente conquista, isto é, dependem da constante atuação da sociedade para que sejam mantidos. A constância da luta política se dá justamente pelo caráter efêmero e instável dos sistemas políticos, principalmente em nações onde o histórico de repressão estatal e autoritarismo é comum. Esse fator explica o porquê de muitas das revoltas da Primavera Árabe terem sido brutalmente reprimidas e condenadas ao fracasso. A atuação dos movimentos sociais, assim, ainda que clandestinamente, é importante faísca para incêndios que um dia hão de surgir novamente.

## 2.2 O PROTESTO URBANO

O maior palco da insatisfação popular é a rua. A expressão de uma opinião, usualmente contrária ao sistema ou situação vigente, é um exercício democrático e um direito humano universal, e a via pública é uma aliada significativa da resistência política. Como

<sup>20</sup> Disponível em: [https://www.nytimes.com/2013/06/21/world/americas/brazil-protests.html?pagewanted=2&ref=world&\\_r=0](https://www.nytimes.com/2013/06/21/world/americas/brazil-protests.html?pagewanted=2&ref=world&_r=0). Acesso em: 21/07/2020

<sup>21</sup> Disponível em: <https://midianinja.org/project/classicos-ninja/>. Acesso em: 21/07/2020



afirma o Artigo 20 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, "Todo ser humano tem direito à liberdade de reunião e associação pacífica." (Assembleia Geral da ONU, 1948). De Berlim a Tóquio, de São Paulo à Bangkok e de Nova York à Marrakech, os protestos da dissidência tomam as ruas dos densos centros urbanos para expressar os ideais dos oprimidos e dos descontentes. As ruas, dessa forma, fornecem a esses manifestantes uma plataforma para comunicação e exercício de um direito universal.

O espaço urbano, ainda que fisicamente limitado, ecoa ideias que desconhecem as limitações geográficas. O ano de 1848 inaugurou o *Springtime of the Peoples*<sup>22</sup>, que, marcada como a maior onda revolucionária da história europeia, buscou destronar reis, erradicar as monarquias e estabelecer regimes democráticos no continente (SOUSA, [20--a]). Os protestos urbanos, que comunicavam o interesse popular de luta contra a aristocracia, se iniciaram e se disseminaram como reações em cadeia e, ainda que a maioria tenha sido suprimida, como afirma Sousa [20--a], o surgimento de ideais liberais fez perceber que eles serviram como prova de que a ocupação é força catalisadora de movimentações nas estruturas sociais.

Além disso, “[...] devemos ainda salientar que nesse mesmo ano houve a publicação do Manifesto Comunista, obra de Karl Marx e Friedrich Engels que defendia a mobilização dos trabalhadores” (SOUSA, [20--a]). A obra tornou-se símbolo da luta popular pela justiça socioeconômica, perdurando até a modernidade.

Comungando da união exprimida por esse livro, várias cidades foram tomadas por barricadas de trabalhadores que se espalharam por cidades da França, dos Estados Alemães, da Áustria e outros grandes centros urbanos. Apesar dos ideais românticos e das bandeiras coloridas em favor de uma sociedade mais justa, a “Primavera” não conseguiu transformar definitivamente a Europa. Contudo, demonstraram a nova articulação política que estava sendo engendrada (SOUSA, [20--a]).

Na história recente, a queda do Muro de Berlim (1989) é talvez, de igual maneira, um perfeito exemplo de como a limitação física dos centros urbanos não quebra ideais, por mais que tente os suprimir. “As ideias, quando começam a circular, desconhecem as limitações do espaço, pois têm a força para construir um novo” (HARVEY *et al.*, 2012, p. 46).

Um exemplo mais antigo, descrito pelos autores, explicita o poder do espaço físico como plataforma de conexão, ainda durante o período em que Napoleão Bonaparte governava a França. No início do século XIX, o imperador enviou tropas francesas ao Haiti, sua então

---

<sup>22</sup> Primavera dos Povos, também conhecida como Revoluções de 1848 ou Primavera das Nações.

colônia, com o objetivo de recuperar o poder que foi tomado pelos escravos e restaurar o regime escravocrata no domínio caribenho. Os soldados franceses, incutidos com os ideais da Revolução Francesa, escutaram os escravos negros cantando *La Marseillaise*<sup>23</sup> do outro lado do campo de batalha. O Hino promoveu uma reflexão instantânea nas tropas de Napoleão. Como era possível que estivessem lutando contra seus próprios ideais? Aquele ato foi suficiente para quebrar o espírito de combate (HARVEY *et al.*, 2012). O fato dificilmente teria tanto poder em outra circunstância que não aquela: física, presente, simbólica - mesmo que tivesse acontecido em tempos mais modernos.

O espaço físico permanece como protagonista da desobediência civil e a ocupação do território urbano público uma tática de protesto muito utilizada pela dissidência política ao redor do mundo. De acordo com Harvey *et al.* (2012), “existem certos momentos na história em que um acontecimento aparentemente localizado, regional, tem a força de mobilizar uma série de outros processos que se desencadeiam em diversas partes do mundo” (HARVEY *et al.*, 2012, p. 46). O movimento *Occupy*<sup>24</sup> é um dos maiores exemplos contemporâneos desse ideal. O *Occupy Wall Street*<sup>25</sup> levou os descontentes com o capitalismo selvagem ao maior círculo financeiro do mundo, o centro do “império” capitalista - sede das grandes corporações globais. Os protestos do gênero não só se espalharam seguindo a definição de Harvey *et al.* (2012), como também tiveram sua inspiração em outro fenômeno - a Primavera Árabe, grande marco inicial da resistência democrática dos anos 2010.

A apropriação do local público por grupos em assembleias coletivas e plurais, impulsionada pelo uso massivo das redes sociais, reuniu centenas de milhares de pessoas nas ruas das grandes metrópoles mundiais (BUTLER, 2018).

As assembleias se afirmam e se fazem apresentar pela fala ou pelo silêncio, pela ação ou pela inação contínua, pelo gesto, por se reunirem como um grupo de corpos no espaço público, organizado pela infraestrutura - visível, audível, tangível, exposta de maneira tanto deliberada quanto indesejada, interdependente de formas tanto organizadas como espontâneas (BUTLER, 2018, p. 176).

---

<sup>23</sup> “A Marselhesa”. Hino Nacional da França, composto por Claude Joseph Rouget de Lisle, em 1792, como uma canção revolucionária. Adquiriu popularidade durante o período da Revolução Francesa, principalmente entre as unidades militares de Marselha, na costa mediterrânea (RAY, 2018).

<sup>24</sup> Série de protestos internacionais originados em 2011 contra a injustiça social promovida pela desigualdade econômica. Consistiam na ocupação de locais públicos de grandes cidades em forma de protesto não violento (TOWNSEND, 2014).

<sup>25</sup> Ocupação física por manifestantes nos arredores de *Wall Street*, distrito financeiro de Manhattan, Nova York.

Ainda que o ativismo online seja imprescindível, em especial se considerado o engajamento jovem e global nas redes, nada supera o poder da reunião física. Harvey *et al.* (2012) afirma que a associação coletiva no espaço público é indubitavelmente mais importante do que os fluxos de comunicação na internet, apesar de ambos serem aliados. “O poder coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a todos os outros meios está bloqueado” (HARVEY *et al.*, 2012, p. 61). Fica evidente a necessidade da ocupação física, especialmente frente a restrições cada vez mais constantes no meio virtual. Em muitos países, esse fator passou de característica usual para única alternativa praticável.

Kaminski (2014) sustenta que 2011 foi um ano importante para as mobilizações coletivas ao redor do mundo e marcou o século com o início de uma onda anticapitalista e anti-autoritária global. As ruas chilenas foram tomadas por estudantes, descontentes com o domínio do neoliberalismo como sistema econômico por décadas no país. Do outro lado do mundo, em Israel, centenas de milhares de pessoas ocuparam o Boulevard de Rothschild<sup>26</sup>, a fim de reivindicar justiça social e, assim como os chilenos em outro continente, o fim das medidas neoliberais que aumentaram o custo de vida no país. Foi também o ano da Revolução Egípcia<sup>27</sup> e do movimento *¡Indignados!* (figura 6), que apareceu na Espanha em maio, organizado pelas redes sociais e com o intuito de promover mudanças políticas na sociedade espanhola, principalmente no que se refere à precarização do trabalho (KAMINSKI, 2014).

Figura 6 - Os Indignados de Valência



Fonte: Getty Images (2011)<sup>28</sup>

<sup>26</sup> Ponto turístico da cidade israelense de Tel Aviv e uma das ruas mais caras do país.

<sup>27</sup> Também chamada de Revolução de Lótus, exigia a deposição do então presidente Hosni Mubarak. As manifestações, e seus organizadores, foram diretamente inspirados pela Revolução de Jasmim, que levou à queda do presidente da Tunísia, Zine el-Abidine Ben Ali (PORTO, [201-]).

<sup>28</sup> Disponível em: <https://caravanmagazine.in/perspectives/occupy-everywhere>. Acesso em: 29/07/2020

Harvey (2014), afirma também que as lutas de classe tiveram bases urbanas no decorrer da história. Os movimentos revolucionários de Paris de 1789<sup>29</sup>, a Greve Geral de Seattle de 1919 e a Primavera de Praga<sup>30</sup> de 1968 têm em comum a ocupação do espaço urbano para a luta popular. O autor sustenta que “[...] em várias ocasiões, o espírito de protesto e revolta alastrou-se de modo contagioso e extraordinário pelas redes urbanas” (HARVEY, 2014, p. 210). E assim como preencheram o período histórico, continuam a existir na contemporaneidade.

A ocupação cidadina também teve significativos episódios de protesto no oriente e no continente africano. O Protesto na Praça da Paz Celestial, em 1989, que deu origem a um dos mais violentos massacres da história chinesa, consistiu em uma série de manifestações lideradas por estudantes chineses que marcharam pacificamente nas ruas de Pequim contra a repressão estatal e a corrupção do governo central. Os atos populares, porém, foram recebidos com brutalidade policial e supressão do governo chinês, e deram origem a uma das mais famosas fotografias políticas da história recente (SUDWORTH, 2019), vista na figura 7. A imagem tornou-se famosa ao capturar o exato momento em que um manifestante se posiciona em frente a um tanque militar, desafiando o governo do país em um ato simbólico, celebrado até hoje por dissidências democráticas na China, incluindo a juventude hongconguesa.

Figura 7 - Rebelde Desconhecido, 1989



Fonte: Getty Images<sup>31</sup> (1989)

<sup>29</sup> Revolução Francesa.

<sup>30</sup> Período de protestos em massa ocorridos na Tchecoslováquia, em 1968, liderados pelo líder comunista Alexander Dubček, contra o autoritarismo burocrático da União Soviética [SILVA, 20--].

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-48445934>. Acesso em: 06/06/2020

As grandes cidades, porém, de acordo com Harvey (2014), não podem ao todo ser vistas como locais passivos onde surgem correntes da luta política. Sua ambientação e seus desenhos físicos as tornam universos bastante propícios à eclosão de protestos. “A centralidade de praças como a Tahir, da Paz Celestial e Sintagma<sup>32</sup>, as ruas mais facilmente barricáveis de Paris se comparadas às de Londres ou Los Angeles, ou a posição de El Alto [Bolívia] controlando as principais rotas de abastecimento para La Paz” (HARVEY, 2014, p. 212) estão entre os melhores exemplos de como a geografia pode ser a grande aliada dos dissidentes.

Sendo assim, não é surpresa que a reorganização física das cidades seja projeto político de elites detentoras do poder e também ações essenciais para militarização em nações do Oriente Médio e até mesmo da América Latina e Ásia. O conflito está na engenharia social por trás da ambientação. As torres com câmeras de reconhecimento facial de Hong Kong são parte dessa engenharia urbana de controle, por exemplo. E previsível é o impacto que isso teria, hora ou outra, nas discussões sobre privacidade e controle do Estado sobre a sociedade civil. Aqui também não é surpresa que tenham sido alvo de manifestantes, mostrados em vídeo<sup>33</sup> derrubando as torres durante os novos protestos contra a China continental em 2019.

O caráter público da cidade, sendo objeto de controle por parte das elites dominantes e dos governos na ascensão ao autoritarismo, como visto até então, entra também na luta política de reivindicação pelos indivíduos à margem das áreas centrais. (BUTLER, 2018). Como é possível que uma cidade de todos não seja de fato ocupada por todos? Zonas exclusivas e muitas vezes tomadas através da gentrificação não são mais de acesso irrestrito das camadas populares. A reivindicação do espaço público é, assim, reivindicação de espaço político.

A política, dessa forma, como afirma Butler (2018), está nas casas, nas vizinhanças e nas ruas. Trata-se da reconfiguração dos ambientes materiais. Ao mesmo tempo em que os ambientes são base da ação, também são parte dela. O uso do espaço público o transforma em plataforma e, assim como o grupo de ativistas que toma um tanque militar e sobe nele para falar à multidão, o mesmo ocorre com as ruas, becos, praças e avenidas. A Ágora Grega e o

---

<sup>32</sup> Cairo, Pequim e Atenas, respectivamente.

<sup>33</sup> Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/video/2019/aug/26/hong-kong-anti-surveillance-protesters-tear-down-smart-lamp-post-video>. Acesso em: 31/07/2020

Fórum Romano foram precursores de algo que se tornaria recorrente na civilização milhares de anos depois.

Fischli (2017) reforça a importância da análise geográfica e afirma que a escolha dos locais para protesto não ocorre de forma arbitrária. Cada tipo de protesto é especificamente apropriado para sua localização e uma análise próxima permite perceber essa característica com mais facilidade. O local é de extrema importância para o sucesso dos atos e, de acordo com o autor, é “[...] não apenas o pano de fundo no qual a ação do protesto acontece, mas adicionalmente carrega significado consigo, assim contribuindo consideravelmente para o significado do protesto”<sup>34</sup> (FISCHLI, 2017, p. 362). A Praça da Dignidade, ocupada em 2019, (figura 8) exemplifica a conexão da mensagem - nesse caso, uma vida digna e economicamente justa - com a localidade, plataforma na qual é propagada.

Figura 8- “*Re-evolución*”



Fonte: Susana Hidalgo/Instagram<sup>35</sup> (2019)

<sup>34</sup> “not only the backdrop against which the protest action plays out but additionally carries meaning in itself, thus contributing significantly to the protest’s meaning” [tradução nossa].

<sup>35</sup> “Re-evolução”. Ocupação da Praça Itália, apelidada como Praça da Dignidade, centro de Santiago, durante os protestos de 2019 no Chile. Os manifestantes foram às ruas em resposta ao aumento nas tarifas de metrô, ao alto custo de vida, à brutalidade das forças militares e às privatizações do governo neoliberal de Sebastián Piñera (McGOWAN, 2019). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B4EFvVzFcv/>. Acesso em: 30/07/2020

O autor ainda afirma que várias considerações são essenciais para os organizadores. Facilidade de acesso e de expansão de espaço favorecem assembleias com grandes multidões. Assim como características espaciais, são úteis as rotas de escape em caso de confronto com grupos contrários ou forças policiais e militares. Além disso, pelo desejo de visibilidade e plataforma de alcance à grandes audiências, escolhem-se zonas densamente povoadas e movimentadas (FISCHLI, 2017). Em cidades globais<sup>36</sup> como Nova York, Paris, Milão e Tóquio, pontos conhecidos e importantes - praças e avenidas famosas e pontos turísticos - são excelentes escolhas devido ao fácil reconhecimento que têm pelos espectadores internacionais e devido à visibilidade midiática que conferem ao protesto. A decisão acerca da posição geográfica é, dessa maneira, a escolha de uma plataforma ideal para comunicar.

Em algumas ocasiões, o próprio local de escolha tem a ver com o objeto de protesto. É o caso do Parque Gezi, em Istambul, 2013, assim como os frequentes protestos em frente ao Congresso Nacional em Brasília e no *National Mall*<sup>37</sup>, em Washington D.C. Estes dois últimos usualmente escolhidos por sua conexão simbólica com o poder (FISCHLI, 2019).

Os protestos do Parque Gezi tiveram, inicialmente, cunho ambiental. Com o intuito de impedir a demolição de árvores para a construção de um quartel militar e um shopping, se transformaram em protestos nacionais contra o governo de Recep Erdoğan à medida que as forças policiais turcas reprimiram os atos públicos dos ambientalistas (CHEVIRON, 2013). As reivindicações, então, passaram a ser o fim do mandato de Erdoğan, a liberdade de expressão, de assembleia e de imprensa. Os protestos de Gezi são particularmente interessantes do ponto de vista de análise geral, uma vez que utilizaram de várias características que, citadas até aqui, envolvem os protestos modernos: ciberativismo, marchas e ações de desobediência civil conjunturais, espontâneas e planejadas.

Importante observar que o fenômeno foi capaz de reunir mais de 2,5 milhões de pessoas nas ruas da Turquia<sup>38</sup>, com foco especial para Istambul, que abriga 15 milhões de turcos. O parque Gezi permanece hoje, anos depois, permitindo livre acesso à população e seus planos de demolição foram cancelados. A organização online desses protestos urbanos

---

<sup>36</sup> Cidades que exercem influência internacional. São dotadas de técnica e conhecimento em serviços de elevada influência nas decisões vinculadas à economia globalizada e ao progresso tecnológico (FRANCISCO, [20--])

<sup>37</sup> Parque nacional na capital dos Estados Unidos, próximo ao Capitólio e a edifícios governamentais de Washington D.C. Local de celebração de posses presidenciais que reúnem centenas de milhares de pessoas.

<sup>38</sup> Disponível em:

<https://www.dw.com/en/three-years-on-in-turkey-no-justice-for-victims-of-gezi-park-protests/a-19294078>.

Acesso em: 06/10/2020



obteve tanto sucesso que, apesar da vitória, pouco tempo depois, desencadeou medidas de censura do legislativo turco. Em 2014, foram aprovadas leis de controle e vigilância das redes sociais<sup>39</sup>. Percebe-se, assim, pela primeira vez no país, uma ameaça das redes como combustível da ocupação urbana, ilustrada na figura 9.

Figura 9 - Dupla dimensão



Fonte: Reuters<sup>40</sup> (2013)

O parque tornou-se, de certa forma, um símbolo de resistência para a população turca. O mesmo ocorreu com a praça Tahrir, no Cairo, durante a Revolução Egípcia e, inspirada nesta última, a Praça da Pérola, em Manama, Bahrein, que mesmo depois de ser demolida, continuou sendo símbolo e local de ocupação por dissidentes.

O uso do espaço público como plataforma para disseminação de mensagens abrange também outro tipo de comunicação. Paredes, muros, calçadas, janelas, fachadas e telhados são como grandes outdoors publicitários para a dissidência. Bettina Richter (2017a) explica que, mesmo em tempos antigos como o Renascimento, as pessoas já tiravam vantagem do espaço comum para propagar ideias contrárias a autoridades. A autora cita as Estátuas Falantes de

<sup>39</sup> Informações retiradas de: <https://www.bbc.com/news/world-europe-26062038>. Acesso em: 01/08/2020

<sup>40</sup> Manifestante turco acessa a internet durante protesto no Parque Gezi, Istambul, 2013. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2013-06-11/the-latest-images-from-turkey-as-police-continue-their-crackdown-on-protesters> Acesso em: 02/08/2020



Roma<sup>41</sup> (figura 10) como populares exemplos. As figuras também ficaram conhecidas como Estátuas de Pasquino devido a um romano anônimo do século XVI que colava nelas versos satíricos contra as tentativas autoritárias repressivas de papas, do clero e da nobreza italiana. O ato popularizou-se na sociedade romana e continua sendo uma tradição até a contemporaneidade (Richter, 2017a).

Figura 10 - Estátua Falante de Roma



Fonte: Jonathan Rome<sup>42</sup> (2013)

Mais tarde, já no século XX, a comunicação estritamente verbal passou a incluir imagens, essas com fins econômicos e de publicidade. Com a aproximação dos grandes conflitos europeus, surgiram os pôsteres de guerra, ferramenta poderosa de propaganda estatal para a sociedade civil.

<sup>41</sup> Grupo de estátuas antigas fragmentadas datadas do século XVI, localizadas na *Piazza di Pasquino*, em Roma, Itália (RICHTER, 2017a).

<sup>42</sup> Disponível em: <https://romeonrome.com/2013/03/satire-graffiti-and-talking-statues/>. Acesso em: 01/10/2020

O pôster de guerra introduzido pelo Estado foi o precursor do pôster de resistência política. Artistas comprometidos reconhecidos por esses trabalhos gráficos criaram, para as ruas, conduções ideais pelas quais eles poderiam atingir públicos expandidos para além das paredes dos museus e do *establishment*. (RICHTER, 2017a, p. 378)<sup>43</sup>

Esse tipo de arte contra-hegemônica e antiguerra contou com trabalhos da alemã Käthe Kollwitz, do suíço Théophile-Alexandre Steinlein e de dezenas de outros que tiveram suas artes anexadas a muros de bairros citadinos. John Heartfield, de acordo com Richter (2017a), usou técnicas de fotomontagem para advertir a sociedade alemã e europeia dos perigos do fascismo hitlerista, reunindo elementos artísticos das vanguardas construtivista russa e dadaísta (figura 11). Os pôsteres de Heartfield se tornaram populares por sua característica denunciadora satírica e chegaram a ser vendidas 500 mil cópias até a tomada do poder por Hitler.

Figura 11 - “Alemanha, Alemanha, acima de tudo”



Fonte: Földvári Books<sup>44</sup>

<sup>43</sup> “The war poster introduced by the state became a forerunner of the poster of political resistance. Committed artists recognized in these graphic works created for the street ideal conceptions by which they could reach an expanded public outside museums walls and the establishment” [tradução nossa].

<sup>44</sup> Pôster de John Heartfield, usado na capa de '*Deutschland, Deutschland über alles*' (1929), de Kurt Tucholsky. Disponível em: <https://www.foldvaribooks.com/pages/books/1516/tadeusz-borowski-kurt-tucholsky-john-heartfield/deutschland-deutschland-ueber-alles-ein-bilderbuch-von-und-vielen-fotografen-montiert-von-john> Acesso em: 04/08/2020

Richter (2017a) ainda sustenta que as denúncias da guerra e a arte antifascista também foram temas centrais da maré de pôsteres que invadiu as cidades durante a Guerra Civil Espanhola<sup>45</sup> e no período seguinte à Revolução Cubana<sup>46</sup>. Na primeira, eram anexados aos muros artes com mensagens que visavam reforçar o espírito de combate, assim como as mensagens de apoio à guerra e ao recrutamento militar fixadas nos meios urbanos e subúrbios dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial. Na segunda, após 1959, “[...] os pôsteres culturais e políticos cubanos comissionados pelo Estado cobriram as ruas da ilha caribenha, deslocando completamente pôsteres comerciais e confiando à Fidel Castro o apoio ao processo emancipatório do povo cubano”<sup>47</sup> (RICHTER, 2017a, p. 379).

Esse tipo de uso das superfícies urbanas na ilha de Cuba também contribuiu para espalhar a imagem de Che Guevara como símbolo emblemático da Revolução. O culto à personalidade tornou-se uma forma de propaganda política que até então não passava de uma dimensão desconhecida. Além disso, essa prática cidadina ajudou a popularizar o trabalho de artistas franceses que, dez anos mais tarde, denunciavam clandestinamente nas ruas parisienses o presidente francês Charles de Gaulle em sua personificação do *raison d'État*<sup>48</sup>, através de sátiras e caricaturas que preencheram massivamente as paredes de Paris e transformaram sua estética urbana (RICHTER, 2017a). A autora explica que o pôster, a partir de então, adquire grande significância como veículo de “contra-propaganda” que quebra um consenso social.

Já no século XXI, a arte urbana de protesto contou com o trabalho de grandes artistas renomados da Europa ocidental, incluindo o de Ben Irritant e o de Banksy - talvez o maior e mais influente representante da mesma. Irritant expõe suas críticas ao capitalismo nas ruas de Londres desde o governo de Margaret Thatcher, utilizando o coelho como representação dos trabalhadores e trazendo à tona a luta de classes através dos pôsteres - tradição no Reino Unido (MILLS, 2020). A figura 12 mostra uma unidade de uma série de pôsteres em arte de colagem de rua contra a exploração econômica e o consumismo.

---

<sup>45</sup> Conflito armado (1936-1939) entre republicanos e seus aliados (anarquistas, comunistas e democratas) e nacionalistas e seus aliados (católicos, monarquistas e fascistas) pelo governo da Espanha (SOUSA, [20--b]).

<sup>46</sup> Período revolucionário em Cuba (1956-1959) conduzido por movimentos de guerrilha que culminou na destituição do então ditador Fulgêncio Batista e na implementação de um regime socialista na ilha (NEVES, [20--]).

<sup>47</sup> “Cuban cultural and political posters commissioned by the state covered the walls of the Caribbean island, completely displacing commercial posters and serving Fidel Castro to support the emancipation process of the Cuban people”. [tradução nossa]

<sup>48</sup> Razão de estado, em tradução literal, estabelece a um governante o direito de uso da força e quaisquer outros meios para manutenção do poder. (GONÇALVES, 2010)



Figura 12 - “Eles mentem, nós compramos”



Fonte: Benjamin Irritant (2019)<sup>49</sup>

O grafiteiro britânico Banksy ficou conhecido mundialmente por sua arte produzida em murais de cidades pelo mundo, contendo comentários político-sociais, muitas vezes providos de humor, sátira e desprezo pelo rótulo de vandalismo que muitos governos dão ao grafite, como visto na figura 13. O trabalho do artista ainda lhe rendeu uma indicação ao Oscar de melhor documentário pelo filme *Exit Through the Gift Shop*<sup>50</sup>.

Figura 13 - “Vandalismo de Talão de Cheque”, Banksy



Fonte: Steve Lazarides (2003)<sup>51</sup>

<sup>49</sup> Disponível em: <https://thirdrailart.com/blogs/news/a-cheeky-rebel-benjamin-irritant>. Acesso em: 15/10/2020.

<sup>50</sup> *Exit Through The Gift Shop*. Direção de Banksy. Produção de Holly Cushing, Jamie D’Cruz e James Gay-Rees. Reino Unido: Paranoid Pictures, 2010. Youtube (86 min).

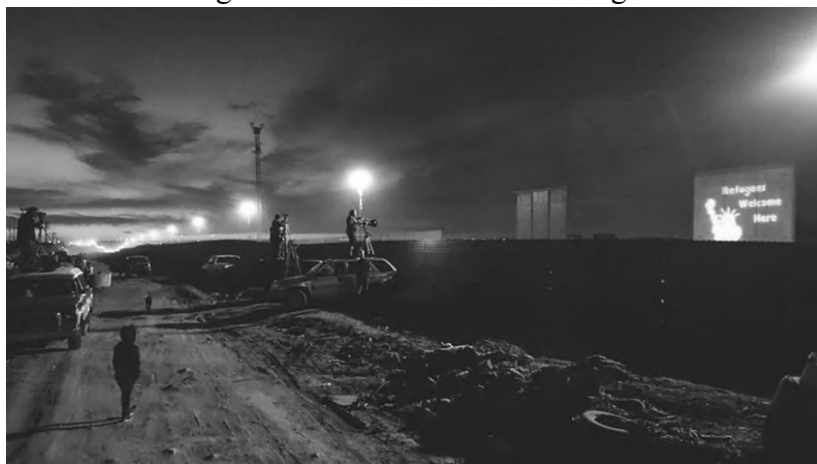
<sup>51</sup> *South Bank*, Londres, 2003. É possível notar o desdém de Banksy quanto às exposições pagas de arte e sua crítica ao estereótipo de vandalismo do grafite. Disponível em: <https://news.artnet.com/art-world/banksys-former-dealer-photos-see-highlights-1695195>. Acesso em: 07/08/2020

As cidades da América Latina, em outro lado do mundo, refletem o espírito de constante luta política que ecoa em um continente que já convive com protestos da sociedade civil por sucessivas décadas. O cone sul das Américas foi pioneiro de uma forma de protesto urbano que se espalhou rapidamente, dessa vez menos relacionada à arte visual e mais à sonoridade. O *cacerolazo*, popularizado no Brasil como “panelaço”, surgiu no Chile, em 1971, quando donas de casa de Santiago saíram às ruas na Marcha das Panelas Vazias, para fazer barulho e protestar contra a crise econômica. De acordo com Vick (2020), a panela foi escolhida pelas mulheres pois simbolizava a dificuldade das famílias mais pobres de comprar comida durante a crise.

Durante a ditadura de Pinochet, no Chile, o panelaço era uma forma ideal de protesto para evitar repressão direta do Estado. Ao decorrer das décadas seguintes, panelaços foram registrados na Argentina, Uruguai, México, Venezuela, repetidas vezes no Brasil, Espanha, Líbano e até mesmo no Canadá e na Islândia. A maioria envolvia rejeição a presidentes ou descontentamento com medidas econômicas e crises políticas (VEIGA, 2020). O barulho das panelas também serviu de forma de protesto durante a pandemia do coronavírus de 2020.

Ainda assim, não somente o panelaço foi instrumento de protesto urbano nas Américas. Luzes, lasers e projeções luminosas em cidades norte-americanas (figura 14) e nas laterais de prédios de metrópoles brasileiras (figura 15) seguem sendo bastante populares durante crises e episódios da corrente conjuntura sociopolítica.

Figura 14 - Os muros de San Diego



Fonte: Jonathan Maier (2017)<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Ativistas do grupo *Overpass Light Brigade* iluminam os protótipos de muros para a fronteira dos Estados Unidos com o México. A mensagem lê “Refugiados são bem-vindos aqui”, junto à projeção da Estátua da Liberdade. Disponível em: <https://www.afar.com/magazine/10-border-walls-that-artists-have-turned-into-powerful-protests>. Acesso em: 05/08/2020.

Figura 15 - Praça Júlio de Mesquita, São Paulo



Fonte: Thiago Pereira (2020)<sup>53</sup>

É significativa, a partir da análise, a relação do ambiente urbano com as formas de protesto público através das décadas. Do surgimento das primeiras concepções políticas de liberdade até a moderna utilização do espaço comum para expressão artística crítica de autoridades, a cidade ocupou papel notável na trajetória de transformações políticas suscitadas pelo ativismo global. É imprescindível que seja vista como agente aliada não somente da dissidência, como também de qualquer movimentação coletiva que floresça entre seus muros e espalhe suas sementes, tão rapidamente quanto ela própria se transforma.

### 2.3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COLETIVA

Várias são as perspectivas acerca da identidade humana. A noção do reconhecimento dentro de uma sociedade, grupo ou organização foi objeto de estudo da sociologia que contempla o sujeito socializador. De acordo com Jasper (2016), duas grandes identidades foram protagonistas nos últimos 200 anos: nação e classe. Ambas promovidas por

---

<sup>53</sup> Disponível em: <https://twitter.com/thiagogopereira/status/1240424613806514176>. Acesso em: 05/08/2020.

movimentos sociais, contaram com muitas ferramentas culturais para sua criação, incluindo longas narrativas históricas, línguas em comum, mercados para disseminar jornais e literaturas, canções e, de forma marcante, movimentos políticos, artísticos e militares que insistiram para alinhar “povo” e “governo” (JASPER, 2016).

O nacionalismo tem sido uma visão favorita de pessoas que carecem de uma nação propriamente dita, como os atuais palestinos, mas também já enviou milhões de pessoas à guerra para defender a honra de sua nação. E, como toda identidade coletiva, desqualificou diversas identidades alternativas: as mulheres foram, de modo geral, excluídas de versões militaristas, minorias étnico-raciais de narrativas biologicamente fundamentadas, imigrantes de narrativas históricas. Como indica o dilema da identidade, cada inclusão é também uma exclusão (JASPER, 2016, p. 141).

A respeito da construção de identidades de grupos, Alberto Melucci (1995) afirma que “[...] a identidade coletiva garante a continuidade e a permanência de um movimento no decorrer do tempo; ela estabelece os limites do ator com respeito a seu ambiente social”<sup>54</sup> (MELUCCI, 1995, p. 49). É possível, desse modo, enxergá-la como um dos motores das organizações sociais. Melucci (1995) ainda sustenta que é a identidade que regula a “filiação” e define os requisitos e critérios de participação nos quais os membros se reconhecem.

Para entender o contexto contemporâneo da identidade coletiva, é necessário entender primeiro suas concepções individuais e a conceituação histórica da sociologia. O sociólogo e teórico cultural jamaicano Stuart Hall (1992), divide a questão da identidade em três concepções distintas: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Este último ajudou a aclarar a percepção da identidade dentro de um contexto contemporâneo e de crise.

De acordo com o autor, o primeiro sujeito, do Iluminismo, era totalmente centrado e dotado das capacidades da razão, ação e consciência. O centro essencial do indivíduo era sua identidade. Trata-se de uma concepção bastante individualista do sujeito. Seu núcleo emergia ao nascer e se desenvolvia ao longo de sua existência, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo, idêntico ou contínuo a ele. A concepção do Iluminismo foi então sucedida pela concepção do sujeito sociológico.

O sujeito sociológico, de outra forma, refletia a noção de que o sujeito não é por si só independente e autossuficiente. Ele se formava pela “[...] relação com outras pessoas

---

<sup>54</sup> “Collective identity ensures the continuity and permanence of the movement over time; it establishes the limits of the actor with respect to its social environment” [tradução nossa].

importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2002, p. 11). Esse entendimento decorre principalmente do interacionismo simbólico, que define a identidade como interação entre o “eu” e a sociedade, englobando os significados que o indivíduo obtém através dessa interação. Essa concepção, que tornou-se clássica para a sociologia, é intimamente ligada à psicologia social.

Já o sujeito pós-moderno, que gera a crise identitária moderna, é um sujeito cuja identidade não é fixa, permanente ou essencial. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2002, p. 12). É uma identificação transformável, sujeita à modificações derivadas das interações que o indivíduo tem com a sua realidade e com os sistemas culturais nos quais está inserido.

Dentro desse contexto, Jasper e McGarry (2015) introduzem o que chamam de “dilema das identidades”. Os autores sustentam que “[...] identidades coletivas são politicamente necessárias, ou pelo menos úteis, como símbolos para recrutar outros ou engajar oponentes e o Estado, mas fictícias porque nem todo membro se encaixa ou aceita o rótulo da mesma maneira ou no mesmo grau”<sup>55</sup> (JASPER; MCGARRY, 2015, p. 5). Ainda assim, reconhecem que são extremamente importantes, uma vez que a construção de um rótulo que comanda compromissos afetivos é uma grande realização para as comunidades. Esse rótulo permite persuadir outros para o engajamento e ação. O amor, a confiança e o respeito facilitam as interações e contribuem para ações de protesto (JASPER; MCGARRY, 2015).

É importante lembrar que, da mesma maneira que grupos sociais e minoritários encaram opressões por causa de suas identidades e rótulos, são essas mesmas identidades que eles abraçam para gerar solidariedade interna e visibilidade externa. “Categorias de identidades fixas são igualmente a base da opressão e a base do poder político”<sup>56</sup> (GAMSON, 1995, p. 391).

Gamson reforça que foi a luta conjunta, sob um rótulo geral, que possibilitou conquistas para muitas minorias, assim como para outros grupos sociais oprimidos que

---

<sup>55</sup> “Collective identities are politically necessary, or at least useful, as symbols for recruiting others and engaging opponents and the state but fictional in that not every member fits or accepts the label in the same way or to the same degree” [tradução nossa].

<sup>56</sup> “Fixed identity categories are both the basis for oppression and the basis for political power” [tradução nossa].



dispõem de diferentes identidades dentro de seus núcleos. Foi assim que membros da comunidade LGBTQ, tendo interesses diferentes por parte de indivíduos transgêneros e mulheres lésbicas, por exemplo, alcançaram alguns de seus objetivos durante a história. Foi também o caso do movimento feminista e suas vertentes distintas de raça, classe e nacionalidade.

Jasper e McGarry (2015) concordam com Hall (1992) no que tange à pluralidade moderna de identidades e reforçam essa característica dentro de grupos. Eles afirmam, da mesma maneira que Gamson (1995), que atores sociais com reivindicações particulares diferentes, mas cuja causa ampla é a mesma, se unem para que sua força seja multiplicada. Os ativistas se juntam, muitas vezes em alianças desconfortáveis devido à suas discordâncias “titânicas”, porque, além de partilharem múltiplas identidades, sabem que a probabilidade de serem ouvidos, ou pelo menos não completamente ignorados, é maior.

Nota-se que a construção de uma atmosfera de solidariedade e de uma plataforma coletiva mais irrestrita e aberta, seja dentro dos movimentos étnico-raciais, de gênero ou sexualidade, é, dessa forma, bastante positiva para uma resistência eficiente e para ganhos políticos significativos. Os ganhos que decorrem de uma ampla plataforma, porém, carregam consigo algumas desvantagens.

Jasper e McGarry (2015) estabelecem outra característica do dilema das identidades: a extensão. A construção de uma plataforma grande é positiva no que se refere à sua visibilidade adquirida - mais atores significa mais recursos, mais propaganda e mais atenção. Por outro lado, a extensão traz riscos à medida que as identidades se tornam vastas e largas demais para compreender os interesses de grupos mais minoritários. Maiores números são também difíceis de controlar e o discurso primordial de uma causa pode se perder em meio a muitas reivindicações distintas. Pode-se estabelecer aqui uma relação com o caso das Jornadas de Junho, que cresceram e se fragmentaram em identidades ideológicas tão diferentes que a própria existência do movimento hoje sequer faria sentido, mesmo que na época tivesse servido para um objetivo maior.

Enquanto plataforma, muitos movimentos também angariam o apoio de endossantes: celebridades que partilham da identidade dessas organizações e que contribuem para amplificar sua visibilidade. A atriz Jane Fonda (figura 16) é uma personagem de caráter viral em manifestações em defesa do clima.

Figura 16 - Jane Fonda



Fonte: J. Scott Applewhite/Associated Press<sup>57</sup> (2019)

Dentro do contexto da identidade pós-moderna, como expôs Hall (1992), pode-se pensar na multiplicidade de movimentos e grupos que um indivíduo pode fazer parte, à medida que se identifica com várias temáticas, especialmente no mundo globalizado. Herbert Blumer (1995) introduz o conceito de *Esprit de Corps*<sup>58</sup> - o senso de identificação com outros indivíduos e pertencimento a uma luta ou instituição em comum - para tratar da identidade em uma visão coletiva. O autor afirma que as pessoas, ao desenvolverem sentimentos de intimidade e proximidade, compartilham uma experiência comum e formam grupos. A partir disso, sentem uns aos outros como “camaradas”. Os sentimentos de alienação, diferença e reserva desaparecem, dando lugar a cooperação.

Essa descrição é especialmente relacionável aos protestos urbanos e movimentos sociais. O sentimento dos grupos, a sensação de pertencimento e a busca da cooperação por um objetivo comum são características permanentes e básicas desses fenômenos. Além de ideais comuns, é necessário também, de acordo com Blumer (1995), que haja uma relação de inimizade entre grupos. Essa relação não só desenvolve sentimentos de fidelidade, lealdade e altruísmo entre membros de um mesmo grupo, mas também suscita a responsabilidade de defender e preservar os valores desse grupo. O inimigo, por consequência, assume o papel de bode expiatório (BLUMER, 1995).

<sup>57</sup> A atriz Jane Fonda é presa em protesto contra as políticas ambientais de Donald Trump, junto à ativistas do clima, em frente à Casa Branca, 2019. O ator Ted Danson aparece aplaudindo ao fundo. Disponível em: <https://www.wbur.org/artery/2019/12/02/jane-fonda-actress-activist>. Acesso em: 06/08/2020

<sup>58</sup> Espírito de equipe. [tradução nossa]

Blumer (1995) estabelece que uma das maneiras que os movimentos sociais desenvolvem o *Esprit de Corps* é o comportamento cerimonial. Os comícios, paradas, demonstrações públicas e cerimônias comemorativas estão relacionados à psicologia social. A sensação de expansão pessoal promovida pela participação em eventos e ocasiões do tipo reforça o sentimento de pertencimento e de importância individual para a realização do coletivo. Além disso,

[...] a parafernália de ritual possuída por todo movimento serve para promover o sentimento de identidade e simpatia comum. Essa parafernália consiste em uma série de símbolos sentimentais, como slogans, canções, aplausos, poemas, gestos expressivos e uniformes. [...] Considerando que eles adquirem significância sentimental simbolizando sentimentos comuns em relação ao movimento, seu uso serve como um constante reviver e reforço desses sentimentos mútuos (BLUMER, 1995, p. 69-70).<sup>59</sup>

Em um contexto digital, o processo de construção de identidade coletiva usufrui dos mecanismos das redes sociais na transmissão da mensagem e na prospecção de novos membros. A publicação de fotografias, *selfies*, hashtags e criações no Twitter, Instagram e Facebook fazem com que os membros dos grupos

[...] passem por um constante processo de autoconfiança. As plataformas interativas nas quais o protesto em *selfie* ocorre, deveriam, portanto, também ser entendidas como câmaras de eco para autopercepção. Em uma situação ideal, [...] elas criam um sentimento de pertencimento: uma identidade virtual de protesto coletivo. (AKANJI, 2018, p. 176)<sup>60</sup>

Os estudos de Blumer (1995) e Akanji (2018) se assemelham ao de An Xiao Mina (2019) em relação ao uso da “parafernália” de ritual e dos mecanismos de comunicação virtual, respectivamente. Mina reforça que cada hashtag, cada logotipo em foto de perfil, cada bandeirinha, filtro e *sticker*<sup>61</sup> servem como “micro-affirmações”. A autora assegura que, ao fundir os logos e fotos com suas identidades online, os membros de grupos transmitem uma mensagem importante “[...] não somente sobre o que defendem, mas também sobre quem são

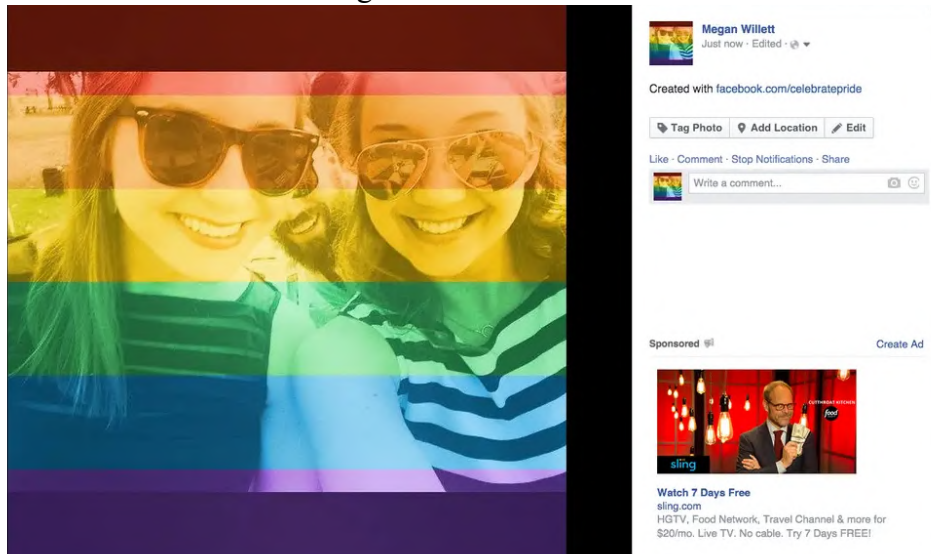
<sup>59</sup> “This paraphernalia consists of a set of sentimental symbols, such as slogans, songs, cheers, poems, hymns, expressive gestures, and uniforms. [...] since they acquire a sentimental significance symbolizing the common feelings about the movement, their use serves as a constant reliving and re-enforcement of these mutual feelings.” [tradução nossa]

<sup>60</sup> “go through a constant process of self-assurance. The interactive platforms on which selfie protests take place should thus also be understood as echo chambers for self-perception. In the ideal situation [...] whereby a feeling of belonging is created: a virtual collective protest identity.” [tradução nossa]

<sup>61</sup> Espécie de “adesivo” virtual.

como indivíduos”<sup>62</sup> (MINA, 2019, p. 35). A campanha *#LoveWins* (figura 17) exemplifica essa definição.

Figura 17 - *#LoveWins*



Fonte: Facebook (2015)<sup>63</sup>

Pode-se perceber aqui que a construção de uma identidade coletiva dentro de um contexto político é não somente uma necessidade para manutenção de um movimento ou organização, como afirma Melucci (1995), mas também a forma que um indivíduo encontra para autoperceber-se dentro dessa organização. Ademais, a utilização de elementos sensoriais para a criação dessa câmara de eco se faz bastante necessária, uma vez que é através do uso desses elementos e símbolos que os membros irão afirmar-se dentro do grupo (MINA, 2019), “prospectar” novos membros e caracterizar esteticamente sua plataforma.

<sup>62</sup> “not just about what they stand for but also about who they are as individuals” [tradução nossa].

<sup>63</sup> #OAmorVence. Campanha do Facebook de celebração pela legalização nacional do casamento entre pessoas do mesmo sexo nos Estados Unidos, em 2015. O filtro de arco-íris foi utilizado por 26 milhões de pessoas ao redor do mundo (DEWEY, 2015). Disponível em: <https://www.businessinsider.com/how-to-get-the-facebook-rainbow-filter-2015-6>. Acesso em 07/08/2020.

### 3 PROTESTO E SÍMBOLO

Basil Rogger (2017) afirma que o protesto é, essencialmente, uma performance de comunicação. Para exercer sua característica de tradutor de um sentimento, depende da inteligibilidade de sua mensagem. Isso significa que “o protesto deve mover-se da ideia para o mundo sensorial, e deve manifestar-se como um fenômeno perceptível. Somente assim pode ser comunicado e encontrar um espaço”<sup>64</sup> (ROGGER, 2017, p. 42).

Essa conquista de espaço, seja virtual ou real, serve como uma caixa de som, uma “câmara de eco”, também inerente aos processos de criação e manutenção de identidades coletivas. A tecnologia das sensações - acústica e visual - estabelece oportunidades únicas e sem precedentes (ROGGER, 2017). A Revolução Colorida (figura 18) exemplifica essa forma de comunicação prática em um cenário de protesto. O elemento sensorial, criado e propagado pelos seres humanos, não só merece devida consideração, mas também deve ser percebido como característica transformadora, unânime e inconfundível do protesto social.

Figura 18 - Revolução Colorida



Fonte: Robert Atanasovski, AFP/Getty Images (2016)<sup>65</sup>

<sup>64</sup> “protest must move from the idea into the sensory world and must manifest itself as a perceptible phenomenon. Only then it can be communicated and find a space” [tradução nossa].

<sup>65</sup> Manifestantes usam armas de brinquedo com tinta para colorir a Fonte de Alexandre, o Grande, em Escócia, Macedônia do Norte. A série de protestos contra a interrupção das investigações sobre o ex-primeiro ministro Nikola Gruevski, e outros políticos do país envolvidos em um escândalo de grampos telefônicos, fez com que a população jogasse tintas em edifícios, praças e monumentos em forma de protesto - a “Revolução Colorida”. Disponível em: <https://www.thestar.com/photos/2016/06/09/photos-protesters-paint-the-town-red-in-macedonia.html>. Acesso em: 14/08/2020

### 3.1 SÍMBOLO E COMUNICAÇÃO

Para entender o papel da simbologia no protesto, na afirmação da identidade e nos demais fenômenos sociais, é preciso primeiro entender os estudos que a definem.

Lúcia Santaella define a semiótica como “a ciência geral de todas as linguagens” (SANTAELLA, 1984, p. 1). É importante notar que a semiótica compreende um processo constante de construção e investigação que, de acordo com a autora, está em constante crescimento e expansão. A semiótica envolve, entre outras estruturas, o estudo dos sinais e, especialmente no que se refere à estética do protesto político, é ferramenta imprescindível na análise de construção de significado. Uma mensagem que transita do individual ao coletivo usufrui de signos para essa transição e é através desses estudos que se pode interpretá-los e analisá-los.

Charles Peirce, de acordo com Santaella (1984), classifica o signo como sendo algo que representa alguma outra coisa diferente dele, e que é capaz de traduzi-la ou substituí-la. Ele está, portanto, no lugar do objeto que representa.

Ora, o signo só pode representar seu objeto para um intérprete, e porque representa seu objeto, produz na mente desse intérprete alguma outra coisa (um signo ou quase-signo) que também está relacionada ao objeto não diretamente, mas pela mediação do signo. (SANTAELLA, 1984, p. 12)

Através do pacto coletivo, como afirmam os estudos de Peirce, é que se torna possível que uma palavra ou objeto de aparência gráfica ou acústica represente o objeto real - tido por ele como “objeto dinâmico”. É um processo que utiliza convenções sociais para comunicar.

A tricotomia de Peirce, no que tange à relação do signo com seu objeto dinâmico, envolve três categorias: ícone, índice e símbolo. O ícone, de acordo com Santaella (1984), funciona como um “quase-signo”, servindo para contemplação. Em sua função de mera qualidade ou de existência singular - uma pintura abstrata, por exemplo -, não representa coisa alguma e, por isso, seu objeto é apenas uma simples possibilidade. Não se pode dizer, portanto, que funciona como signo por si só. Detém, assim, alto poder de sugestão.

No que se refere ao índice, a autora estabelece que Peirce o pensa como indicador de outra coisa com a qual ele está intimamente ligado. Uma pegada, um resíduo, uma marca e um som são exemplos de índices. Até mesmo uma obra arquitetônica pode ser um índice,

considerando ser possível que indique o tempo histórico em que foi construída apenas por fatores ligados à sua edificação: materiais, formatos, tipo de ferramentas, complementos artísticos, etc. Dessa forma,

[...] o índice como real, concreto, singular, é sempre um ponto que irradia para múltiplas direções. Mas só funciona como signo quando uma mente interpretadora estabelece a conexão em uma dessas direções. Nessa medida, o índice é sempre dual: ligação de uma coisa com outra. (SANTAELLA, 1984, p. 14)

A terceira parte da tricotomia envolve o símbolo. Estes são o que o autor, como afirma Santaella, chama de “tipos gerais”, ou seja, representam não aquilo que tem caráter individual, mas sim generalizado. Em sua qualidade de lei geral, o símbolo precisa de ocorrências singulares e réplicas. Essas ocorrências são manifestações da lei. Assim,

Um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto. Assim, é, em si mesmo, uma lei ou tipo geral, ou seja, um legi-signo (PEIRCE, 2005, p. 52).

A percepção de símbolos é frequente no cotidiano tanto ocidental como oriental. Um grande exemplo é a interpretação das cores. Usadas para caracterizar simbolicamente fenômenos, personagens, grupos, eventos históricos e diversos outros elementos culturais durante a trajetória da humanidade, ainda são parte essencial da linguagem imagética. São signos que representam, em visões amplas ou mais específicas, propriedades subjetivas de tudo aquilo que cerca o ser humano.

No uso das cores, a multiplicidade de significados que se pode obter e simbolizar está relacionada à semiótica da cultura. Os significados “normais” dos signos “ou são amplificados enormemente, ou são quebrados em partes e reorganizados, construindo novos e fantásticos significados” (BYSTRINA, 1989<sup>66</sup> *apud* GUIMARÃES, 2001). É isso que ocorre no processo de aplicação de cores a fenômenos socioculturais; são reinterpretadas e associadas a significados conforme diferem as representações sociais do local. Alguns exemplos de associação simbólica envolvendo aspectos cromáticos estão nas organizações e grupos sociais, bem como em episódios da história política.

---

<sup>66</sup> BYSTRINA, Ivan. **Semiotik der Kultur**. 1ª ed. Tubinga: Stauffenburg, 1989



A cor branca, por exemplo, possui diferentes significados conforme a sociedade que se escolhe como objeto de análise. “Se para os ocidentais simboliza a vida e o bem, para os orientais é a morte, o fim, o nada” (FARINA, 2011, p. 97). Não é surpresa, portanto, que seja usada no Brasil para simbolizar a paz, mas que tenha sido negativamente associada ao período de repressão de dissidentes políticos em Taiwan, chamado de “Terror Branco”, durante os anos 1940.

Farina (2011) afirma que a cor branca tem associações afetivas que remetem à ordem, à pureza e à divindade. A cor foi símbolo dos contra-revolucionários, da União Soviética à Finlândia, bem como os do mundo inteiro, que formaram uma corrente contra os comunistas “vermelhos” para “limpá-los” da sociedade e restabelecer a ordem e os bons costumes. Foi também bastante associada à monarquia e ao fundamentalismo religioso. No Afeganistão, a bandeira do Talibã<sup>67</sup> possui a Shahada<sup>68</sup> sobre um fundo branco que representa a pureza do islamismo.

Já o vermelho, cor protagonista de muitos movimentos sociais, “pode remeter à proibição e à revolução. Interfere no sistema nervoso simpático que é responsável pelos estados de alerta, ataque e defesa” (FARINA, 2011, p. 99). Como outras cores quentes, é sinal de advertência, e suas associações afetivas incluem: força, revolta, intensidade e agressividade. Foi, durante a história, associada ao sangue, à guerra e à ira, como na figura 19.

Figura 19 - A Brigada Vermelha



Fonte: Jonathan Brady/PA Images (2019)<sup>69</sup>

<sup>67</sup> Movimento fundamentalista e terrorista islâmico difundido na Ásia Meridional.

<sup>68</sup> Também chamada de Chacado, é um dos pilares do Islamismo: “Não há nenhum outro deus além de Allah”.

<sup>69</sup> Ativistas do movimento ambientalista *Extinction Rebellion*, no Arco de Mármore, Londres, 2019. O vermelho, de acordo com o grupo, simboliza “o sangue comum que compartilhamos com todas as espécies”. Disponível



As cores são elementos quase inerentes à política. Símbolos que representam episódios, grupos e movimentos. A “Onda Rosa”<sup>70</sup> e a “Onda Azul”<sup>71</sup> são terminologias relativamente novas que caracterizam simbolicamente fases da conjuntura política moderna latino-americana, por exemplo. A Revolução Laranja<sup>72</sup> marcou o cenário político ucraniano em 2004, o roxo foi a cor utilizada como símbolo identitário dos movimentos feministas ao redor do mundo e, em 1969, Betty Friedan chamou as ativistas lésbicas de “*Lavender Menace*”, a “Ameaça Lavanda”<sup>73</sup> do feminismo (JASPER, 2016).

O fascismo europeu das décadas de 1910 a 1940 contou com elementos que caracterizaram o que Palacios (2019) ironicamente chama de “fashion” para referir-se à moda fascista. Os militantes de Mussolini, conhecidos como Camisas Negras, buscavam gerar terror ao vestir-se com roupas escuras, com toques funéreos e que exaltavam a morte, gritando “*Mussolini ha sempre ragione*” (Mussolini sempre tem razão). Na Itália, ainda durante os anos de totalitarismo da primeira metade do século XX, surgiram os Camisas Pardas, milícia paramilitar nazista que usou o que sobrou dos uniformes das tropas imperiais alemãs na África oriental. A cor originalmente destinada ao exército alocado nos trópicos africanos se destacava no inverno europeu e caracterizou simbolicamente as *Sturmabteilung*, “tropas de assalto” da Alemanha nazista.

A vestimenta simbólica da extrema-direita fascista também popularizou-se no México, com os *Camisas Doradas*<sup>74</sup>, e nos Estados Unidos, com o grupo *Silver Shirts*.<sup>75</sup> Estes últimos, de acordo com o fundador William Pelley, pretendiam salvar os EUA dos “judeus comunistas”, assim como Mussolini e seus Camisas Negras “salvaram” a Itália e Hitler e os Camisas Pardas “salvaram” a Alemanha.<sup>76</sup>

---

em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2019/10/06/extinction-rebellion-warned-protest-could-alienate-public/>. Acesso em: 15/08/2020

<sup>70</sup> Também chamada de “Maré Rosa” e “Guinada à Esquerda”, foi o período de influência crescente da esquerda política na América Latina, entre o fim dos anos 1990 e os anos 2000 (LAMBERT, 2010). A maior parte do continente elegeu chefes de estado de partidos da esquerda reformista - o rosa é uma versão menos radical do vermelho revolucionário.

<sup>71</sup> Sucedeu a Onda Rosa e caracterizou o período de influência da direita e da extrema-direita no contexto latino-americano. O azul é politicamente associado ao conservadorismo e à direita no espectro político.

<sup>72</sup> Série de protestos contra as alegações de corrupção e fraude eleitoral durante a eleição presidencial de 2004.

<sup>73</sup> Friedan, então presidente da Organização Mundial das Mulheres, enxergava as lésbicas como “odiadoras de homens” e uma “ameaça” para a reputação geral do feminismo perante à sociedade. A cor lavanda seria aqui uma versão “menos legítima” do verdadeiro roxo feminista. (JASPER, 2016).

<sup>74</sup> Camisas Douradas. Grupo fascista e antisemita que pregava pela pureza étnica e racial no México, uma sociedade historicamente miscigenada e multiétnica. (PALACIOS, 2019)

<sup>75</sup> Camisas de Prata. Organização *underground* fascista no estado da Carolina do Norte (1930 - 1940)

<sup>76</sup> Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jewish-gangsters-in-america>. Acesso em: 02/09/2020.

Em outras regiões, surgiram definições políticas de caráter étnico-racial, como o Perigo Amarelo, uma metáfora racista que caracterizava populações do extremo oriente como uma “ameaça” à civilização ocidental. Esse perigo “estava na possibilidade de que as conquistas militares permitissem o domínio da raça amarela sobre a raça branca” (UENO, 2019). O termo passou a ser utilizado por supremacistas brancos estadunidenses para aludir a imigrantes asiáticos que chegavam ao continente e também no Brasil para estimular o sentimento antinipônico durante a tentativa de “branqueamento” do país (UENO, 2019).

Além das cores, os animais também tornaram-se símbolos frequentes na política e na vida cotidiana, como visto na figura 20. A associação de características que remetem àquelas de algumas espécies, de forma pejorativa ou apropriada positivamente, se popularizou através de símbolos animais em réplicas de uso constante. A propaganda nazista antissemita incitou na Alemanha o rato como símbolo gráfico dos judeus. Por outro lado, a pantera negra simbolizou os movimentos negros de forma positiva e chegou a ser mascote do partido antirracista Panteras Negras, dos Estados Unidos. Stokely Carmichael, em 1966, afirmou que a pantera “simboliza a força e dignidade das pessoas pretas, um animal que nunca contra-ataca a menos que esteja tão contra a parede que não tenha alternativa senão pular para se defender. [...] E quando pula, ele não para.”<sup>77</sup> (CARMICHAEL, 1966).

Figura 20 - Tigre Asiático e Pantera Negra



Fonte: Monyee Chau<sup>78</sup> (2020)

<sup>77</sup> “symbolizes the strength and dignity of black people, an animal that never strikes back until he’s backed so far into the wall, he’s got nothing to do but spring out. [...] And when he springs, he does not stop.” [tradução nossa]

<sup>78</sup> O cartaz diz: “O Perigo Amarelo apoia o Poder Negro”. #VidasNegrasImportam #AsiáticosPelosVidasNegras.

Também os animais tornaram-se, durante a história, símbolos de sentimentos, vertentes ideológicas e grupos sociais. As pombas da paz, a cobra fascista, a serpente libertária<sup>79</sup> e o gato socialista - este também parte da arte contemporânea (figura 21), são bons exemplos.

Figura 21 - “Derrote a cobra fascista!”



Fonte: Nathan Nun<sup>80</sup> (2018)

Algumas outras formas de simbologia animal também se formaram na atmosfera de conflito entre grupos membros de diferentes classes sociais e poderio econômico. A figura 22 exemplifica o atrito entre as classes média e baixa e a elite econômica nas grandes cidades dos Estados Unidos.

<https://www.nbcnews.com/news/asian-america/history-behind-yellow-peril-supports-black-power-why-some-fin-d-n1228776>. Acesso em: 17/08/2020

<sup>79</sup> Segundo Walker (2016), a serpente, empregada em uma das versões da bandeira do libertarismo político (disponível em: <http://www.udimagen.org/meaning-behind-don-t-tread-on-me-flag/>), por muito tempo simbolizou o entusiasmo ideológico pelos direitos individuais e o Estado mínimo. Hoje, porém, tornou-se parte da cultura popular ocidental e é associada a sentimentos antissistema, especialmente por grupos de ultradireita e alas radicais do partido Republicano dos Estados Unidos.

<sup>80</sup>Disponível em: [https://twitter.com/nathan\\_nun/status/989160434153541632](https://twitter.com/nathan_nun/status/989160434153541632). Acesso em: 02/09/2020. Arte releitura do pôster de propaganda soviética antinazista “Morte à Besta do Fascismo”, de 1941. Versão original disponível em: <https://www.flickr.com/photos/81723459@N04/9432111107>. Acesso em: 02/09/2020.

Figura 22 - “Rico, relaxe, não pague impostos”



Fonte: Corinne Segal/PBS<sup>81</sup> (2016)

As várias representações artísticas do gato são exemplos ideais de análise. O animal é parte da simbologia política do anarcossindicalismo<sup>82</sup> e circulou por significados, sendo considerado um símbolo divino na cultura egípcia e um sinal de mal agouro no Japão, até aparecer na arte de Théophile-Alexandre Steilein, que representava as mulheres boêmias de Montmartre (Paris) como gatos noturnos. “O fato de muitos gatos parisienses viverem em Montmartre, livres da domesticação burguesa, era percebido como metáfora para a boemia moderna, ou a recusa das normas sociais burguesas da época” (ASIMAKIS, 2017)<sup>83</sup>. Théophile também ficou conhecido por immortalizar o quadro de *Le Chat Noir*<sup>84</sup>.

De acordo com Epstein (2002), os signos podem possuir funções semânticas e estéticas. Partindo da definição genérica de signo em que existe algo (significante) que está “por outra coisa” (significado), pode-se compreender a distinção das funções. A função semântica, que concerne à determinação precisa do significado e tem ponto de vista facilmente traduzível - manuais de instrução, placas de sinalização e signos científicos -, confere univocidade às interpretações do leitor, ou seja, faz com que todos compreendam a mensagem da mesma maneira. A função estética, por sua vez, é oposta. Com ela, o significante chama atenção sobre si e confere ao leitor pluralidade de interpretações. Por isso,

<sup>81</sup> A ativista Brooke McGowen protesta contra a isenção de impostos da elite financeira vestindo joias e uma máscara de porco para simbolizar a classe bilionária de *Wall Street*. Zuccotti Park, Manhattan, 2016. Disponível em: <https://www.pbs.org/newshour/nation/occupy-wall-streets-fifth-anniversary>. Acesso em: 18/02/2020

<sup>82</sup> O gato é símbolo dos Trabalhadores Industriais do Mundo (*Industrial Workers of the World*, Chicago, 1905). O pôster está disponível em: <https://archive.iww.org/content/blackcat2/index-3.html?size=preview>. Acesso em: 09/09/2020

<sup>83</sup> “The fact that many Parisian cats lived in Montmartre, free of bourgeois domestication, was perceived as a metaphor for modern bohemia, or the refusal of bourgeois social norms of that time” [tradução nossa].

<sup>84</sup> Disponível em: <https://www.artelista.com/blog/razonamiento-breve-del-gato-en-la-pintura/>. Acesso: 9/09/2020

“os signos das obras de arte, por sua vez, não demandam respostas ativas dirigidas a objetivos explícitos, apenas preparam estados. Além disso, podem ser interpretados plurivocamente” (EPSTEIN, 2002, p. 34).

Grande parte das obras de arte e dos símbolos pode ser usada aqui como exemplo do “jogo” da função estética. Epstein (2002) afirma que cabe ao receptor da mensagem, neste caso o espectador, “adivinhar” algum tipo de sobrecódigo superposto pelo locutor - neste caso o artista -, na obra. Isto é, a auto-reflexibilidade é característica do fenômeno estético e da arte em âmbito geral.

Em um contexto mais contemporâneo, midiático e altamente viral, pode-se acatar como exemplos claros da função estética dos signos o caso das estátuas. O movimento *Black Lives Matter*, em discussão durante o primeiro semestre de 2020, levantou o debate virtual sobre a necessidade de ruptura com monumentos públicos que perpetuam figuras de personalidades históricas notoriamente racistas e participantes fieis do genocídio de povos nativos americanos e africanos. A agressão a grupos sociais cujos ancestrais sofreram opressão por parte das figuras martirizadas em estátuas públicas reativou a reflexão sobre a utilidade desses monumentos no pós-colonialismo.

Santos (2020) explica que as estátuas de colonizadores, genocidas e “conquistadores” são retiradas de seus locais quando aquela dinastia, reino ou era política termina, como uma maneira de dar fechamento a aquele período. Muitas vezes, porém, são deixadas nas praças, avenidas e pontos turísticos porque sua conexão com o presente é remota demais e não há necessidade de livrar-se delas, ou até mesmo já foram incorporadas ao cenário artístico local e ninguém as enxerga como representação de algo atual. As mobilizações coletivas do *Black Lives Matter* para destruir, remover e substituir as estátuas de colonizadores, por outro lado, carregam total sentido quando considerado que essas figuras ainda possuem vínculo com o contexto de poder dominante hoje. Esse poder eurocentrista se faz base no capitalismo, no colonialismo e no patriarcado, três formas interconectadas de poder que permaneceram dominantes pelos últimos seis séculos. Formas essas:

[...] tão interligadas que é impossível para qualquer uma delas existir sem as outras duas. [...] O colonialismo tem persistido até hoje em outros disfarces, do neocolonialismo ao saque de recursos naturais de antigas colônias e ao racismo. Se nada disso fosse parte do nosso presente, as estátuas ainda estariam lá, quietamente deixadas às pombas (SANTOS, 2020).<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> “so intertwined that it is impossible for any of them to exist without the other two. [...] Colonialism has persisted to this day in other guises, from neo-colonialism to the plundering of the natural resources of former



É visível o poder simbólico que elas ainda detêm e mais visível ainda a urgência em serem removidas, visto a carga de opressão que carregam. Não faz sentido que elas existam e sejam exibidas com orgulho quando sequelas das razões pelas quais foram erguidas ainda estão por toda parte. Bairros de “guetos” em periferias de grandes cidades, índices mais altos de exposição à doenças virais em pessoas pretas, polícias racistas, grupos neonazistas, índices crescentes de feminicídio e pobreza descontrolada são evidências de que essas três formas de dominação ainda são preponderantes (SANTOS, 2020).

É possível analisar com nitidez a função estética exposta por Epstein (2002) nesse contexto quando os monumentos são substituídos por outras obras simbólicas. Em junho de 2020, a estátua de Edward Colston, um comerciante britânico de escravos do século XVII, foi derrubada por membros do *Black Lives Matter* e jogada no rio Avon, em Bristol, Inglaterra (figura 23).

Figura 23 - O escravagista ao rio



Fonte: Keir Gravil/Reuters<sup>86</sup>

Em julho de 2020, a estátua foi então substituída por artistas plásticos pela escultura da ativista afro-americana Jen Reid (figura 24), que, durante a derrubada da estátua original, subiu na coluna vazia e ergueu o punho.

---

colonies to racism. If there was nothing in this that was part of our present, the statues would still be standing there, quietly left to the pigeons.” [tradução nossa]

<sup>86</sup>Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2020/07/blm-protester-figure-replaces-uk-slave-trader-statue-bristol-200715090356541.html>. Acesso em: 04/09/2020.

Figura 24 - “Uma Onda de Poder”



Fonte: Marc Quinn (2020)<sup>87</sup>

Percebe-se aqui a explicação de Epstein (2002) que diz respeito à preparação de estados e a uma interpretação “adivinhatória” do sobrecódigo inserido na obra. Ela representa, diferentemente de algo material e precisamente determinado, uma “nova era”. Pode ser interpretada de diferentes formas sem que seu intuito primeiro passe despercebido: é revolucionária e disruptiva.

É símbolo de uma revolução social de caráter racial anticolonialista que, dentro da própria obra, carrega outros símbolos. Jen foi imortalizada com o punho erguido, símbolo característico do movimento negro, representando a força do povo e a luta contra a injustiça racial. De acordo com Reid<sup>88</sup> (2020 *apud* GERALDO, 2020), “essa escultura é sobre defender minha mãe, minha filha, pessoas negras como eu. É sobre crianças negras vendo lá em cima. É algo para se orgulhar, ter um senso de pertencer, porque na verdade pertencemos a aqui e não vamos a lugar algum” (REID 2020 *apud* GERALDO, 2020).

<sup>87</sup> “*A wave of power*”, de Marc Quinn (2020). Disponível em: <https://www.artnews.com/art-news/news/marc-quinn-monument-jen-reid-bristol-removed-1202694472/>. Acesso em: 04/09/2020.

<sup>88</sup> Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/07/16/jen-reid.htm>. Acesso em: 4/9/20

Os símbolos do passado são sim parte da história cultural de uma sociedade mas, mesmo que se possa argumentar contra a destruição de tais monumentos, não se deve interpretá-la tal como anulação histórica e sim como transformação - parte da vida social. “Mudança não é apagamento da história, é parte dela. [...] A remoção de símbolos que possuem passados sombrios não elimina os erros antigos, mas reconhece seus danos e abre a porta para um futuro melhor” (HODGKINS, 2019)<sup>89</sup>. A função estética da simbologia, dessa forma, é evidentemente importante à medida em que contribui para fomentar tais discussões. Nota-se o poder dessa forma de comunicação de catalisar, em sua maneira, o progresso social.

É importante frisar que, apesar de alguns contextos, como esse anteriormente mencionado, serem propícios à destruição de símbolos por representarem desvirtudes que ferem a dignidade humana, não se pode confundi-los com esforços do Estado ou de determinados grupos políticos para destruição de um espírito revolucionário representado por um símbolo. A demolição da Praça da Pérola<sup>90</sup> não pode ser comparada à decapitação da estátua do colonizador Cristóvão Colombo<sup>91</sup>, em Boston, ou à pichação do monumento ao genocida Leopoldo II<sup>92</sup>, em Bruxelas. É imprescindível observar todas essas as ações sob perspectivas críticas que compreendam seus contextos e representações.

Quando se trata de obras de arte que transmitem significados, também deve-se levar em conta a capacidade de múltipla perspectiva interpretativa que ela possibilita ao espectador. Umberto Eco (1986) identifica, dentro do campo da semiótica e representação, a característica livre e plural da produção artística. Define as produções como obras abertas, afirmando que:

[...] uma obra de arte, forma acabada e fechada em sua perfeição de organismo perfeitamente calibrado, é também aberta, isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isso redunde em alteração de sua irreproduzível singularidade. Cada fruição é, assim, uma interpretação e uma execução, pois em cada fruição a obra revive dentro de uma perspectiva original (ECO, 1986, p. 40).

---

<sup>89</sup> “Change is not an erasure of history; it is a part of it. [...] Removing symbols that have a dark history doesn’t erase past wrongs, but it does acknowledge those harms and open the door for a better future” [tradução nossa].

<sup>90</sup> Praça do centro da capital do Bahrein, demolida pelo governo do país após tornar-se símbolo de uma faísca revolucionária durante a Primavera Árabe. Os momentos da demolição estão disponíveis em: <https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2011/03/18/134658019/symbol-of-uprising-is-destroyed-in-bahrain>.

Acesso em: 09/09/2020

<sup>91</sup> Disponível em:

<https://www.wbur.org/news/2020/06/14/mayor-marty-walsh-repair-return-christopher-columbus-statue>. Acesso em: 09/09/2020

<sup>92</sup> Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/06/10/europe/belgium-king-leopold-ii-statue-intl/index.html>. Acesso em 09/09/2020



A reserva inesgotável de interpretações que partem de uma produção (a obra), se dá, então, pelo caráter único de perspectiva que cada espectador tem sobre ela.

É ainda possível a relação entre *Obra Aberta* (1986) e os escritos de Mukarovsky (1988), que estabelecem a obra de arte como signo capaz de possuir vários sentidos ao mesmo tempo, sem que isso prejudique sua eficácia como tradutora de significado. Os monumentos, assim como os previamente referidos neste capítulo, podem ser analisados sob a perspectiva desses dois autores quando se trata da pluralidade interpretativa. Todas as visões analíticas derivam de sua própria fruição, mas não distam do significado central que é transmitido.

Pode-se dizer, portanto, que esse processo de entendimento que se dá através da fruição das obras é universal, ao passo que abrange todos os tipos de criações artísticas.

Cada obra de arte é percebida pelo receptor como uma continuidade significativa - como um contexto. Cada novo signo parcial de que o receptor se dá conta durante o processo de percepção (isto é, cada componente e cada parte da obra, à medida que elas vão entrando no processo de significação do contexto) não só se junta aos que já tinham penetrado na consciência do receptor, mas também transforma, em maior ou menor medida, o sentido de tudo o que nela o precede (MUKAROVSKY, 1988, p. 141).

A multiplicidade de signos interligados inseridos em uma mesma obra é o que faz da arte tão propícia à simbolizar algo além do que uma mera observação superficial é capaz de perceber. A função estética assume o papel imprescindível de fazer a conexão entre os signos.

### 3.2 SÍMBOLO E IDENTIDADE NO PROTESTO COLETIVO

A aplicação de símbolos no protesto coletivo e, conseqüentemente, sua direta associação a grupos sociais, contribuiu para que eles passassem a representar não somente ideais e estados mas também esses mesmos grupos a quem são ligados. Existe uma conexão, portanto, do símbolo com a construção de uma identidade. Os estudos acerca da identidade coletiva, sejam eles de Melucci (1995), de Jasper e McGarry (2015) ou de Hall (1992) aliam-se aos de Blumer (1995), Eco (1986), Mukarovsky (1988), Mina (2019), Richter (2017) e Baudrillard (1995) unindo teorias psicossociais com a linguagem imagética e acústica.

A aplicação e utilização da simbologia envolve efetivamente a sistemática de funcionamento do signo. Umberto Eco (1991), em seus estudos sobre linguagem, introduz alguns conceitos acerca da representação, tanto filosófica quanto artística.

Eco (1991) classifica o que chama de emblemas. Entre eles, estão alguns exemplos: a cruz do cristianismo, a foice e martelo do comunismo e a meia-lua do islã. Esses emblemas, tipos de signos, “são icônicos porque, como os diagramas e os desenhos, se prestam a manipulações da expressão que incidem no conteúdo, mas arbitrários quanto ao grau de catarse que alcançaram” (ECO, 1991, p. 20). Eco afirma que a voz popular os chama de símbolos e, assim como os diagramas, são abertos a diversos usos, mas remetem a um campo definido de significados. Uma bandeira vermelha com uma foice e um martelo equivale ao comunismo e aquele que a balança é, por associação, um comunista. É possível fazer o mesmo tipo de comparação com a identidade de nação e as bandeiras de países balançadas no ar durante atos públicos, assim como os emblemas do feminismo carregados pelas mulheres.

Leib e Webster (2007) classificam as bandeiras como “recipientes simbólicos” que simbolizam filiação à uma cidadania nacional. Grandes exemplos do poder da simbologia, elas condensam uma gama de significados e emoções ligadas à experiências históricas em comum, bem como homogeneidade cultural e esforços para definir similaridade de visões para o futuro. Os autores ainda afirmam que a bandeira, cujo propósito central é realçar as forças de coesão e superar as de desunião, é “[...] elemento central da ‘cola’ que os Estados desenvolvem como parte de seus conjuntos de iconografia nacional”<sup>93</sup> (LEIB; WEBSTER, 2007, p. 31). Cola essa que pode também incluir mitos, heróis, monumentos, perspectivas religiosas, línguas e até esportes.

Cabe aqui aplicar os conceitos de Saussure (2006) acerca do significante e significado de um signo. “Entende-se por ‘significante’ a parte material do signo (o som que o conforma, os traços pretos sobre o papel branco formando uma palavra, ou os traços do desenho que representa, por exemplo, um cão)” (NETTO, 1980, p. 20); como exemplo, no caso da figura 25, são as formas gráficas da bandeira e a frase grifada no centro<sup>94</sup>. Já o significado é “[...] o conceito veiculado por essa parte material, seu conteúdo, a imagem mental por ela fornecida” (NETTO, 1980, p. 20), que, no contexto da figura, é o ideal religioso, o sentimento de nação e, especificamente na ocasião, a soberania popular. A significação (união entre significado e significante) se dá pelo conhecimento prévio do significado do signo. É a partir desse conhecimento que será possível entendê-lo por inteiro.

---

<sup>93</sup> “Central element of the ‘glue’ that states develop as part of their sets of national iconography” [tradução nossa].

<sup>94</sup> *Allahu akbar*. Em árabe, “Alá é o Maior”.

Figura 25 - Bagdá, Iraque



Fonte: Ahmad Al-Rubaye/Getty Images<sup>95</sup>

A teoria saussuriana pode ser aplicada à questão linguística do discurso - os slogans, frases de efeito e sons entoados. A própria expressão árabe escrita no centro da bandeira iraquiana, bem como ressoada em atos religiosos, protestos e demonstrações públicas, exemplifica um significante que, durante o processo de significação, transmite o ideal religioso de autoridade divina (significado).

A linha de raciocínio inclui a percepção desses emblemas e escritos simbólicos como parte da identidade do grupo em questão e, quase que imediatamente após, a relação de contato entre aquele signo e sua mensagem geral. A partir do momento em que são feitas várias dessas associações, já se conhece a mensagem a ser passada mesmo que o símbolo utilizado esteja desprovido de outros signos que ajudem a conduzir a mente. Já se sabe que o círculo com a letra “A” representa o anarquismo, ainda que ele esteja pintado avulso em uma parede sem quaisquer outras informações visuais. Houve um trabalho de reaplicação até que o que esse símbolo representa fosse globalmente reconhecível e entendível.

A sociedade civil passou a utilizar esses signos em protestos políticos à medida em que houve a percepção de que comunicam um ideal com melhor eficiência. O ditado popular de que “uma imagem vale mais que mil palavras” talvez seja aplicável para entender superficialmente esse fenômeno.

---

<sup>95</sup> Demonstração contra a demissão do popular general Abdul-Wahab al-Saadi, líder iraquiano no combate ao Estado Islâmico (TWAIIJ, 2019). Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/10/07/in-iraq-protesters-are-sick-of-corruption-and-foreign-influence-saadi-abdul-mahdi/>. Acesso em: 30/10/2020

Ilustram a união do símbolo com a identidade os protestos a favor e contra a legalização do aborto na Argentina. De um lado, mulheres com lenços verdes lutam pela descriminalização - lenços estes que, de acordo com Montañez (2019), eram utilizados na cor branca pelas avós de vítimas de sequestro durante a ditadura argentina, e hoje são símbolos, na cor verde, de esperança, bravura e luta das mulheres pelo direito a seus próprios corpos. A fita verde foi também projetada na lateral de edifícios públicos durante decisões do Congresso<sup>96</sup>. Do outro lado da discussão, parcelas religiosas da sociedade levantam bandeiras e laços azuis, cor associada ao conservadorismo, pela “imoralidade” do aborto e “a favor da vida”.

O emprego de símbolos como adereços e caracterização de grupos pode ser facilmente relacionável com o conceito de *Esprit de Corps*, exposto por Blumer (1995) e discutido no capítulo anterior desta pesquisa. O sentimento de pertencimento, intimamente relacionado à psicologia de massas, é amplificado quando o coletivo dispõe de símbolos sentimentais - a parafernália de ritual -, além de estar envolvido em associações informais (diversão, cantorias) e enxergar um “inimigo comum” que represente o que aquele grupo precisa lutar contra - o bode expiatório.

Esse mesmo conceito pode ser facilmente universalizado no protesto público coletivo, tanto urbano como distante da metrópole. Ele ilustra-se através de casos que ganharam atenção, como os Zapatistas do México que vestem máscaras pretas, o Movimento Verde Iraniano e suas bandeiras monocromáticas, os Coletes Amarelos na França e as mulheres sul-coreanas que carregam borboletas amarelas durante marchas anuais como símbolo das “Mulheres de Conforto”<sup>97</sup>, jovens da Coreia do Sul, China e Filipinas, forçadas a serem escravas sexuais por militares japoneses durante a Segunda Guerra Mundial (SHIN, 2019).

Os *pussyhats*<sup>98</sup> (figura 26), toucas cor-de-rosa usadas pelas mulheres progressistas dos Estados Unidos durante a anual *Women’s March*<sup>99</sup>, são também um excelente modelo para esse conceito. Tornaram-se simbólicos por um trocadilho de palavras que ironiza a fala sexista do presidente Donald Trump durante um áudio vazado ao público em outubro de 2016. Em

---

<sup>96</sup> Disponível em:

<https://www.reuters.com/article/us-argentina-abortion/argentine-president-to-send-abortion-legalization-law-to-congress-idUSKBN20O27K>. Acesso em: 12/09/2020

<sup>97</sup> Disponível em:

<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/sul-coreanos-marcham-com-caixao-ate-embaixada-do-japao-em-protos-to-por-mulheres-de-consolo.08d174129a3f6924af3e3dca8ab41eaaijqw0hqa.html>. Acesso em: 13/09/2020

<sup>98</sup> “chapeis de gatinho” [tradução nossa]

<sup>99</sup> Marcha das Mulheres. Núcleo em Washington D.C.

contraste, os apoiadores do presidente usam chapéus vermelhos com o slogan de campanha “*Make America Great Again*”<sup>100</sup>, acessório distintivo e parte da identidade visual do grupo.

Figura 26 - “*Pussyhats*” e “*MAGA hats*”



Fonte: Montagem elaborada pelo autor<sup>101</sup>

Nota-se a capacidade desse tipo de adereço de tornar-se midiático por sua alta capacidade viral, potencializada através das selfies, posts, comentários nas redes sociais e aparições na televisão - fato que contribui para a fazer com que o elemento seja frequentemente lembrado e associado à mensagem ou grupo que dele faz uso, a ser discutido no próximo subcapítulo. É, portanto, perceptível sua qualidade de elemento catalisador e tradutor visual ideológico, justamente por dispor de um poderoso caráter de equivalência e por condensar variedades de significados e emoções - consequentemente impulsionando a política de identificação, que pode ser vista não só como uma afirmação política em si, mas como uma declaração inflamatória de identidade (GIVHAN, 2019).

### 3.2.1 Mediatizando símbolos: protesto como espetáculo e consumo

É a linguagem de imagens, sons e sensações, manifestada em sua maior parte através da aplicação de símbolos, que torna o protesto urbano tão espetacular, no sentido mais literal da palavra. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.” (DEBORD, 1997, p. 14). A cultura do protesto,

<sup>100</sup> Torne a América Grande Novamente! [tradução nossa]. Abreviação: MAGA

<sup>101</sup> Fontes: Amanda Voisard/Washington Post e Robert Nickelsberg/Getty Images. Imagens disponíveis em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2017/01/26/4-lessons-for-todays-womens-marchers-from-the-suffrage-movement/>. e <https://www.wsj.com/articles/beyond-maga-hats-11548288238>. Acesso em: 13/09/2020

intrinsecamente ligada à sensorialidade, à identidade coletiva e à psicologia social, também aparece intimamente relacionada ao espetáculo e à criatividade. A espetacularização do protesto pode ser exemplificada datando ainda de ocasiões mais antigas, como o caso de Martin Luther King e seus pronunciamentos televisionados. A memória de seu discurso “Eu Tenho Um Sonho” de 1963, por exemplo, perdura na mídia até hoje.

O espetáculo, quando chama atenção, usufrui da simbologia. A performance criativa do *Extinction Rebellion* (Rebelião da Extinção), no centro da praça *Times Square* (figura 27) exemplifica essa relação. Ele também evidencia a lei dos signos, exposta por Peirce (2005) em seus estudos acerca do símbolo. A partir da reaplicação constante desse símbolo, a ampulheta dentro do círculo, o espectador a liga com o grupo de ativistas do clima. Essa associação, reforçada pelo espetáculo chamativo que ocorre ali mesmo na rua, catalisa a transmissão de uma mensagem à medida que viraliza midiaticamente.

Figura 27 - “Ajamos agora”



Fonte: Barry Williams<sup>102</sup>/NY Daily (2019)

E as técnicas artísticas, criativas e espetáculos de protesto podem ter contribuído para isso ao chamar atenção e dar visibilidade a todas as formas de simbologia política. Bandas de rock e punk vestindo símbolos e cantando versos, por exemplo. Conferiu-se atenção acentuada quando Billie Joe Armstrong<sup>103</sup> cantou “Não a Trump, à KKK e aos Estados Unidos fascista!”<sup>104</sup> durante a premiação *American Music Awards* em 2016, ou durante as

<sup>102</sup> Disponível em:

<https://www.nydailynews.com/new-york/nyc-crime/ny-protesters-arrested-times-square-20191010-iw64glabkncuxoalkn6plljfyq-story.html>. Acesso em: 12/09/2020

<sup>103</sup> Vocalista da banda estadunidense *Green Day*.

<sup>104</sup> “No Trump, no KKK, no fascist USA!” [tradução nossa]. Vídeo disponível em:

<https://www.theguardian.com/music/video/2016/nov/21/green-day-protest-at-amas-no-trump-no-kkk-no-fascist-usa-video>. Acesso em: 10/09/2020.



performances da banda punk russa *Pussy Riot*, famosa pelo uso simbólico das balaclavas coloridas que identificam as integrantes, e por suas músicas e exibições de protesto contra o autoritarismo crescente da Rússia e as políticas discriminatórias do presidente Vladimir Putin.

Pode-se também observar o uso de símbolos políticos que circulam pelo espaço digital e repercutem em todos os cantos do mundo, como as flores. A rosa vermelha socialista elucida o caso. A mão que segura a rosa é símbolo de partidos, organizações e a própria ideologia do socialismo democrático e é frequentemente exposta nos perfis de usuários da internet, bem como em bandeiras políticas, tatuagens, canções e na indumentária.

As flores também foram utilizadas em episódios históricos como a Revolução dos Cravos<sup>105</sup> (figura 28), na qual simbolizavam uma quebra com o passado autoritário de Portugal e um ideal de liberdade que perdurou no país até torná-lo democrático. As imagens, imortalizadas em livros, documentários e fotografias, marcaram o século XX. Flores também encheram as praças e avenidas da Bielorrússia, em 2020, após denúncias de fraude eleitoral e consequente repressão policial de protestos. As rosas brancas e flores coloridas<sup>106</sup> simbolizaram paz perante à violência que decorreu da revolta (ROTH; WALKER, 2020) e circularam em páginas do Instagram, angariando atenção globalizada para a política do Leste Europeu.

Figura 28 - Revolução dos Cravos



Fonte: Reuters<sup>107</sup> (1974)

<sup>105</sup> Revolução que depôs o regime ditatorial salazarista de Portugal, em abril de 1974 (FERNANDES, 2013).

<sup>106</sup> Fotografias disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/CD1kLZfHLLd/?igshid=1niix0z6ldeqk>. Acesso em: 12/09/2020.

<sup>107</sup> Disponível em:

<https://www.noticiasominuto.com/tech/782384/a-revolucao-dos-cravos-tambem-foi-celebrada-no-espaco>.

Acesso em: 12/09/2020

A união de músicas, slogans, gritos coordenados e endosso de celebridades, aliadas à simbologia ou transformadas nela à medida que se repetem durante protestos faz parte desse fenômeno de atração midiática. Uma análise de caso pode abranger também as paradas pelo orgulho LGBTQ que, apesar de possuídas de caráter identitário e não diretamente de protesto, também se auto-afirmam como atos de enfrentamento às opressões cotidianas. Realizadas no mundo inteiro, com a presença de milhões de pessoas e apoio de personalidades da mídia, artistas, canais de comunicação e até mesmo líderes governamentais, levam consigo bandeiras e adereços com o arco-íris, símbolo característico da comunidade.

A imagem que corre rapidamente pela internet global força maior impacto sobre a sociedade civil e usufrui de expoentes culturais - artistas de Hollywood, políticos e ativistas - em sua propagação. Coelho e Castro (2006) explicam o poder que esses expoentes possuem de exercer influência. “Celebridades, atores, políticos, personalidades, gurus [...], tudo transmite uma sensação de permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia” (COELHO; CASTRO, 2006, p. 115). Leonardo DiCaprio, Gisele Bündchen, Emma Watson, John Boyega e diversos outros engajados em causas sociais funcionam como vetores transmissores da mensagem a ser disseminada e, aliados ao equipamento de produção de espetáculo - lasers, DJs, concertos e performances - criam uma verdadeira extravagância viral.

A organização hacktivista *Anonymous* é, possivelmente, o maior exemplo de como um adereço pode tornar-se símbolo e passar a ser mediatizado em proporções inéditas. A máscara de Guy Fawkes, popularizada pelo longa-metragem “V de Vingança”<sup>108</sup>, virou representação de um ideal político anticorrupção e anti-autoritário, ainda que a história de Fawkes na Grã-Bretanha de 1600 não tenha se dado exatamente dentro desses moldes. A máscara ganhou atenção tamanha que aparece com frequência em manifestações dissidentes de todos os continentes habitados do globo, de ambos os lados do espectro político.

O objeto serviu de inspiração para a sociedade secreta de hackers da série de televisão *Mr. Robot*<sup>109</sup>, e também surgiu em outros canais de mídia, sendo foco principal do videoclipe *Toulouse*<sup>110</sup>, do DJ holandês Nicky Romero, que acumula mais de 440 milhões de visualizações no Youtube. A máscara também apareceu em outras séries e documentários,

---

<sup>108</sup> V de Vingança. Direção de James McTeigue. Produção de Joel Silver, Grant Hill e The Wachowskis. Londres, Potsdam: Silver Pictures, Virtual Studios and Anarchos Productions, 2005. Netflix (133 min)

<sup>109</sup> Mr. Robot. Direção de Sam Esmail. Produção de Steve Golin, Chad Hamilton e Igor Srubshchik. Nova York: USA Network, 2015. Prime Video.

<sup>110</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=KrVC5dm5fFc&ab\\_channel=DJStant%26Kameleon](https://www.youtube.com/watch?v=KrVC5dm5fFc&ab_channel=DJStant%26Kameleon). Acesso em: 14/09/2020



como o *Democracia em Vertigem*<sup>111</sup>, da brasileira Petra Costa, evidenciando seu uso político. Durante as Jornadas de Junho, Guy Fawkes virou rosto do movimento, tornando-se um jogo de computador e ilustrando os pôsteres urbanos em referência ao “V de Vinagre”, slogan popular que tomou as redes depois de alguns manifestantes terem sido presos pela polícia de São Paulo por porte de vinagre durante atos contra o governo vigente.

O uso da máscara por diferentes grupos suscita a discussão sobre apropriação simbólica e as possibilidades de reinterpretação sígnica. “As formas simbólicas podem ser analisadas mais além, em relação tanto às suas condições sócio-históricas como às suas características estruturais internas, e elas podem, por isso, ser reinterpretadas” (THOMPSON, 1995, p. 376). A partir desta descrição, é possível entender a utilização própria e ressignificada de um símbolo gráfico ou material. No caso do *Anonymous*, cada uso coletivo da máscara se encaixa na perspectiva daquela determinada circunstância social, e é por esta razão que, mesmo tendo um ideal maior que transcenda ideologias específicas, ela é utilizada conforme as representações sociais políticas particulares daquele contexto. Isso explica suas aparições constantes em qualquer lugar do mundo e sob diferentes conjunturas sociopolíticas.

De acordo com Thompson (1995) é ainda importante notar o risco de conflito dessa reinterpretação simbólica. É um processo aberto a debate, e por isso tem potencial “perigoso”.

Como uma reinterpretação de um campo objetivo pré-interpretado, o processo de interpretação é necessariamente arriscado, cheio de conflito e aberto à discussão. A possibilidade de um conflito de interpretação é intrínseca ao próprio processo de interpretação (THOMPSON, 1995, p. 376).

A aplicação desse conceito de reinterpretação, processo que dá espaço à apropriação de símbolos, também ocorre em outras circunstâncias de caráter político. Um exemplo evidente é a própria bandeira do Brasil, cujas cores e design são atribuídas e utilizadas, em especial após a segunda metade da década de 2010, por aqueles à direita no espectro político brasileiro como forma de pertencimento à referida vertente ideológica. Percebe-se, a partir disso, um possível conflito, no qual ideologias opostas parecem estar em uma disputa em relação a ressignificação de um símbolo anteriormente comum e próprio de ambos os lados.

O verde e amarelo da bandeira surge como característica estética principal desse grupo. A mediatização dos eventos organizados por essa vertente durante a série histórica dos

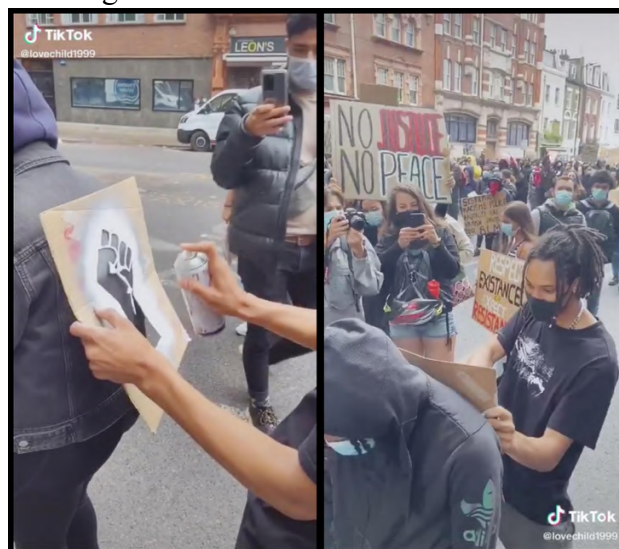
---

<sup>111</sup> *Democracia em Vertigem*. Direção de Petra Costa. Produção de Joana Natasegara, Shane Boris e Tiago Pavan. Brasil: Busca Vida Filmes, 2019. Netflix (123min)

anos 2010, além de contar com as cores e design da bandeira nacional, usufruiu de outros elementos que contribuíram para sua viralização: o pato inflável de 12 metros, por exemplo, que simboliza o ensejo dessa ideologia pela diminuição de impostos - “não vou pagar o pato” - foi colocado na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, e na Avenida Paulista, em São Paulo. Ambos os locais conferem visibilidade perante às câmeras e drones de emissoras de televisão que perpassam pelas avenidas durante as ocasiões de ocupação das ruas.

A apropriação da simbologia ainda inclui outro caso histórico notável: o símbolo do punho erguido. Simbolizando a resistência contra a tirania e a opressão de classes, mais associado a vertentes marxistas, foi também apropriado pelos movimentos negros ocidentais e altamente reconhecido por suas repetidas aparições na mídia e em atos públicos (figura 29), como quando os atletas afro-americanos Tommie Smith e John Carlos ergueram os punhos durante a cerimônia de medalhas das Olimpíadas de 1968, na Cidade do México, para saudar os Direitos Humanos - originando uma das mais significativas fotografias políticas do século <sup>112</sup>. A iconografia simbólica do *Black Lives Matter* envolve, além desse gesto, outras formas de resistência: ajoelhar-se para manifestar repúdio tornou-se forma popular para pedir justiça racial após o jogador de futebol americano Colin Kaepernick ter se recusado a cantar o hino nacional dos EUA durante uma partida televisionada.

Figura 29 - Stencil *Black Lives Matter*



Fonte: Oscar Equiano Riley<sup>113</sup> (2020)

<sup>112</sup> Disponível em: <https://www.history.com/news/1968-mexico-city-olympics-black-power-protest-backlash>. Acesso em: 20/09/2020

<sup>113</sup> O artista Oscar Equiano Riley marca manifestantes com o símbolo do movimento *Black Lives Matter* em arte stencil. Londres, junho de 2020. A publicação alcançou mais de 30 milhões de visualizações na rede TikTok. Disponível em: <https://twitter.com/AllegraJasha/status/1269926751960006668?s=20>. Acesso em: 14/09/2020

E, assim como as ferramentas de cena e a grande teatralidade desses atos, surge também o consumo. O mercado passa a enxergar na simbologia das causas sociais populares uma nova fonte de capitalização. E essa capitalização está conectada diretamente à mídia. Na contemporaneidade, uma não mais existe sem a outra. “A mídia, não só enquanto produto, mas também enquanto veículo de divulgação, assume papel importantíssimo [...], sem a qual o consumo, certamente, não teria tanto incremento e a sociedade do espetáculo não teria o seu brilho (COELHO; CASTRO, 2006, p. 113).

Para explicar a ligação de mercado, mídia e identidade, Baudrillard (1995) introduz o que chama de lógica estrutural da diferenciação. Esta lógica se trata de uma produção de indivíduos “personalizados”, ou seja, diferentes uns dos outros, mas ainda assim em conformidade com modelos gerais, maiores do que uma simples singularidade.

Por outras palavras, a conformidade não é a igualização dos estatutos, a homogeneização *consciente* do grupo (cada indivíduo alinha-se pelos outros), mas o fato de ter em comum o mesmo código e de partilhar idênticos signos que diferenciam globalmente de qualquer outro grupo. A diferença em relação a outro grupo é que faz a *paridade* (mais do que a conformidade) dos membros de um grupo (BAUDRILLARD, 1995, p. 93).

Essa diferença entre grupos é, de acordo com o autor, o que o mercado vê como industrializável e comercializável. O símbolo como mercadoria pode se encaixar nessa definição como verdadeiro exemplar material da lógica de diferenciação, e é possível também vê-lo como mantenedor da identidade de grupos em uma sociedade de consumo. Pode-se relacionar o conceito com a “auto-afirmação” descrita por Mina (2019). Assim como elementos digitais contribuem para esse sentimento, também o faz a mercadoria.

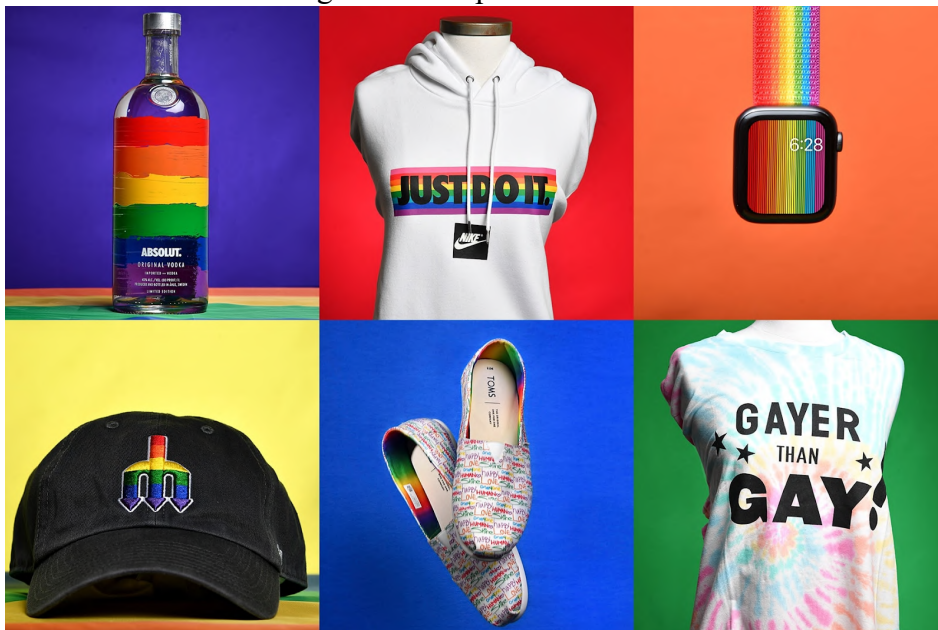
O consumo de um signo que personaliza e difere os indivíduos de um grupo de outras tribos sociais tem relação intrínseca, portanto, com a comunicação. Baudrillard (1995) reforça que o consumo não é mais apenas posse, prática funcional dos objetos, e nem exerce uma simples função de prestígio individual ou coletivo, mas é sim “um sistema de comunicação e de permuta, como código de signos continuamente emitidos, recebidos e inventados, como *linguagem* (BAUDRILLARD, 1995, p. 94). Para ilustrar melhor esse conceito, pode-se pensar em vestuário, adereços, acessórios e objetos variados de caracterização visual.

Percebe-se, dessa forma, a razão pelo desejo de obtenção de um símbolo identitário que comunica um ideal e uma personalidade, especialmente se considerada a conjuntura

social pós-moderna de consumo exacerbado e necessidade de auto-percepção, já vista em capítulos anteriores desta pesquisa. Dentro dessas circunstâncias, são mais facilmente comercializados símbolos midiaticamente populares, de conteúdo viral, de engajamento virtual e causadores de notável agitação publicitária - envolvendo desde movimentos de imigrantes até o ativismo ambiental.

Desta capitalização de simbologia surgem várias definições de apropriação do mercado, sendo o Capitalismo Rosa<sup>114</sup>, ilustrado na figura 30, uma bastante difundida. A percepção dessa tendência publicitária e mercadológica encontra repletas ocorrências cotidianas, desde a comercialização do *Doritos Rainbow*, edição brasileira limitada e colorida, até a lojinha de *Virginia Beach*, nos EUA, que vendia camisetas com o rosto de George Floyd<sup>115</sup>, cidadão negro asfixiado por um policial branco em Minnesota (EUA), anexado a um slogan que simbolizou a série de protestos de 2020 - “eu não consigo respirar”<sup>116</sup>.

Figura 30 - Capitalismo Rosa



Fonte: Marvin Joseph/The Washington Post<sup>117</sup> (2019)

<sup>114</sup> Também conhecido como Dinheiro Rosa ou Economia Rosa, é um termo popular para descrever o fenômeno mercadológico e socioeconômico de inclusão da comunidade LGBTQ à economia de mercado (YEH, 2018). Essa economia é estimulada através do consumo e mercantilização de simbologia e mercadoria alusiva à identidade LGBTQ - o arco-íris simbólico, em primeiro plano.

<sup>115</sup> Disponível em:

<https://www.pilotonline.com/business/consumer/vp-nw-george-floyd-merchandise-0619-20200618-yimwtde33bdslk2tulpsqmldx-story.html>. Acesso em: 15/09/2020

<sup>116</sup> *I can't breathe.*

<sup>117</sup> Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/graphics/2019/opinions/pride-for-sale/>. Acesso em: 14/09/2020

Ativistas das mais variadas causas afirmam que a mercantilização desses símbolos e das causas sociais em aspecto geral acaba por retirar o protagonismo da causa de comunidades já marginalizadas e sub-representadas, e transferir os ganhos midiáticos para o mercado de consumo, que pouco ou nada tem a acrescentar e contribuir para as reivindicações dessas minorias. Enxergam aqui uma segunda forma de opressão. Essa perspectiva negativa sobre o mercado, então, incitou o estudo de formas para desmonopolizar símbolos.

Richter (2017b), em seus estudos acerca da iconografia política, introduz duas principais perspectivas: a do russo Sergei Chakhotin<sup>118</sup> e a do francês Roland Barthes<sup>119</sup>. Chakhotin, de acordo com a autora, focalizou seu trabalho em uma análise de símbolos mais emocional. Como membro da Frente de Ferro<sup>120</sup> sua estratégia de comunicação para resistência antifascista era baseada na utilização de códigos “memoráveis” e de linguagem visual emocional. Por outro lado, Barthes defendeu uma análise mais racional da comunicação iconográfica, crítica da ideologia e que buscava entender como as visões dos indivíduos são organizadas por signos. Uma análise que misture essas duas visões diferentes, uma emocional e uma crítica, de acordo com Richter (2017b), pode ser bastante frutífera ao observar códigos bastante conhecidos e para entender como tirá-los das mãos de quem os apropria negativamente e “rouba” seus significados.

A autora explica que muitos símbolos popularizaram-se a ponto de serem monopolizados midiaticamente, incluindo a pomba da paz e o punho erguido, tendo seus significados originais distorcidos e desvirtuados. Para que se possa tirar o monopólio de qualquer design político simbólico, é preciso interligar as visões de Chakhotin e Barthes.

O que é preciso [...] é uma nova contextualização de seu conteúdo ou uma desfamiliarização de sua forma, para que os hábitos condicionados nos quais eles são usualmente vistos possam ser subvertidos. É desta maneira que ambas as leituras emocional e racional se interligam: as visões de Chakhotin e Barthes não são mais contraditórias (RICHTER, 2017b, p. 135)<sup>121</sup>.

---

<sup>118</sup> Biólogo, sociólogo e estudioso dos efeitos da propaganda na psicologia de massas. Criou o símbolo da Frente de Ferro, que consiste em três flechas apontando para o sudoeste, representando os três inimigos da social-democracia: a monarquia, o fascismo e o comunismo. O pôster mais famoso da Frente de Ferro (disponível em <https://www.intotheminds.com/blog/en/manipulating-without-convincing/>, acesso em: 03/09/2020) popularizou-se entre as alas da social-democracia europeia.

<sup>119</sup> Escritor, sociólogo e semiólogo francês influenciado pelos estudos do linguista suíço Ferdinand de Saussure.

<sup>120</sup> Organização paramilitar social-democrata, fundada em 1931, na República de Weimar, atual Alemanha.

<sup>121</sup> “What is needed [...] is a new contextualization of their content or a de-familiarization of their form, so that the conditioned habits in which they are usually seen can be subverted. It is in this way that both emotional and rational readings interlock: the views of Chakhotin and Barthes are no longer contradictory.” [tradução nossa]

Um olhar crítico sobre a condição de uso daquele símbolo aliado à uma estratégia de apelo emocional criativa que o ressignifique é talvez uma possível solução para o problema da mercantilização de símbolos, artes e design subversivo. A comunicação que usa símbolos e signos globalmente conhecidos, mas que continuamente os carrega com diferentes significados em contextos diversos, é o que, de acordo com a autora, pode contribuir para o fim do monopólio desse conteúdo e para que os conceitos jamais sejam exclusivos de algo ou alguém. A *Reclaim Pride Coalition*<sup>122</sup> pode ser um bom exemplo de início para esse esforço de recuperação.

Nota-se, portanto, que, para que exista uma associação de identidade e uma participação midiática efetiva voltada às reivindicações primordiais da causa que protesta, é necessária uma reaplicação constante dos símbolos de maneiras criativas e inovadoras, sem que se perca a crítica racional sobre suas finalidade e usos. O símbolo é elemento de linguagem, e como todas as linguagens, está em constante mudança para adaptar-se ao contexto no qual se insere.

---

<sup>122</sup> “Coalizão de Recuperação do Orgulho”, em tradução literal, é uma organização LGBTQ fundada em Nova York, em 2019 (disponível em <https://reclaimpridenyc.org/>) com o intuito de recuperar a Parada LGBT das mãos das grandes corporações, que hoje dominam os desfiles e apropriam seus símbolos e mensagens visando o lucro e a boa reputação perante os consumidores engajados na causa.

#### 4 MOVIMENTO GUARDA-CHUVA: UM ESTUDO DE CASO

Durante as primeiras décadas do século XIX, em meio a um comércio global em expansão, os britânicos possuíam controle sobre o porto de Cantão, cidade localizada no sul da China. O comércio entre os dois países, porém, era deficitário para a Inglaterra. Os ingleses passaram, então, a traficar o ópio<sup>123</sup> da Índia para a China (PLETCHER 2020). As consequências da expansão da substância pela China, ameaçando o bem-estar social e financeiro do país, fizeram com que o governo chinês instituisse políticas rigorosas de combate à droga (SANTOS; OLIVEIRA, 2015). A Grã-Bretanha sem lucros, então, declarou guerra à China, a chamada Primeira Guerra do Ópio.

A assinatura do Tratado de Nanquim finalizou o conflito entre as duas nações em 1842. Entre as medidas exigidas pela Coroa Britânica, após sua vitória, estava a entrega da ilha chinesa de Hong Kong para a Grã-Bretanha. De acordo com Santos e Oliveira (2015), com a persistência dos problemas, Hong Kong posteriormente saiu derrotada da Segunda Guerra do Ópio, e teve de ceder o território aos britânicos por mais 99 anos.

Hong Kong desenvolveu-se como um polo econômico mundialmente reconhecido e financeiramente importante no cenário asiático. Sua população saltou de cinco mil habitantes em 1842 para mais de sete milhões em 2015 (SANTOS; OLIVEIRA, 2015) e o território tornou-se uma das áreas urbanas mais densamente povoadas do mundo (figura 31).

Figura 31 - Hong Kong



Fonte: Kam Ming Chow<sup>124</sup> (2011)

De acordo com os autores, as negociações de devolução da ilha foram posteriormente iniciadas em 1984. Hong Kong foi devolvida à República Popular da China em 1997, com a

<sup>123</sup> Narcótico de ação analgésica e hipnótica.

<sup>124</sup> Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/kmdd/5978562722>. Acesso em: 24/10/2020

condição de que permanecesse sob um sistema liberal capitalista por mais 50 anos, sem a influência política direta da China continental. A relação da ilha com o continente ficou denominada como “Um País, Dois Sistemas”. Hong Kong passava, então, a ser uma Região Administrativa Especial; isto é, pertence à China, mas não está sob o mesmo regime político, econômico e social que ela (FITTERER, 2017).

Hong Kong tornou-se palco de grandes revoltas populares que se deram, em sua maioria, pelo não cumprimento das autoridades chinesas às regras do acordo de devolução (FITTERER, 2017). De acordo com o documento, a ilha deveria dispor de liberdades democráticas, tais como: o direito ao voto direto, à livre assembleia, à liberdade de imprensa e de expressão. Fitterer (2017) afirma que a insatisfação por parte dos honcongueses com a constante interferência do governo central de Pequim na ilha suscitou grandes mobilizações populares, tendo uma de suas mais expressivas acontecido em 2014: a Revolução Guarda-chuva.

Em 31 de agosto de 2014, o Comitê Permanente do Congresso Nacional do Povo<sup>125</sup> reuniu-se para tratar sobre uma reforma eleitoral em Hong Kong. A decisão determinou que apenas dois ou três candidatos à chefe executivo (espécie de governador da ilha) que “verdadeiramente amassem Hong Kong” seriam apontados e pré-aprovados pelo Comitê antes de seguirem para a eleição (STEVENS, 2014). A medida, que feria o acordo de devolução ao não permitir o verdadeiro sufrágio universal, irritou parcelas da população local, em especial os estudantes secundaristas e universitários. Joshua Wong<sup>126</sup>, um dos estudantes e rosto principal do ativismo honconguês, ganhou espaço na mídia e um documentário com os direitos adquiridos pela Netflix<sup>127</sup>.

De acordo com o jornal britânico *The Guardian*<sup>128</sup>, os estudantes, professores e ativistas consideraram a ação do comitê “a gota d’água” da interferência de Pequim na ilha e organizaram o primeiro ato - “*Occupy Central With Love and Peace*”<sup>129</sup> - como forma de desobediência civil pacífica contra a medida. A principal reivindicação dos manifestantes era

---

<sup>125</sup> Mais alto organismo governamental do poder legislativo chinês.

<sup>126</sup> Fundador do grupo ativista estudantil *Scholarism* (FITTERER, 2017) e organizador das primeiras mobilizações do movimento posteriormente conhecido como Movimento Guarda-Chuva.

<sup>127</sup> Joshua: Adolescente vs. Superpotência. Direção de Joe Piscatella. Produção de Mark Rinehart, Matthew Torne. Hong Kong, June Pictures, 2017. Netflix (78min)

<sup>128</sup> Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2014/sep/30/-sp-hong-kong-umbrella-revolution-pro-democracy-protests>>. Acesso em: 21/06/2020

<sup>129</sup> “Ocupar o *Central* [principal distrito financeiro no centro de Hong Kong] com Amor e Paz” [tradução nossa].



a implementação de um sistema eleitoral puramente democrático que garantisse o sufrágio universal livre de interferências (KAIMAN, 2014).

Protestos decorrentes da decisão do comitê tornaram-se frequentes e os conflitos com a polícia da ilha se intensificaram. As táticas dos manifestantes deram nome à série de eventos que ficou conhecida como Revolução Guarda-chuva e que, por consequência, originou a formação do movimento de mesmo nome<sup>130</sup>. Para se proteger do gás lacrimogêneo, das balas de borracha e do spray de pimenta, os manifestantes passaram a usar guarda-chuvas (figura 32), que também eram úteis sob o sol forte da ilha e chuvas frequentes (WHITEAKER, 2019).

Figura 32 - Os guarda-chuvas



Fonte: Alex Hofford/European Pressphoto Agency<sup>131</sup>, 2014

Desde então, o objeto é o principal símbolo das organizações dissidentes de Hong Kong e tornou-se recorrente nos protestos que sucederam as primeiras mobilizações, sendo bastante usado ao longo da década de 2010. Segundo Peirce, “o símbolo, ao se constituir como tal, se dissemina entre as pessoas. Ao ser usado e experimentado, tem seu sentido ampliado”<sup>132</sup> (PEIRCE, 1958, p. 302) e, nesse caso, passa a fazer referência não somente ao Movimento Guarda-chuva em sua característica isolada, mas também a todas as movimentações pró-democráticas de Hong Kong na era contemporânea (WHITEAKER, 2019) e ao anseio de autonomia perante o governo central chinês.

Ao decorrer deste capítulo, conforme explanado no capítulo metodológico, será realizada uma análise com olhar semiótico sobre o Movimento Guarda-chuva e sua

<sup>130</sup> Movimento Guarda-Chuva. A sigla “MG” será usada ao longo do capítulo para referir-se ao movimento.

<sup>131</sup> Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/hong-kong-protesters-call-for-democracy-1411897556>. Acesso em: 24/10/2020

<sup>132</sup> “A symbol, once in being, spreads among the peoples. In use and in experience, its meaning grows” [tradução nossa].

simbologia, que contemplará a perspectiva de alguns autores do campo da representação e da sociologia, incluindo estudos citados em capítulos prévios durante a execução desta pesquisa. O movimento foi escolhido como objeto de estudo por sua forte carga simbólica e midiática, e também por reunir diversos aspectos típicos de organizações populares que acabaram por se transformar em movimentos sociais estruturais à medida que cresceram física e filosoficamente.

#### 4.1 O GUARDA-CHUVA: A FORÇA DE UM SIGNO

O Movimento Guarda-Chuva detém, de forma marcante, uma riqueza de símbolos que o representam, tanto midiaticamente como de forma local. É evidente que, em decorrência de contexto histórico de origem do MG, o guarda-chuva em si transformou-se no signo distintivo, reconhecível como um dos mais famosos símbolos dissidentes do século XXI, especialmente no contexto sociopolítico asiático. Aliado à cor, a ser posteriormente analisada neste subcapítulo, passou a representar não apenas um movimento político, mas também a carga ideológica e filosófica que ele carrega consigo.

Como já visto em capítulos prévios, Peirce, segundo Santaella (1984), estabelece que o signo é algo que representa alguma outra coisa diferente dele, e que é capaz de traduzi-la ou substituí-la. Peirce, de acordo com a autora, ainda traz o que chama de tricotomia do signo, que envolve as classificações de ícone, índice e símbolo. Este último, será usado para entender os elementos representativos que circulam pelo MG. Netto (1980) reforça que Peirce propôs a existência de dez tricotomias, mas não cabe aqui analisá-las integralmente, uma vez que a segunda (do ícone, índice e símbolo) já se faz suficientemente apropriada.

A fim de reforçar os conceitos: o ícone diz respeito a um signo que possui alguma semelhança com o objeto a ser representado - a escultura de uma mulher, a fotografia de um carro ou um diagrama (NETTO, 1980). Já o índice, segundo o autor, “se refere ao objeto denotado em virtude de ser diretamente afetado por este objeto” (NETTO, 1980, p. 58), isto é, é modificado pelo objeto - a fumaça é um signo indicial de fogo, um campo molhado é índice de chuva e uma seta indica um caminho a ser seguido. Pode-se incluir aqui também números ordinais, impressões digitais e pronomes demonstrativos (NETTO, 1980).

“O símbolo é o signo que se refere ao objeto denotado em virtude de uma associação de ideias produzida por uma convenção. [...] é marcado pela arbitrariedade” (NETTO, 1980, p. 58). A convenção social, “acordo coletivo” que os indivíduos fazem inconscientemente para

que aquele símbolo representativo seja aceito como tal, é imprescindível para que o processo de entendimento dele seja efetivo. “Sua significância especial [...] reside no fato de existir um hábito, disposição ou qualquer outra norma a fazer com que esse signo seja sempre interpretado como símbolo” (NETTO, 1980, p. 60). É necessário, portanto, levar em consideração que a razão da existência do símbolo deve ser procurada em seu caráter convencional e arbitrário. O que dá poder ao símbolo de funcionar como signo, “[...] é o fato proeminente de que ele é portador de uma lei de representação” (SANTAELLA, 1984, p. 15).

Ao contextualizar os conceitos de Peirce, explicitados por Santaella (1984) e Netto (1980), nas circunstâncias que envolvem o MG, pode-se notar a intensidade de poder que o guarda-chuva detém dentro do movimento. Sua figura, empregada na indumentária, no espaço urbano, na arte (figura 33), em objetos de consumo, bem como o uso do próprio objeto físico como equipamento de proteção - razão pela qual originalmente tornou-se útil nos protestos - reforça o que Santaella (1984) afirma ser a regra de réplica de Peirce. Para o estudioso, segundo a autora, o símbolo “[...] como lei geral, abstrata, para se manifestar precisa de réplicas, ocorrências singulares. Desse modo, cada palavra escrita ou falada é uma ocorrência através da qual a lei se manifesta” (SANTAELLA, 1984, p. 15), e o conceito é extensível o suficiente para ser aplicado nas réplicas frequentes de um objeto representativo.

Figura 33 - Símbolo global



Fonte: Montagem elaborada pelo autor<sup>133</sup>

<sup>133</sup> Disponível em: [https://twitter.com/Stand\\_with\\_HK/status/1177533616420720640?s=20](https://twitter.com/Stand_with_HK/status/1177533616420720640?s=20). Acesso em: 12/11/2020. A arte da esquerda diz: “Esteja com Hong Kong” e “Lute por liberdade” [tradução nossa] e faz

O processo de associação mental que decorre do emprego de um símbolo ou de um emblema é o que se faz com que ele conduza a transmissão de uma mensagem ou significado com grande rapidez e eficiência. Esses emblemas, segundo Eco (1991), são abertos a diversos usos, mas remetem a um campo definido de significados. No caso em análise, as obras são passíveis de serem interpretadas sob diferentes pontos de vista, mas remetem à definições um tanto restritas em relação ao ideal propagado - trata-se da “liberdade contra a tirania”. E também restritas à contextualização; os símbolos inseridos junto à mensagem - o guarda-chuva e a cor amarela (a ser analisada a seguir) - oferecem ao processo de significação mental um elemento primordial para que a mensagem seja entendida dentro do contexto do MG, especificamente.

É indispensável, além disso, tomar como alvo de análise um elemento simbólico intrínseco ao MG e à sua história: a cor. De acordo com Farina (2011), a humanidade começou a usar a cor com a intensidade usada hoje, há mais ou menos 200 anos. A reação do indivíduo à cor, segundo o autor, é uma maneira particular e subjetiva, relacionada a vários fatores. “Entretanto, os psicólogos e agentes culturais estão de comum acordo quando atribuem certos significados a determinadas cores [...]” (FARINA, 2011, p. 96). Ou seja, é possível, de fato, que as cores sejam capazes de transmitir significados. Neste estudo de caso, a cor está aliada a outros símbolos a fim de reforçá-los. “As cores constituem estímulos psicológicos para a sensibilidade humana, influenciando no indivíduo, para gostar ou não de algo, para negar ou afirmar, para se abster ou agir” (FARINA, 2011, p. 96).

Evidentemente a mais importante e mais presente no material visual do MG, a cor amarela destaca-se como cor “oficial” do movimento e carrega significativa força junto à mensagem geral dos outros símbolos. Segundo Wang e Fung (2017), o amarelo foi primeiramente empregado no movimento sufragista dos Estados Unidos, por volta dos anos 1860 - daí sua associação ao MG, que tem como um de seus objetivos o sufrágio universal na região semi-autônoma. As autoras também afirmam que os manifestantes, assim como as sufragistas norte-americanas, passaram a usar laços amarelos amarrados tanto em seus braços como em objetos e locais das cidades<sup>134</sup>. A canção “*Tie a Yellow Ribbon Round the Ole Oak*

---

referência à Estátua da Liberdade de Nova York. A arte da direita diz: “Lute contra a tirania” e “Lute pela autonomia” [tradução nossa], e faz referência à obra original de Banksy, “O atirador de flores” (2005) - disponível em: <https://shopbanksy.com/products/flower-thrower-a4-print>.

<sup>134</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-29473974>. Acesso em: 02/11/2020

*Tree*<sup>135</sup> foi regularmente tocada em manifestações de 2014 (WANG; FUNG, 2017). O amarelo passou, então, segundo as autoras, a simbolizar oposição à Pequim.

Farina (2011) explica que o amarelo remete à espontaneidade, ação, poder, dinamismo e impulsividade. A cor pode transmitir ainda estímulo, potencialização e irritação. Em contraste, ela desperta impulsos de adesão - muito importante aqui na prospecção do ativismo. Ela é usada para dar destaque, visibilidade, chamar atenção. Segundo o autor, as associações afetivas do amarelo incluem uma variedade de emoções e sentimentos, mas entre eles, é possível destacar: orgulho, esperança, idealismo e euforia. Deriva do latim *amaryllis* e “simboliza a cor irradiante em todas as direções” (FARINA, 2011, p. 101). É comum também que seja empregada na construção de situações antitéticas, isto é, de antagonismo: o uso da cor vibrante em oposição à vida cotidiana cinzenta, por exemplo. No meio densamente urbano de concreto e metal de Hong Kong, ela se destaca com facilidade.

Faz sentido, portanto, que tenha sido usada como parte da identidade visual do MG, tendo sido empregada nos capacetes protetores, na arte, nos objetos e no próprio guarda-chuva, como visto na figura 34. A união de signos aqui, praticada através de constantes reparações e replicações, reforça a manifestação da lei do símbolo de Peirce.

Figura 34 - Guarda-chuvas amarelos



Fonte: Kin Cheung/Associated Press<sup>136</sup> (2015)

<sup>135</sup> “Amarre Uma Fita Amarela em Volta do Velho Carvalho”, canção de Dawn e Tony Orlando (1973). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_dggAQk5peA&ab\\_channel=NoMadU55555](https://www.youtube.com/watch?v=_dggAQk5peA&ab_channel=NoMadU55555). Acesso em: 02/11/2020.

<sup>136</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2015/sep/28/hong-kong-umbrella-movement-first-anniversary-democracy>. Acesso em: 02/11/2020



Em sua característica de símbolo poderoso e imensamente significativo, o guarda-chuva foi imortalizado não somente em objetos e espaços urbanos, mas também no corpo. Sabino e Luz (2006) afirmam que “em diversas culturas de distintas complexidades, a tatuagem mobiliza olhares, reflete sentimentos, classifica e ordena subjetivamente o fluxo intermitente de indivíduos que lhe servem de tela e que nela buscam distinções simbólicas” (SABINO; LUZ, 2006). A distinção simbólica é aqui um aspecto marcante:

[...] a tatuagem é um meio de individuação que tem a tarefa de demarcar a diferença em relação ao outro, tatuado ou não. Também constitui uma demarcação de inconformismo que pode expressar a incorporação de uma estética pessoal. Por outro lado, a grafia epidérmica permite reivindicar o pertencimento a uma categoria social, servindo como uma espécie de “etiqueta coletiva” [...], simbolizando a filiação privilegiada a um grupo social específico que busca demarcar sua identidade coletiva em um processo de emblematismo (SANDERS 1989 *apud* SABINO; LUZ, 2006, p. 252).

Ao tatuar o guarda-chuva no corpo (figura 35), os ativistas do MG buscam não somente afirmar-se como membros de um movimento político, mas também expressar um ideal de rebeldia perante o Estado. O próprio autor afirma ser uma espécie de “estética da dissidência”.

A corporeidade extensivamente marcada com recurso à tatuagem e ao body piercing configura um projecto de corpo que [...] continua a ser activamente apropriado como regime corporal não alinhado, resultante de uma cadeia de gestos simbólicos de irreverência e transgressão perante determinadas esferas de controlo social e de relações de poder (FERREIRA, 2008, p. 177).

Figura 35 - Tatuagens



Fonte: Montagem elaborada pelo autor<sup>137</sup>.

<sup>137</sup> Arte de Zada Lam. Disponíveis em: [https://www.instagram.com/zada\\_hk/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/zada_hk/?hl=pt-br). Acesso em: 02/11/2020.

A tatuagem, nesse contexto, simboliza tanto os ideais liberais do movimento, como um “desafio” e enfrentamento dos ativistas em relação ao Estado: a China continental.

O estudo de Epstein (2002) acerca da função estética dos signos explica a possibilidade de enxergar as tatuagens do símbolo como compostas de um “sobrecódigo”. Aqui entra a característica auto-reflexiva das mesmas. O “jogo de adivinhação” que faz parte do emprego de um símbolo artístico como esse é o que define a função estética do signo.

O tema do jogo para o emissor não é o de transmitir diretamente um conteúdo de sentido numa mensagem: isso diz respeito a uma infraestrutura da atividade da comunicação que aqui não é determinante e serve apenas, por assim dizer, como onda portadora para o jogo. Para o emissor, o jogo seria aqui, por um lado, criar, em sua própria mensagem, um sobrecódigo cujas regras ele deve fazer o receptor “adivinhar” e, por outro, no entanto, maximizar para este último a surpresa e a incerteza de sua espera dos elementos da mensagem. O tema do jogo para o receptor seria, compreendendo o sentido “literal” da mensagem, “adivinhar” o sobrecódigo superposto pelo locutor... (GRANGER 1974 *apud* EPSTEIN, 2002, p. 34-35)

Segundo Epstein (2002), diferentemente da função semântica do signo, onde o significante é transparente, isto é, deixa aparecer o significado que determina (placas de sinalização, signos científicos...), a função estética tem o significante bastante opaco, chamando atenção sobre a forma como é constituído e, portanto, “abrindo” o leque de significados que ele possa transmitir.

É importante enfatizar que a característica sensível de percepção do espectador também faz parte do processo de entendimento do signo. “A percepção da informação estética não depende apenas de sua ‘carga’ intencionalmente atribuída e incorporada pelo emissor à mensagem; depende, em grau variável, da sensibilidade do receptor” (EPSTEIN, 2002, p. 36). O signo, neste caso o guarda-chuva, será percebido como um símbolo de ativismo popular liberal não somente através da réplica constante dele nos empregos cotidianos, como visto anteriormente, mas também através da capacidade assimilativa sensível do receptor. Daí a importância da contextualização histórica, da disseminação de informação sobre o movimento e do emprego de características emocionais à causa. A impressionabilidade é, portanto, igualmente importante. O conceito pode, desta maneira, ser aplicável às demais organizações e causas globais.

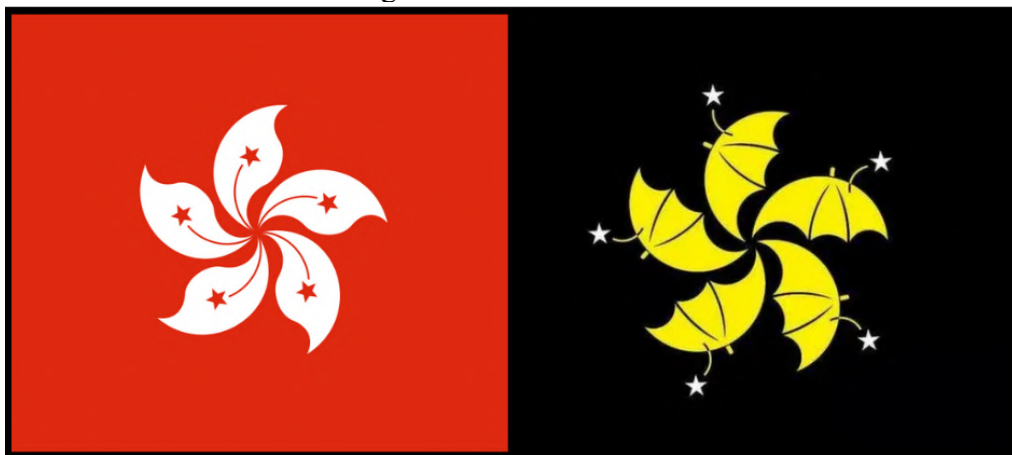
Um conhecimento prévio generalizado e a adição de uma carga emocional explica também o porquê de a bandeira da Região Administrativa Especial ter sido usada para

criações artísticas simbólicas envolvendo o guarda-chuva. A força da função estética aqui se mostra em seu exemplo ideal.

A bandeira de Hong Kong é composta pela flor bauínia-blaqueana, que foi escolhida como símbolo regional da ilha e hasteada pela primeira vez durante o processo de devolução de Hong Kong do Reino Unido para a China, em 1997 (McCARTHY, 2018). A bandeira foi uma “concessão” de autonomia ao território, especialmente considerando que, além de Macau, outras regiões chinesas não possuem permissão para terem suas próprias bandeiras. Segundo McCarthy (2018), o design da flor, emblema colonial de Hong Kong, foi criado pelo arquiteto chinês Tao Ho, nascido em Xangai e residente da ilha. “Ho escolheu um fundo vermelho e incorporou uma estrela em cada uma das cinco pétalas da bauínia, uma referência direta ao fundo vermelho e as cinco estrelas da bandeira nacional da China, que representam a relação do povo com o Partido Comunista”<sup>138</sup> (McCARTHY, 2018).

Ainda segundo a autora, em anos recentes, manifestantes contrários à China marcharam pelas cidades com bandeiras coloniais, remetendo ao período em que o território estava sob posse da Coroa Britânica. Ao mesmo tempo, outros transformaram as pétalas da flor em guarda-chuvas (figura 36), o “símbolo da democracia em Hong Kong” (McCARTHY, 2018).

Figura 36 - As bandeiras



Fonte: Montagem elaborada pelo autor<sup>139</sup>

<sup>138</sup> “Ho chose a red background and incorporated one star into each of the five Bauhinia petals, a direct reference to the red background and five stars on China’s national flag, which represent the relationship of the people to the Communist Party” [tradução nossa].

<sup>139</sup>Na esquerda, a bandeira oficial do território de Hong Kong, design de Tao Ho. Na direita, a criação artística que incorpora o guarda-chuva no design da flor de bauínia; o artista é desconhecido. Imagens disponíveis em: <https://www.britannica.com/topic/flag-of-Hong-Kong> e <https://foreignpolicy.com/2014/09/29/hong-kongs-protest-in-memes/>. Acesso em: 03/11/2020





expressivas posições ideológicas. Através de um processo subjetivo de “adivinhação”, réplica e união simbólica, é formado um signo amplamente reconhecível e poderoso.

#### 4.2 SISTEMAS SIMBÓLICOS DO MOVIMENTO

Tomam-se como sistemas simbólicos, neste subcapítulo, estruturas de elementos mediadores de comunicação que se interligam e se relacionam para fins de representação e transmissão de significado. Através desta definição, torna-se mais fácil dividir elementos a serem analisados em grupos e que podem ser interpretados com vieses similares. O sistema a ser aqui abordado inclui elementos simbólicos referentes à escrita e à linguagem. Os elementos incluem: a música, os slogans, as plataformas de escrita compartilhada - muros e projeções - e formas de linguagem não verbal, que abordam o gestual de protesto.

A música está no âmago da sociedade cultural. O som que preenche o espaço e detém o poder de provocar emoções é parte intrínseca da vida humana. Pode-se dizer que, especialmente na contemporaneidade, cerceia todos os aspectos do cotidiano social. Advinda, em suas peculiaridades, de todas as mais variadas culturas, provoca poderosas reflexões. Aqui cabe frisar sua capacidade de transformação social: esteve presente durante os episódios mais sombrios da civilização humana, sendo censurada e denunciada - evidente comprovação de sua propriedade crítica e reflexiva - e, da mesma maneira, foi utilizada como forma de protesto contra essas próprias medidas repressivas.

De acordo com Fubini (2008), durante a história, a música foi alvo de estudo de áreas como a matemática, a sociologia, a psicologia, a física acústica, a linguística e muitas outras. O autor afirma que “[...] a estética musical [...] não é uma disciplina definível em termos rigorosos, mas sim um cruzamento de reflexões interdisciplinares...” (FUBINI, 2008, p. 17). Trata-se de uma união de estudos que também envolve o peso de divergentes representações sociais, remotas e modernas. Fubini (2008) ainda completa: “[...] não há dúvida de que se a música suscitou interesse e atraiu a atenção de categorias tão diferentes de pensadores, significa que ela própria é uma realidade polimorfa e multifacetada que pode ser legitimamente analisada através de diversos ângulos” (FUBINI, 2008, p. 17). É a partir dessa premissa de multiplicidade analítica que se pode entender a música como mecanismo transformador, tomando a perspectiva da semiótica como base para este subcapítulo.

A pluralidade de interpretações de composições musicais faz com que não seja surpresa o fato de a música ter sido instrumento de muitos movimentos sociais ao redor do mundo, ideologicamente diversos e geograficamente distantes. O Movimento Guarda-chuva, desde sua criação até a conjuntura atual de demonstrações públicas, aparece aqui pertinente para análise.

Muitas canções tornaram-se populares entre os manifestantes do movimento; a principal delas, *Glory to Hong Kong*<sup>141</sup>, transformou-se em um “hino não oficial” do território (LANYON, 2019), sendo uma marcha rítmica facilmente cantada em uníssono. Lanyon (2019) afirma que é cantada em multidões, independentemente da ocasião, como quando foi entoada durante um jogo de futebol de Hong Kong contra o Irã em 2019. Ainda assim, é comumente utilizada pela juventude da ilha em protestos contra China continental. A seguir, é disponibilizado um QR Code (figura 38) para que o leitor possa ter a experiência da escuta da canção.

Figura 38 - *Glory to Hong Kong*



Fonte: QR Code elaborado pelo autor

A música ganhou homenagem da *Black Blorchestra*<sup>142</sup>, e a performance contou com alguns dos adereços simbólicos do movimento, mostrando músicos em meio ao gás lacrimogêneo (figura 39). As letras sobre faíscas de liberdade fazem alusão ao ponto central do MG. Versos como: “Na cólera, as dúvidas dissiparam-se, nos posicionamos / Emerjam! /

<sup>141</sup> Glória a Hong Kong [tradução nossa]

<sup>142</sup> Orquestra formada por membros de *Black Blocs* da ilha.

Vós que não sereis escravos novamente / Para Hong Kong, que reine a liberdade”<sup>143</sup> reforçam o ideal liberal defendido.

Figura 39 - *Black Blorchestra*



Fonte: BlackBlog<sup>144</sup>

A liberdade é também temática de outras canções utilizadas pelos ativistas (COLEMAN, 2014), incluindo “Do You Hear The People Sing?”<sup>145</sup>, do musical francês “*Les Misérables*”<sup>146</sup>. A música, que se transformou em um símbolo de luta popular pela democracia não só na região administrativa chinesa como também no próprio continente (JAYS, 2020) e em locais como a França e a Coreia do Sul - nesta última durante o processo de impeachment da então presidente Park Geun-hye (LANYON, 2019) - foi adotada pelo MG. Cabe analisar brevemente seu uso a partir do estudo de Thompson (1995) acerca da reinterpretação sógnica, citado previamente nesta pesquisa, a fim de entender a aplicação dessa obra lírica em um contexto distante do original, mas que dispõe de similaridades.

O autor afirma, como já visto, que símbolos podem ser reinterpretados conforme diferem as condições sócio-históricas locais (THOMPSON, 1995). O musical, europeu e da década de 1980, se passa em meio a uma França revolucionária que luta para derrubar o

<sup>143</sup> Disponível em: <https://genius.com/Thomas-dgx-yhl-glory-to-hong-kong-official-lyrics-lyrics>. Tradução nossa. Acesso em: 21/10/2020

<sup>144</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oUIDL4SB60g&feature=emb\\_logo&ab\\_channel=%E9%BB%91%E6%96%B9%E6%A0%BCBlackBlog](https://www.youtube.com/watch?v=oUIDL4SB60g&feature=emb_logo&ab_channel=%E9%BB%91%E6%96%B9%E6%A0%BCBlackBlog). Acesso em: 21/20/2020

<sup>145</sup> “Você ouve as pessoas cantarem?” [tradução nossa]

<sup>146</sup> Os Miseráveis. Musical francês (1980) baseado no romance épico *Les Misérables* (1862), de Victor Hugo. A história segue a trajetória de um homem pela sobrevivência frente à perseguição e à agitação política e social da Paris do século XIX. (MASTERS, 2010).

governo em barricadas de rua. É possível entender a interpretação de uma canção dessa obra pelo MG em um contexto que, mesmo sendo geograficamente distante e moderno, ainda reúne elementos que fazem da situação bastante similar à história original. Lanyon (2019) afirma que a letra, que inclui os versos: “Você ouve as pessoas cantarem? / Cantando a canção dos homens furiosos / Essa é a música de um povo / Que não será escravo novamente!”<sup>147</sup> contribuiu para que a música se tornasse um hino estimulante ao cenário agitado de Hong Kong.

Faz sentido observar os versos a partir da dicotomia linguística de Saussure (2006), no que se refere à relação paradigmática e sintagmática desses signos. De acordo com o autor, a língua é constituída de elementos que se intercorrem um após o outro de maneira linear, formando uma “linha”, cadeia de palavras - a fala. “Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas” (SAUSSURE, 2006, p. 142). É a junção e a concordância linear dessas palavras combinadas que trará sentido à fala. Um verso musical de “*Glory to Hong Kong*” e de “*Do You Hear the People Sing?*” adquire valor porque “[...] se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos” (SAUSSURE, 2006, p. 142). Reforça-se através da combinação de termos - sintagma - tanto na criação da primeira canção como na interpretação própria da segunda, o anseio pela emancipação popular.

A relação paradigmática advém, de outra maneira, da memória. É uma relação associativa que, segundo o autor, une termos em uma “série mnemônica<sup>148</sup> virtual” (SAUSSURE, 2006, p. 143). A palavra “escravo”, repetida em ambas as canções, trará associações mentais no indivíduo que a escuta e agrupará o termo junto a outros com similaridades de sentido - submisso, servo, prisioneiro, por exemplo. Essas relações associativas entre as palavras, também chamadas de coordenações, “[...] não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro. Elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo” (SAUSSURE, 2006, p. 143).

As relações linguísticas descritas por Saussure (2006) são recursos para produção de sentido e para o processo de significação mental que deve ser originado a partir da observação de signos.

E, assim como foi analisada previamente a interpretação do MG da canção do musical “*Les Misérables*” por sua similaridade de contexto sociopolítico, pode-se tomar também como

---

<sup>147</sup> Disponível em: <https://genius.com/Thomas-dgx-yhl-glory-to-hong-kong-official-lyrics-lyrics>. Tradução nossa. Acesso em: 21/10/2020

<sup>148</sup> Relativo à memória.



exemplo a criação do Muro de Lennon, outro alvo de interpretação por parte do movimento. O muro original, em Praga, na República Tcheca, é um muro pintado com a figura de John Lennon após seu assassinato em 1980, junto com letras de canções da banda *The Beatles* e grafite político. O muro tornou-se um símbolo de liberdade política para a juventude de Praga: a música ocidental foi, por muitas vezes, banida do país.<sup>149</sup>

O Muro de Lennon de Hong Kong (figura 40) surgiu com o mesmo ideal. De acordo com Lin (2016), foi projetado com a intenção de ser um monumento de “paz e amor” inspirado pelo muro de Praga. Os membros do MG o decoraram com mensagens escritas em papéis *post-it*, que incluem frases políticas como “queremos sufrágio universal”, “rezemos pela democracia” e “lutemos por Hong Kong”. Ao construírem uma obra pública que se beneficia da contribuição popular e “cresce” em significado à medida que cresce fisicamente, “[...] os participantes não apenas criaram uma mídia alternativa local, mas também fizeram de si mesmos uma mídia alternativa - especificamente ‘mídia materializada’ no ‘protesto corporificado’”<sup>150</sup> (LIN, 2016).

Figura 40 - Muro de Lennon de Hong Kong



Fonte: Dickson Lee/SCMP<sup>151</sup>

<sup>149</sup>Informações retiradas de:

<https://www.lonelyplanet.com/czech-republic/prague/attractions/john-lennon-wall/a/poi-sig/401339/358835>.

Acesso em: 21/10/2020

<sup>150</sup> “The participants not only created an alternative media onsite, but they also made themselves a sort of alternative media—specifically, ‘embodied media’ in the ‘embodied protest’” [tradução nossa].

<sup>151</sup> Disponível em:

<https://www.scmp.com/news/hong-kong/article/1671621/hong-kong-teen-who-scribbled-pro-democracy-wall-se-nt-childrens-home>. Acesso em: 21/10/2020

Além disso, assim como nas cidades brasileiras e norte-americanas, serviu ainda de plataforma para projeções luminosas - muitas delas com mensagens publicadas na internet e posteriormente ampliadas e projetadas nas paredes acima do Muro - região central da cidade - como mostra a figura 41.

Figura 41 - Plataforma coletiva



Fonte: Slought<sup>152</sup> (2014)

Além de obras musicais e da utilização do espaço urbano, o MG também dispõe de outras formas de escrita simbólica. A criação de slogans é uma forma bastante recorrente, principalmente por tratar de mensagens que estão na “vitrine” do movimento e de todos os atos propagados e elaborados por ele. O mais recente, popularizado em atos de 2019, representa uma vertente um tanto específica do MG; “*Liberate Hong Kong. Revolution of our times*”<sup>153</sup> confere conotação de independência da Região Administrativa Especial e de separação da República Popular da China, a fim de alterar o status legal e subverter o poder do Estado (MARLOW; LUNG, 2020). Em 2020, de acordo com Marlow e Lung (2020), foi banido do território pela nova legislação aprovada em Pequim, que proíbe - de forma bastante subjetiva - secessão, terrorismo, subversão do poder estatal e colisão com forças exteriores. Percebe-se seu caráter fortemente simbólico.

O slogan “*Add Oil*”<sup>154</sup>, originado da expressão em cantonês “*ga yao*”, de mesmo significado, é também popular entre a juventude. Pela metáfora<sup>155</sup> de combustível, é usado

<sup>152</sup> Disponível em: [https://slought.org/resources/add\\_oil\\_machine](https://slought.org/resources/add_oil_machine). Acesso em: 23/10/2020

<sup>153</sup> “Libertem Hong Kong. A revolução do nosso tempo” [tradução nossa].

<sup>154</sup> “Adicione óleo” [tradução nossa].

<sup>155</sup> Figura de linguagem em que uma palavra que denota um tipo de objeto ou ação é usada em lugar de outra, de modo a sugerir uma semelhança ou analogia entre elas. DICIONÁRIO MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2019. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 30/10/2020

como uma exclamação para expressar encorajamento e apoio<sup>156</sup> e transformou-se em *website* internacional com mensagens de suporte de ativistas globais em tempo real<sup>157</sup>.

Por serem entoados em grandes assembleias, marchas e aglomerações, as músicas e os slogans ainda podem ser analisados a partir do conceito de companheirismo informal de Blumer (1995), que explica a necessidade da existência de atividades e elementos comunais como cantigas, reuniões e uso de frases de efeito para que se crie a sensação de aceitação social e suporte moral entre os membros do grupo. A característica acústica dos movimentos sociais também se aplica ao conceito de comportamento cerimonial de Blumer (1995). “A psicologia envolvida [...] é a psicologia de estar em paradas. O indivíduo participante experiencia um sentimento de considerável expansão pessoal e, portanto, uma sensação de ser alguém distintamente importante” (BLUMER, 1995, p. 69). Trata-se de um aspecto marcante do *Esprit de Corps*.

Umberto Eco (1986) caracteriza a qualidade aberta das produções artísticas, conceito aplicável à música e as criações líricas que são utilizadas como instrumentos pelo MG, bem como por milhares de outros pelo mundo. Eco (1986) afirma que:

[...] as obras musicais [...] não consistem numa mensagem acabada e definida, numa forma univocamente organizada, mas sim numa possibilidade de várias organizações confiadas à iniciativa do intérprete, apresentando-se, portanto, não como obras concluídas, que pedem para ser revividas e compreendidas numa direção estrutural dada, mas como obras ‘abertas’, que serão finalizadas pelo intérprete no momento em que as fruir esteticamente” (ECO, 1986, p. 39).

A “abertura” de uma obra musical confere, assim, uma grande gama de possibilidades interpretativas. Essas possíveis interpretações irão também ser influenciadas pelas várias camadas de representações sociais (MOSCOVICI, 2003) que cada indivíduo reúne durante seu processo de socialização. Neste caso específico de análise do MG, a partir da observação das canções e slogans escolhidos, pode-se dizer que é percebida pelos ativistas uma conotação de liberdade e ideais de autonomia e independência em relação a um governo centralizado que ideologicamente não lhes confere sensação de pertencimento. Essa “dissidência” acaba também por reforçar a identidade honconguesa de pátria diferenciada, como já visto nos estudos de Jasper (2016) acerca da identidade de nação.

<sup>156</sup> Disponível em: OXFORD ENGLISH DICTIONARY. **The definitive record of the English language**. 2016. Disponível em: <https://public.oed.com/appeals/add-oil-expressing-encouragement/>. Acesso em: 22/10/2020

<sup>157</sup> Disponível em: <http://addoilteam.hk/standbyou/>. Acesso em: 23/10/2020



As canções e frases do MG podem ser interpretadas através do processo de fruição do ouvinte.

O autor produz uma forma acabada em si, desejando que a forma em questão seja compreendida e fruída tal como a produziu; todavia, no ato de reação à teia dos estímulos e de compreensão de suas relações, cada fruidor traz uma situação existencial concreta, uma sensibilidade particularmente condicionada, uma determinada cultura, gostos, tendências, preconceitos pessoais, de modo que a compreensão da forma originária se verifica segundo uma determinada perspectiva individual (ECO, 1986, p. 40).

A partir dessa premissa, surge a possibilidade de “Glória a Hong Kong”, com versos como “Nossa voz cresce cada vez mais / Para Hong Kong, que reine a glória”, possa ser tanto um hino patriótico de união popular sob a perspectiva de um cidadão comum, como talvez um chamamento para luta popular sob o ponto de vista de um ativista do MG. A multiplicidade de visões é o que torna a forma esteticamente válida, manifestando riqueza de aspectos, mas sem deixar de ser ela própria (ECO, 1986).

O mesmo se aplica ao Muro de Lennon em sua condição de obra aberta e universal, podendo ser interpretado tanto como um arauto simbólico de democracia quanto como uma simples instalação artística. É a sensibilidade particular de cada indivíduo que faz com que o muro adquira singularidades simbólicas específicas na Ásia e diferentes na Europa, mas sem deixar de simbolizar a liberdade e a paz em ambos os continentes. No sentido não figurado, a contribuição de milhares de pessoas ainda atribui a qualidade literal de abertura à obra, na qual ativistas podem participar diretamente de sua constante criação e manutenção, enfatizando o potencial revolucionário da linguagem em enunciação coletiva.

Uma análise da língua através dos conceitos propostos por Saussure (2006) pode ser aqui também bastante significativa. Para o autor, a língua não deve ser tratada como um mero sistema de nomenclaturas que constitui operações simples de vínculos unindo um nome a uma coisa, mas essa definição pode se aproximar da verdade: a unidade linguística é uma coisa dupla, que se constitui, portanto, da união de dois termos (SAUSSURE, 2006). “Um signo [linguístico] une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (SAUSSURE, 2006, p. 80).

A própria teoria saussuriana substitui as palavras “conceito” e “imagem acústica” por “significado” e “significante”, respectivamente. Sendo o significante a parte material do signo (NETTO, 1980), se aplicado ao MG, o conceito se referiria aos versos das canções, entoados durante as marchas e o som produzido pela união deles. Já se o significado é o conceito veiculado por essa parte material (NETTO, 1980), quando contextualizado ao MG, seriam os ideais de liberdade, a ideologia antiautoritária, o desejo de independência e autonomia. A significação (união entre significado e significante) se dá pelo conhecimento prévio do significado da canção. É a partir desse conhecimento prévio que se torna possível compreender o signo.

A linguagem não verbal também faz parte do Movimento Guarda-chuva e do ativismo jovem da ilha. Wong e Raemy (2017), em seus estudos acerca do gestual de protesto, afirmam que os braços cruzados foram primeiramente utilizados em Hong Kong no ano de 2011 por membros do movimento estudantil *Scholarism*, como um sinal de resistência à influência de Pequim na política educacional da Região Administrativa Especial. No pico dos protestos, mais de 120 mil pessoas participaram de mobilizações contra a introdução planejada de disciplinas curriculares comuns obrigatórias para a “moral e educação nacional” nas escolas (WONG; RAEMY, 2017). Em sua vasta maioria, estudantes secundaristas e universitários descontentes com a decisão das autoridades.

Durante o ano de 2014, de acordo com as autoras, quando o governo central - sediado em Pequim - decidiu interferir no processo de nomeação para a eleição do chefe executivo de Hong Kong, estudantes iniciaram uma campanha de desobediência civil. Essa desobediência incluiu formas de comunicação não escrita, a fim de expressar sentimentos e evitar vigilância de órgãos governamentais - muito mais propícia a acontecer em ambientes virtuais como as redes sociais. Durante a ocupação dos bairros localizados nas zonas centrais da cidade, os braços cruzados foram um dos símbolos unificadores do movimento, ilustrados na figura 42. “Junto com o significado de insatisfação com a influência da China continental na política de Hong Kong, os braços cruzados também sinalizavam que os manifestantes estavam desarmados e não preparados para recorrer à violência”<sup>158</sup> (WONG; RAEMY, 2017, p. 131).

---

<sup>158</sup> “Along with the gesture’s meaning as a sign of dissatisfaction with the influence of the Chinese mainland on the politics of Hong Kong, crossed arms also signaled that the protesters were unarmed and not prepared to resort to violence” [tradução nossa].

Figura 42 - Braços cruzados



Fonte: Anthony Kwan/Getty Images<sup>159</sup>

Outros gestos voltaram a fazer parte do ritual de ativismo urbano e coletivo dos manifestantes alguns anos depois. Ainda que se diga que o Movimento Guarda-chuva fracassou e terminou pouco depois da “Revolução” (FITTEERER, 2017), a organização estudantil mostra o contrário. Griffiths (2019) afirma que são várias as reparações coletivas, que voltam com força à medida que o governo central decide influenciar novamente na legislação da ilha e que as forças policiais tornam-se mais repressivas. É constante também a aparição de gestos em diversas demonstrações dos ativistas, que, segundo Wang e Fung (2019) foram criados como “língua própria” dos manifestantes para “burlar” o entendimento da polícia. Gestos são utilizados para informar a necessidade de suprimentos para as linhas de frente dos protestos. Sinais com o dedo indicador e médio, por exemplo, significam necessidade de tesouras. Gestos circulares em volta da cabeça significam demanda por capacetes (WANG; FUNG, 2019).

Nota-se, portanto, na análise das obras linguísticas através da ótica dos autores citados, o sentido figurado e ilimitado que a linguagem, tanto verbal como gestual, apresentam ao espectador. Na abrangência do contexto de Hong Kong, possíveis mecanismos de reforço à causa do Movimento Guarda-chuva podem ser inseridos aqui como resultado da fruição das canções por parte dos ativistas ou do processo de significação de gestos simbólicos.

<sup>159</sup> Manifestantes produzem gesto de insatisfação. O ativista Joshua Wong aparece ao centro. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/10/02/hong-kongs-crossed-arms-and-other-hand-gestures-of-defiance-around-the-world/>. Acesso em: 28/10/2020

Novamente, evidencia-se o poder do símbolo de representar uma mensagem que transcende o ambiente local e catalisa a associação subjetiva com o objeto ou ideal a ser transmitido, bem como sua capacidade de unir, através da construção de uma identidade coletiva subconsciente, membros para objetivos comuns.

#### 4.3 PROTESTO, EXIBIÇÃO E CONSUMO

Os protestos do MG em Hong Kong reúnem aspectos bastante característicos de mobilizações em massa no século XXI, especialmente quando se trata de mídia e espaço de exibição. A era da comunicação digital proporcionou, como já visto, plataformas de alcance global jamais vistas antes da popularização das redes sociais, especialmente nos cenários asiáticos de democracia fragilizada e recorrentes conflitos sociopolíticos. A mediatização de fenômenos e movimentos civis, especialmente em cenários onde o liberalismo econômico se faz presente, traz consigo uma questão cultural de consumo, podendo ser aqui objeto de análise. Essa análise tratará da relação do capitalismo e do consumo como sendo não somente parte de um processo identitário, mas também como um possível fator que, unido à simbologia e na especificidade do contexto deste estudo de caso, impõe pregnância à mensagem transmitida.

Pode-se começar por um exemplo marcante. Já se sabe, a este ponto, que a cor amarela é bastante significativa em toda a conjuntura de agitação política em Hong Kong; e é ela que guia uma das relações mais expressivas do MG com o consumo. A colocação de laços amarelos nos locais públicos e nos adereços pessoais dos manifestantes do MG, bem como sua aplicação no guarda-chuva, provocou atenção midiática no sul da China, e acabou por suscitar uma relação profunda dos símbolos de protestos com a economia local. Segundo Beech (2020), os ativistas passaram a rotular restaurantes e estabelecimentos comerciais como “amarelos” (figura 43) ou “azuis”. A cor amarela dada a um estabelecimento significa que aquele local apoia o MG e os protestos pelo fim da repressão policial, já a cor azul significa apoio à polícia. A classificação por cores deu origem ao termo “*Yellow Economic Circle*”<sup>160</sup>, que promoveu forte impacto financeiro e deixou a cidade dividida e codificada por cores (BEECH, 2020).

---

<sup>160</sup> Círculo econômico amarelo [tradução nossa]

Figura 43 - Restaurante “amarelo”



Fonte: Lam Yik Fei<sup>161</sup> (2020)

De acordo com a jornalista do *New York Times*, muitos desses estabelecimentos comerciais obtiveram essa classificação não apenas pela afinidade com a juventude ativista e com as causas principais do MG, mas também por terem aberto as portas para ajudar muitos manifestantes atingidos por balas de borracha e gás lacrimogêneo durante os protestos dos últimos anos - transformando-se em refúgios confiáveis para abrigo e segurança.

Além disso, a “batalha” se tornou virtual, originando o WhatsGap, aplicativo que adquiriu popularidade ao mapear os negócios considerados “amarelos”, a fim de atrair clientes para os locais e fomentar o consumo “consciente”. Este consumo, que visa contribuir para o sucesso de estabelecimentos apoiadores da dissidência, é também visto como mais uma das várias estratégias que buscam proteger as liberdades que diferenciam o território do resto da China. Assim como as polarizações políticas no ocidente contemporâneo, Beech (2020) explica que a disputa colorida criou tensões civis e até interferiu em relações familiares.

Famílias e negócios se fragmentaram, às vezes à força, entre os que acreditam que Pequim deve ser obrigada a executar reformas prometidas e aqueles que se preocupam que a cruzada da democracia esteja destruindo a reputação de Hong Kong como uma estável capital financeira<sup>162</sup> (BEECH, 2020).

<sup>161</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/19/world/asia/hong-kong-protests-yellow-blue.html>. Acesso em: 07/11/2020. “Fred Liu’s Bubble Teahouse”, estabelecimento comercial classificado pelos ativistas pró-democracia como apoiador do movimento. Nota-se uma réplica do Muro de Lennon nas paredes, parte da simbologia do MG.

<sup>162</sup> “Families and businesses have cleaved, sometimes forcefully, between those who believe Beijing must be compelled to carry out promised reforms and those who worry that the democracy crusade is destroying Hong Kong’s reputation as a stable financial capital” [tradução nossa].

Segundo a autora, em janeiro de 2020, porém, o app (figura 44) foi banido da loja online do Google por alegações de violação de políticas com respeito a assuntos sensíveis. A loja online da Apple também retirou um aplicativo similar em 2019.

Figura 44 - WhatsGap



Fonte: Brant Cumming/ABC News<sup>163</sup>

A relação do cenário político e do Movimento Guarda-chuva com o capitalismo, porém, caminha um tanto além do comércio cotidiano de restaurantes e negócios locais e da disputa ideológica codificada por cores. Para entender essa relação, é preciso primeiro entender alguns aspectos e ocasiões importantes que dão sentido a ela.

Durante o ano de 2019, ativistas de Hong Kong criaram uma estátua de aproximadamente quatro metros de altura, denominada *Lady Liberty*<sup>164</sup>, que ilustra uma jovem portando símbolos do MG - o guarda-chuva, uma bandeira e outros símbolos menos famosos, mas também recorrentes, como as máscaras de gás e os capacetes de obras. A estátua, carregada de protesto em protesto e nas assembleias públicas, foi compartilhada nas redes sociais e até mesmo levada ao topo de uma das montanhas das ilhas adjacentes.<sup>165</sup> O artista

<sup>163</sup> Disponível em:

<https://www.abc.net.au/news/2019-12-23/hong-kong-protesters-hit-pro-beijing-businesses-in-hip-pocket/11764384>. Acesso em: 07/11/2020

<sup>164</sup> Dama da Liberdade, inspirada na Deusa da Liberdade - estátua feita de espuma e papel machê exposta durante os protestos da Praça Tiananmen de Pequim, 1989, símbolo da rebeldia popular (HOLLAND, 2019).

<sup>165</sup> Disponível em:

<https://www.straitstimes.com/asia/east-asia/protesters-lady-liberty-statue-now-towers-500m-above-the-city>. Acesso em: 07/11/2020



criador, segundo Law (2019), construiu a obra para que o movimento tivesse o seu próprio símbolo de democracia, sem ter que “pedir emprestado” de outras culturas. Nota-se aqui, portanto, um processo singular e isolado de significação que envolve símbolos específicos do contexto analisado e que, apesar de locais e únicos, conseguem produzir entendimento no inconsciente do espectador à medida que ele obtém conhecimento e os processa mentalmente.

Por ser uma obra de arte, possui cunho subjetivo. Mukarovsky (1988) estabelece as obras de arte como objetos compostos de uma multiplicidade de signos, interpretáveis à medida que os espectadores realizam o processo de significação. E é justamente esse princípio de variedade sígnica que *Lady Liberty* detém para si. Pode-se aplicar o conceito do autor, portanto, em cima desta obra que tornou-se, mais tarde, um elemento significativo para o MG e para a luta democrática.

A obra de arte [...] é um signo muito complexo: cada uma de suas componentes e cada uma de suas partes é portadora de uma significação parcial. Essas significações parciais, constituem o sentido global da obra. E só quando o sentido global da obra fica concluído é que a obra se converte em testemunho da relação do seu autor com a realidade e num apelo ao receptor para que também ele adote essa atitude cognoscitiva, emocional e volitiva perante a realidade como conjunto. No entanto, antes de o receptor chegar a desvendar o sentido global da obra, tem de realizar-se o processo desse sentido. Esse processo é o que maior importância tem para a obra de arte (MUKAROVSKY, 1988, p. 140).

O conjunto da obra - a estátua - como símbolo contextual da democracia só se dá, portanto, através da combinação desses signos e do processo de significação que decorre dela. É a partir dessa premissa que se pode analisar, em seguida, o papel que essa obra detém em relação ao consumo.

A obra, composta de signos já conhecidos, ao tornar-se popular e ser exibida tanto no meio virtual como fisicamente - fazendo jus à regra de réplica do símbolo - traduz um sentimento e um ideal conforme se manifesta. Como de costume, o símbolo torna-se cenário fértil para ser mercantilizado; processo esse que, como já visto em outros contextos - movimentos feministas, LGBTs, negros e de imigrantes - se apropria da simbologia identitária para fazer com que o sistema de geração de lucro permaneça funcional. Aqui, porém, é possível enxergá-lo de maneira diferente. O comércio de um símbolo contribuiu para que o círculo de financiamento do movimento se tornasse efetivo. Tomemos os objetos inspirados na estátua para exemplificação.



Versões de *Lady Liberty* em miniatura (figura 45) foram produzidas por artistas em diferentes tamanhos e materiais, e comercializadas em bancas e lojas de locais próximos aos protestos. De acordo com Smith (2019), as vendas serviram como meio de arrecadar fundos para financiar o próprio MG. O consumo aqui pode ser analisado dicotomicamente, considerando o pensamento de Baudrillard (1995) acerca da diferenciação coletiva e do consumo como aspecto cultural, e também contemplando Canevacci (2001) e Castro e Coelho (2006) no que se refere à primazia da mercadoria.

Figura 45 - *Lady Liberty*



Fontes: Montagem elaborada pelo autor.<sup>166</sup>

Canevacci (2001) sustenta que a “anatomia” das mercadorias visuais é antropológica. “[...] do ponto de vista teórico, são os indivíduos que dão significado às coisas, porém, por uma perspectiva metodológica, são as mercadorias-em-movimento, difundidas pela mídia, de modo especial a visual, que iluminam seu contexto humano e social” (CANEVACCI 2001

<sup>166</sup> A imagem superior esquerda é a estátua física original, carregada e transportada pelos ativistas. As demais imagens são réplicas comercializáveis em miniatura de diferentes materiais, incluindo os modelos originais em amarelo - cor do MG. Fontes: Studio Incendo, Kim Cheung e *Handout*. Disponíveis respectivamente em: <https://www.flickr.com/photos/29418416@N08/48842937317/>, <https://www.telegraph.co.uk/news/2019/12/21/pictures-day-21-december-2019/15-centimeter-tall-figuresnamed-lady-liberty-hong-kong-inspired/>, <https://hongkongfp.com/2019/08/31/plan-lady-liberty-hong-kong-pro-democracy-statue-surpasses-hk200k-crowdfunding-goal-within-hours/>. Acesso em: 07/11/2020

*apud* COELHO; CASTRO, 2006). Canevacci (2001) introduz, então, o conceito de “fetichismo metodológico” como sendo “a abordagem das formas comunicacionais das coisas-animadas que dissolve o caráter de mercadoria através do deslizamento semiótico dos códigos nelas incorporados. [...] A mercadoria já não é um objeto, mas um ser vivo, inserido nas relações sociais” (CANEVACCI, 2001, p. 21).

A miniatura da estátua *Lady Liberty*, por mais simples que aparente ser, representa aqui algo maior do que um simples objeto de consumo adquirido na rua, mas um símbolo repleto de signos e códigos, e, metaforicamente, o combustível do próprio movimento se levado em consideração que a receita das vendas é utilizada para financiá-lo. Mais do que qualquer outra coisa, torna-se parte integrante de um contexto social.

Já se sabe que a maioria dos movimentos sociais enxerga a mercantilização do símbolo como um problema à medida que o processo retira o protagonismo de uma luta política e reduz a causa a uma mera peça em um sistema. A relação do consumo no contexto do MG é um tanto diferente se considerado que ele não faz parte de um sistema de corporações que visa apropriar-se da causa para gerar lucro exclusivamente, mas assume o papel de mecanismo local para autofinanciamento e continuidade, que não necessariamente inclui aspectos destrutivos, como ocorre com outros movimentos ao redor do mundo. O consumo é usado em favor do MG, e não o contrário, evitando que a causa caia nas mãos do maquinário capitalista selvagem que pouco ou nada teria a contribuir pela causa.

E assim como contribui para a própria subsistência do MG, o consumo, como descrito por Baudrillard (1995), atribui o fator da diferenciação coletiva. Segundo ele, a necessidade de diferenciar-se se consagra no plano psicossociológico do indivíduo. A lógica estrutural da diferenciação tem a ver com uma “personalização” desse indivíduo que se dá através de signos que ele atrela a si próprio ou obtém, nesse contexto, através do consumo. Ao adquirir pequenas estátuas simbólicas, ele personaliza o seu ambiente e se “diferencia” de outros grupos sociais, ao mesmo tempo em que partilha do símbolo com outras pessoas e estabelecimentos que também o possuem, exibem e carregam-no consigo. A lógica da diferenciação caracteriza, dessa forma, uma identidade coletiva que se origina quando posta em oposição a outros grupos.

Baudrillard (1995) afirma, portanto, que o consumo não se trata mais de uma prática funcional dos objetos - a posse e uso - e nem de uma função de prestígio individual ou de grupo, mas como um “um sistema de comunicação e de permuta, como código de signos

continuamente emitidos, recebidos e inventados, como *linguagem* (BAUDRILLARD, 1995, p. 94). Isso se aplica não somente à estátua, mas também a todos os objetos comercializáveis cujos símbolos do MG - em especial o guarda-chuva - são empregados e cujos recursos são “reinseridos” a fim de financiar a causa. Segundo o autor, as diferenças atuais, mais do que nunca, se permutam no vasto consórcio do consumo. Ele é uma “troca socializada de signos”.

A pregnância da mensagem transmitida pelo grupo, no contexto do MG de Hong Kong, se dá, portanto, através da construção de símbolos e de uma obra de arte que carrega consigo uma variedade signífica. Pelo consumo e permuta dessas mercadorias simbólicas, os recursos gastos voltam para o próprio movimento em forma de subsídio. Trata-se, de forma prática, de um ciclo de autossuficiência. O símbolo alcança uma força de tamanha intensidade que é capaz de sustentar a organização que o têm como objeto de representação. Todos esses fatores, tanto a diferenciação que se origina pelo emprego da simbologia em grupos quanto a inserção de mercadorias nas relações sociais, atuam como elementos de reforço à mensagem principal passada pelo ativismo. A força da comunicação simbólica é vista, de forma prática aqui, como motor fundamental das lutas antissistêmicas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desta monografia, que teve como objetivo principal estudar de que maneira as representações simbólicas possibilitam a formação de identidades e a disseminação de mensagens, foi possível perceber e identificar elementos imprescindíveis ao sucesso e à execução do protesto público, coletivo e urbano. Especialmente em um cenário contemporâneo de efemeridade da informação e rápida propagação de fenômenos sociais, pôde-se perceber o símbolo como elemento possuidor de um caráter comunicacional hoje já inerente aos movimentos sociais.

Buscando responder à questão que norteou esta monografia: **“como a construção de símbolos coletivos contribui para a pregnância das mensagens transmitidas nas lutas antissistêmicas? Um estudo de caso sobre o Movimento Guarda-chuva”** foi realizada uma pesquisa bibliográfica, aqui elemento principal da metodologia científica. Através dela, contextualizou-se, primeiramente, o protesto coletivo urbano e suas características principais. A partir disso, foi possível entender que as lutas antissistêmicas, isto é, os protestos e mobilizações políticas dissidentes, necessitam de auxílio de uma comunicação eficaz para que suas mensagens sejam ecoadas e propagadas livremente no espaço físico, virtual e midiático. Com a qualidade de sensorialidade - que inclui a simbologia visual e sonora - os movimentos sociais são capazes de manter um diálogo mais amplo e efetivo com a sociedade civil, ou seja, torna-se mais fácil e rápido comunicar.

O símbolo coletivo, então, pôde ser enxergado como a parte mais importante do caráter sensorial do protesto. Ele contribui para a pregnância das mensagens através da posse de três características distintas, mas interdependentes.

A primeira destas características se refere à formação de uma identidade coletiva. Conclui-se, através de uma análise com viés sociológico e semiótico, que o adereço simbólico, o objeto, o emblema, uma frase ou um verso, bem como a “parafernália de ritual”, servem como formas de auto-afirmação dentro de movimentos sociais e lutas políticas. Ao compartilharem símbolos, os grupos criam identidades para si, rapidamente reconhecidas nas mobilizações urbanas. Esses elementos também conferem a sensação de pertencimento e expansão pessoal, algo maior do que o próprio indivíduo. Essa característica ainda contribui para a prospecção de novos membros pelo desejo de pertencer e engajar-se em grupo.

A segunda característica diz respeito a sua qualidade de instrumento catalisador. Percebeu-se que, através da associação mental e do processo de significação que decorre da fruição estética, tanto uma obra de arte simbólica como um símbolo não artístico são capazes de transmitir uma mensagem com muito mais força por serem facilmente compartilhados, disseminados e interpretados. A constante associação do emblema ou da obra com o ideal que ela pretende transmitir, realizada através da réplica do símbolo, é um processo que confere pregnância a esse signo e à mensagem que ele transmite, e faz o espectador participar do jogo adivinhatório da função estética. O símbolo se torna rico e abertamente interpretável, ainda que sua raiz permaneça universal.

A terceira característica é relacionada à mediatização. O símbolo é peça de um espetáculo. A viralidade virtual, unida à performance e à ação de endossantes, confere um potencial comunicacional revolucionário e jamais visto antes do advento da internet. O exemplo inicial do potencial da internet foi visto no ciberativismo do Movimento Zapatista do México, unido às suas balaclavas pretas, e culmina na contemporaneidade com o punho erguido do *Black Lives Matter*. A adição de celebridades e personalidades da mídia atreladas à simbologia ainda transmite felicidade, ousadia e motivação.

Ao contextualizar as características dentro do Movimento Guarda-chuva, foi possível perceber, através de exemplos mais evidentes, que o símbolo pode se tornar uma poderosa arma - tanto relacionada à comunicação que atinge as massas, quanto à própria subversão do Estado, motivo pela qual ela é constantemente reprimida e censurada. O protesto que é capaz de comunicar utilizando símbolos e signos consegue registrá-los na memória coletiva e torná-los imediatamente inteligíveis. Dá-se, então, o sucesso de uma mensagem prenante.

Os objetivos específicos desta monografia foram respondidos à medida que os capítulos se entrelaçaram. O primeiro, que buscava entender os movimentos sociais e o processo de construção da identidade de grupos foi alcançado no capítulo 2, que dispunha das características sociológicas do protesto e da psicologia social que envolve a formação identitária coletiva. O segundo, que pretendia examinar e exemplificar a sistemática do signo e seu uso no protesto político, foi respondido no capítulo 3, onde as explicações de teóricos da semiótica serviram de base para a compreensão da estrutura sógnica e de suas divisões e funcionamentos. O terceiro, que almejava estabelecer relações entre os protestos públicos e o emprego de símbolos como catalisadores de uma mensagem, foi contemplado no capítulo 3 e exemplificado na análise final, que abordou a linguagem gestual do MG. Por fim, o objetivo

que pretendia analisar a construção simbólica coletiva da dissidência honconguesa no MG foi alcançado no estudo de caso, que abordou a simbologia ali contextualizada.

Sendo assim, a pesquisa possibilitou que se respondesse a pergunta norteadora de forma fragmentada. A construção da simbologia coletiva contribui para a pregnância das mensagens nas lutas antissistêmicas através das três características que o símbolo detém: ele é, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação que catalisa a transmissão de uma ideologia, acelerando o entendimento de uma mensagem muito mais profunda; um emblema de caráter identitário que contribui para a formação de uma identidade coletiva capaz de prospectar novos membros e fornecer uma sensação de pertencimento; e uma peça de um espetáculo que traz visibilidade à causa ao qual ele está atrelado. É a combinação das três características, aliadas também, muitas vezes, ao consumo, que permite que a mensagem produza um forte impacto sobre quaisquer espectadores - a pregnância de um ideal.

Como futuro publicitário, entusiasta da comunicação política e ativista social, fica aqui, certamente, como resultado, uma realização pessoal. Esta pesquisa possibilitou ao autor entender mais sobre o campo da representação e percebê-lo como imprescindível à comunicação e ao protesto em uma esfera geral. Através da reunião de teorias e estudos de áreas distintas como a política, a semiótica e a sociologia, foi possível relacionar conceitos e fazer com que conversassem a fim de aplicá-los a um fenômeno real, rico e corrente. Fica também um agradecimento a todos os ativistas que lutam, se reinventam e inovam suas estratégias gráficas para engajar o público e tornar deste um mundo melhor para todos e todas. A ampliação de conhecimento que a monografia possibilitou, através da relação de temáticas, com certeza será útil em futuros trabalhos e realizações, sejam eles acadêmicos ou profissionais.

## REFERÊNCIAS

- ADD OIL. In: **Oxford English Dictionary**. 2016. Disponível em: <https://public.oed.com/appeals/add-oil-expressing-encouragement/>. Acesso em: 22/10/2020
- AKANJI, Michelle. **Self-Representation or Protest Identity?** In: ROGGER, Basil. *et al.* **Protest: The Aesthetics of Resistance**. 1. ed. Zurique: Lars Muller Publishers, 2017. p. 176-177
- AKYOL, Kursat. **Three years on in Turkey, no justice for victims of Gezi Park Protest**. DW, 2016. Disponível em: <https://www.dw.com/en/three-years-on-in-turkey-no-justice-for-victims-of-gezi-park-protests/a-19294078>. Acesso em: 06/10/2020
- ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço de debate. **Lua Nova** (online). n° 76, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452009000100003>. Acesso em: 03/06/2020
- ARAÚJO, Marcele. **Funcionalismo**. InfoEscola, [20--]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/funcionalismo/>. Acesso em: 01/10/2020
- ASIMAKIS, Magdalyn. **War, Socialism, and Cats: Théophile-Alexandre Steinlen's Political Artistic Practice**. Met Museum, 2017. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/blogs/now-at-the-met/2017/theophile-alexandre-steinlen-cats-socialism-world-war-i>. Acesso em: 09/09/2020
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995
- BEECH, Hannah. **Yellow or Blue? In Hong Kong, Businesses Choose Political Sides**. The New York Times, 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/01/19/world/asia/hong-kong-protests-yellow-blue.html>
- BLAKEMORE, Erin. **How the Black Power Protest at the 1968 Olympics Killed Careers**. History, 2018. Disponível em: <https://www.history.com/news/1968-mexico-city-olympics-black-power-protest-backlash>. Acesso em: 20/09/2020
- BLUMER, Herbert. Social Movements. In: LYMAN, Stanford M. **Social Movements: Critiques, Concepts, Case-studies**. 1. ed. Londres: Macmillan Press, 1995. p. 60-83
- BUTLER, Judith. **Corpos Em Aliança E A Política Das Ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018
- BYSTRINA, Ivan. **Semiotik der Kultur**. 1ª ed. Tubinga: Stauffenburg, 1989
- CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001



CARMICHAEL, Stokely. **Speech at University of California, Berkeley**. American Public Media, 2018. Disponível em: <http://americanradioworks.publicradio.org/features/sayitplain/scarmichael.html>. Acesso em: 17/08/2020

CAVALCANTI, Marcus; CHAMPANGNATTE, Dostoiiewski. Cibercultura - perspectivas conceituais, abordagens alternativas de comunicação e movimentos sociais. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 16, nº 41, p. 313-326, 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/viewFile/22532/21616>. Acesso em: 21/07/2020

CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

CHEVIRON, Nicholas. **Entenda: Projeto urbanístico originou protestos em Istambul**. Folha de São Paulo, 2013. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/mundo/2013/06/1289048-entenda-projeto-urbanistico-originou-protestos-em-istambul.shtml?mobile>. Acesso em: 02/10/2020

COELHO, Cláudio; CASTRO, Valdir. **Comunicação e sociedade do espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006

CODATO, Henrique; LOPES, Flor Marlene E. Semiologia e semiótica como ferramentas metodológicas. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 206-214

COLEMAN, Jasmine. **Hong Kong protests: The symbols and songs explained**. BBC, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-china-29473974>. Acesso em: 21/10/2020

COSTA, Jairo. **Tática black bloc e suas origens**. Brasil Escola, 2014. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/tatica-black-bloc-suas-origens.htm>. Acesso em: 09/10/2020

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

Declaração Universal dos Direitos Humanos, ONU, 1948. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139423>. Acesso em: 07/10/2020

DEMOCRACIA em Vertigem. Direção de Petra Costa. Produção de Joana Natasegara, Shane Boris e Tiago Pavan. Brasil: Busca Vida Filmes, 2019. Netflix (123 min)

DESLISE. **Saída pela loja de presentes (Exit Through The Gift Shop) - Banksy - Legendado**. Youtube, 23 janeiro 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qVYYHDKhqHQ>. Acesso em: 07/08/2020

DEWEY, Caitlin. **More than 26 million people have changed their Facebook picture to a rainbow flag. Here's why that matters**. Washington Post, 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-intersect/wp/2015/06/29/more-than-26-million-pe>

[ople-have-changed-their-facebook-picture-to-a-rainbow-flag-heres-why-that-matters/](#). Acesso em: 09/10/2020

DGX Music. **Glory to Hong Kong 願榮光歸香港 多國合唱版**. 2019. (2m). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7y5JOd7jWqk&ab\\_channel=Dgxmusic](https://www.youtube.com/watch?v=7y5JOd7jWqk&ab_channel=Dgxmusic). Acesso em: 21/20/2020

DIXON, Hayley; HOPE, Christopher. **Extinction Rebellion warned protest could alienate the public**. The Telegraph, 2019. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2019/10/06/extinction-rebellion-warned-protest-could-alienate-public/>. Acesso em: 15/08/2020

DJ Stant & Kameleon. **Nicky Romero - Toulouse**. Youtube, 9 maio 2012. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=KrVC5dm5fFc&ab\\_channel=DJStant%26Kameleon](https://www.youtube.com/watch?v=KrVC5dm5fFc&ab_channel=DJStant%26Kameleon). Acesso em: 14/09/2020.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1986

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002

EPSTEIN, Isaac. Ciência, poder e comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 15-31

EXIT Through The Gift Shop. Direção de Banksy. Produção de Holly Cushing, Jamie D'Cruz e James Gay-Rees. Reino Unido: Paranoid Pictures, 2010. Youtube (86 min).

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 6ª. ed. São Paulo: Blucher, 2011

FERNANDES, Francisco A. **A Revolução dos Cravos**. Euroogle, 2013. Disponível em: <http://euroogle.com/dicionario.asp?definicion=1445>. Acesso em: 22/11/2020

FERREIRA, Vítor S. **Marcas Que Demarcam: Tatuagem, body piercing e culturas juvenis**. 1ª ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/608>. Acesso em: 02/11/2020

FISCHLI, Meret. **SITE AND MEANING: Locality as a Primary Factor in Protest**. In: ROGGER, Basil. *et al.* **Protest: The Aesthetics of Resistance**. 1. ed. Zurique: Lars Muller Publishers, 2017. p. 362-369

FITTERER, Marleen. The Free Zone: Artistic Protest in the Umbrella Movement. In: ROGGER, Basil. *et al.* **Protest: The Aesthetics of Resistance**. 1ª ed. Zurique: Lars Muller Publishers, 2017. p. 370-373

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Cidades globais**; Brasil Escola, [20--]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/cidades-globais.htm>. Acesso em 05/08/2020

FUBINI, Enrico. **Estética da Música**. 1ª ed. Lisboa: Edições 70, 2008

GAMSON, Joshua. Must Identity Movements Self-Destruct? A Queer Dilemma. **Social Problems**, v. 42, nº 3, p. 390-407, 1995. Disponível em:  
[https://www.jstor.org/stable/3096854?read-now=1&refreqid=excelsior%3A340cd8be5cc670d27891ea2af8a0e2a0&seq=2#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/3096854?read-now=1&refreqid=excelsior%3A340cd8be5cc670d27891ea2af8a0e2a0&seq=2#page_scan_tab_contents). Acesso em: 06/08/2020

GERALDO, Nathália. **Quem é Jen Reid, manifestante que virou estátua no lugar de um escravista?** UOL, 2020. Disponível em:  
<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/07/16/jen-reid.htm>. Acesso em: 04/09/2020

GIVHAN, Robin. **The MAGA hat is not a statement of policy. It's an inflammatory declaration of identity**. The Washington Post, 2019. Disponível em:  
[https://www.washingtonpost.com/lifestyle/style/the-maga-hat-is-not-a-statement-of-policy-its-an-inflammatory-declaration-of-identity/2019/01/23/9fe84bc0-1f39-11e9-8e21-59a09ff1e2a1\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/lifestyle/style/the-maga-hat-is-not-a-statement-of-policy-its-an-inflammatory-declaration-of-identity/2019/01/23/9fe84bc0-1f39-11e9-8e21-59a09ff1e2a1_story.html). Acesso em: 12/11/2020

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 1997

GONÇALVES, Eugênio M. Princípios da Razão de Estado em O Príncipe, de Nicolau Maquiavel. **Revista Filogênese**, v. 3, nº 1, p. 7-14, 2010. Disponível em:  
[https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/EugenioMattioliGoncalves\(7-14\).pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/EugenioMattioliGoncalves(7-14).pdf). Acesso em: 05/08/2020

GREEN Day protest at AMAs: 'No Trump, no KKK, no fascist USA'. **The Guardian**, nov 2016. Disponível em:  
<https://www.theguardian.com/music/video/2016/nov/21/green-day-protest-at-amas-no-trump-no-kkk-no-fascist-usa-video>. Acesso em: 10/09/2020

GREENE, Richard. **King Leopold II statues are being removed in Belgium. Who was he?** Disponível em:  
<https://edition.cnn.com/2020/06/10/europe/belgium-king-leopold-ii-statue-intl/index.html>. Acesso em: 09/09/2020

GRIFFITHS, James. **The Return of Hong Kong's umbrella movement**. CNN, 2019. Disponível em:  
<https://edition.cnn.com/2019/06/12/asia/hong-kong-umbrella-extradition-intl-hnk/index.html>. Acesso em: 28/11/2020

GUIMARÃES, Luciano. **A Cor Como Informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014

HARVEY, David *et al.* **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2012

HODGKINS, Jamie. **Why symbols aren't forever**. Sapiens, 2019. Disponível em: <https://www.sapiens.org/culture/symbols-shifting-culture/>. Acesso em: 08/09/2020

HOLLAND, Oscar. **How Tiananmen Square's 'Goddess of Democracy' became a symbol of defiance**. CNN, 2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/style/article/tiananmen-square-goddess-of-democracy/index.html>. Acesso em: 12/11/2020

Hong Kong: Anti-surveillance protesters tear down 'smart' lamp-post - video. **The Guardian**. 26 ago 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/video/2019/aug/26/hong-kong-anti-surveillance-protesters-tear-down-smart-lamp-post-video>. Acesso em: 31/07/2020

JASPER, James; McGARRY, Adam. **The Identity Dilemma: Social Movements and Collective Identity**. 1ª ed. Filadélfia: Temple University Press, 2015

JASPER, James. **Protesto: Uma introdução aos movimentos sociais**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016

JAYS, David. **You still hear the people sing: Les Mis protest anthem blazes from France to China**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/stage/2020/feb/13/do-you-hear-the-people-sing-les-miserables-france-china>. Acesso em: 21/10/2020

Jewish in America: Jewish gangsters. **Jewish Virtual Library**, [20--]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jewish-gangsters-in-america>. Acesso em: 02/09/2020

KAIMAN, Jonathan. **Hong Kong's Umbrella Revolution - The Guardian briefing**. The Guardian, 2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2014/sep/30-sp-hong-kong-umbrella-revolution-pro-democracy-protests>. Acesso em: 24/10/2020

KAMINSKI, Ricardo da Silva. **Indignados no cenário da crise: movimentos sociais antissistêmicos no século XXI e a emergência da cultura política em rede**. 2014. 238f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza.

LAMBERT, Renaud. **A Onda Rosa**. Le Monde Diplomatique Brasil, 2010. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/a-onda-rosa/>. Acesso em: 28/11/2020

LANYON, Charley. **Hong Kong protests: 7 songs that have become anthems of a movement**. Gold Thread, 2019. Disponível em:

<https://www.goldthread2.com/culture/hong-kong-protest-songs/article/3027482>. Acesso em: 21/20/2020

LEVINE, Elie; MENARD, Fausto. **Fate of Vandalized Columbus Statue In North End Not Yet Decided**. Wbur, 2020. Disponível em:

<https://www.wbur.org/news/2020/06/14/mayor-marty-walsh-repair-return-christopher-columbus-statue>. Acesso em: 09/09/2020

LIEB, Jonathan; WEBSTER, Gerald. Rebel with(out) a cause? The contested meanings of the Confederate battle flag in the American South. In: **Flag, Nation and Symbolism in Europe and America**. Londres: Routledge, 2007. Disponível em:

<https://epdf.pub/flag-nation-and-symbolism-in-europe-and-america.html>.

LIN, Zhongxuan. Traditional Media, Social Media, and Alternative Media in Hong Kong's Umbrella Movement. **Asian Politics and Policy**, v. 8, n° 2, p. 365-371, 2016. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/301707327\\_Traditional\\_Media\\_Social\\_Media\\_and\\_Alternative\\_Media\\_in\\_Hong\\_Kong's\\_Umbrella\\_Movement\\_Media\\_Reviews](https://www.researchgate.net/publication/301707327_Traditional_Media_Social_Media_and_Alternative_Media_in_Hong_Kong's_Umbrella_Movement_Media_Reviews). Acesso em: 21/10/20

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 21ª ed. São Paulo: Ática, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003

MARLOW, Iain; LUNG, Natalie. **Hong Kong Says Common Protest Slogan Calling for 'Revolution' Is Now Illegal Under National Security Law**. Time, 2020. Disponível em:

<https://time.com/5862683/hong-kong-revolution-protest-chant-security-law/>. Acesso em: 23/10/2020

MASTERS, Tim. **Bon anniversaire! 25 facts about Les Mis**. BBC, 2010. Disponível em:

<https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-11437196>. Acesso em: 21/10/2020

MCCARTHY, Simone. **The contentious history of Hong Kong's bauhinia flower flag**.

South China Morning Post, 2018. Disponível em:

<https://www.scmp.com/news/hong-kong/society/article/2171429/contentious-history-hong-kongs-bauhinia-flower-flag>. Acesso em: 03/11/2020

McGOWAN, Charis. **Chile protests: what prompted the unrest?** Al Jazeera, 2019.

Disponível em:

<https://www.aljazeera.com/news/2019/10/30/chile-protests-what-prompted-the-unrest>. Acesso em: 28/11/2020

MELUCCI, Alberto. **The Process of Collective Identity**. In: JOHNSTON, H. & KLANDERMANS, B. *Social Movements and Culture*. University of Minnesota Press: 1995, p. 41-63. Disponível em: [www.jstor.org/stable/10.5749/j.ctttt0p8](http://www.jstor.org/stable/10.5749/j.ctttt0p8). Acesso em: 06/08/2020

MINA, An Xiao. **Memes to movements: how the world's most viral media is changing social protest and power**. 1ª ed. Boston: Beacon Press, 2019.

MILLS, TK. **A Cheeky Rebel: Benjamin Irritant**. Third Rail, 2020. Disponível em: <https://thirdrailart.com/blogs/news/a-cheeky-rebel-benjamin-irritant>. Acesso em: 28/11/2020

MISCULIN, Nicolás. **Argentine president to send abortion legalization law to Congress**. Reuters, 2020. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-argentina-abortion/argentine-president-to-send-abortion-legalization-law-to-congress-idUSKBN20O27K>. Acesso em: 12/09/2020

MONTAÑEZ, Camila. **The green hankerchief: the new symbol of the international women's resistance**. IPPFWHR, 2019. Disponível em: <https://www.ippfwhr.org/resource/the-green-hankerchief-the-new-symbol-of-the-international-womens-resistance/>. Acesso em: 12/09/2020

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

MOSCOVICI, Serge. The return of the unconscious. **Social research**, v. 60, n. 1, 1993, p. 39–93.

MR. ROBOT. Direção de Sam Esmail. Produção de Steve Golin, Chad Hamilton e Igor Srubshchik. Nova York: USA Network, 2015. Prime Video.

MUKAROVSKY, Jan. **Escritos Sobre Estética e Semiótica da Arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.

NASHA NIVA. **Вось як выглядаў марш на праспекце Незалежнасці ў Мінску**. Minsk, 13 ago 2020. Instagram: @nashaniva. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CD1kLZfHLLd/?igshid=1niix0z6ldeqk>. Acesso em: 12/09/2020

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

NEUMAN, William; ROMERO, Simon. **Sweeping Protests in Brazil Pull In an Array of Grievances**. New York Times, 2013. Disponível em: [https://www.nytimes.com/2013/06/21/world/americas/brazil-protests.html?pagewanted=2&ref=world&\\_r=0](https://www.nytimes.com/2013/06/21/world/americas/brazil-protests.html?pagewanted=2&ref=world&_r=0). Acesso em: 21/07/2020

NEVES, Daniel. **Revolução Cubana**. Brasil Escola, [20--]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/revolucao-cubana.htm>. Acesso em: 08/10/2020

NoMadU55555. **Tony Orlando & Dawn - Tie A Yellow Ribbon Round The Old Oak Tree 1973 HQ**. Youtube, 29 outubro 2012. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_dggAQk5peA&ab\\_channel=NoMadU55555](https://www.youtube.com/watch?v=_dggAQk5peA&ab_channel=NoMadU55555). Acesso em: 28/11/2020

PALACIOS, Ariel. **6 coisas que talvez você não saiba sobre as roupas do fascismo**. Época, 2019. Disponível em:

<https://epoca.globo.com/6-coisas-que-voce-talvez-nao-soubesse-sobre-as-roupas-do-fascismo-23963531>. Acesso em: 2/09/2020

PARKER, Stacy. **George Floyd merchandise is popping up in Virginia Beach souvenir shops**. The Virginian Pilot, 2020. Disponível em: <https://www.pilotonline.com/business/consumer/vp-nw-george-floyd-merchandise-0619-2020-0618-yimwtde33bds1k2tulpsqmldx1-story.html>. Acesso em 14/09/2020

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1958. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/285778/mod\\_resource/content/1/The%20Collected%20Papers%20of%20Charles%20Sanders%20Peirce%20%282904s%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/285778/mod_resource/content/1/The%20Collected%20Papers%20of%20Charles%20Sanders%20Peirce%20%282904s%29.pdf). Acesso em: 13/11/2020

PERALTA, Eyder. **Symbol of uprising is destroyed in Bahrain**. NPR, 2011. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2011/03/18/134658019/symbol-of-uprising-is-destroyed-in-bahrain>. Acesso em: 09/09/2020

PLETCHER, Kenneth. **Opium Wars: Chinese history**. Encyclopædia Britannica, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Opium-Wars>. Acesso em: 24/10/2020

PORTO, Gabriella. **Revolução Egípcia de 2011**. InfoEscola, 2011. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/revolucao-egipcia-de-2011/>. Acesso em: 28/11/2020

RAY, Michael. **La Marseillaise**. Encyclopædia Britannica, 2018. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/La-Marseillaise>. Acesso em: 28/11/2020

RICHTER, Bettina. **From Pasquino to Anonymous: Posters and Signposts in Public Space**. In: ROGGER, Basil. *et al.* **Protest: The Aesthetics of Resistance**. 1. ed. Zurique: Lars Muller Publishers, 2017a. p. 378-389

RICHTER, Bettina. **Fist and dove means and ends: the iconography of two protest symbols**. In: ROGGER, Basil. *et al.* **Protest: The Aesthetics of Resistance**. 1ª ed. Zurique: Lars Muller Publishers, 2017b, p. 134-147

ROGGER, Basil. *et al.* **Protest: The Aesthetics of Resistance**. 1ª ed. Zurique: Lars Muller Publishers, 2017

ROTH, A; WALKER, S. **Belarus protesters hold peaceful line with flowers and folk songs**. The Guardian, 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/aug/13/belarus-tens-of-thousands-on-streets-challenge-lukashenko>. Acesso em: 12/09/2020

SABINO, César; LUZ, Madel T. **Tatuagem, Gênero e Lógica da Diferença. Physis [online]**. v.16, n.2, p. 251-272, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312006000200007>. Acesso em: 02/11/2020



SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTANA, Ana L. **Behaviorismo**. InfoEscola, [20--]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/psicologia/behaviorismo/>. Acesso em: 01/10/2020

SANTOS, Boaventura. **Why we tear down statues**. The Wire, 2020. Disponível em: <https://thewire.in/culture/why-we-tear-down-statues>. Acesso em: 04/09/2020

SANTOS, Rômulo da S., OLIVEIRA, Luísa S. de. **A Revolta dos Guarda-Chuvas em Hong Kong: origens e visões sobre o movimento**. In: XIII Semana de Relações Internacionais, 2015, Marília. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiiisemanaaderelacoesinternacionais/a-revolta-dos-guarda\\_romulo-da-silva.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiiisemanaaderelacoesinternacionais/a-revolta-dos-guarda_romulo-da-silva.pdf). Acesso em: 26/10/2020

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006

SCHERER-WARREN, Ilse. Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. **Política & Sociedade**, v. 13, nº 28, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/37799>. Acesso em: 01/06/2020

SCHWAB, Pierre-Nicolas. **Mini-com course nº4 : manipulating without convincing**. IntoTheMinds, 2020. Disponível em: <https://www.intotheminds.com/blog/en/manipulating-without-convincing/>. Acesso em: 03/09/2020

SHIN, Hyonhee. **Sul-coreanos marcham com caixão até embaixada do Japão em protesto por "mulheres de consolo"**. Terra, 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/sul-coreanos-marcham-com-caixao-ate-embaixada-do-japao-em-protesto-por-mulheres-de-consolo,08d174129a3f6924af3e3dca8ab41eaaijqw0hqa.html>. Acesso em: 13/09/2020

SILVA, Daniel. **Primavera de Praga**. História do Mundo, [20--]. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/primavera-praga.htm>. Acesso em: 21/08/2020

SMITH, Michael. **Art in action: Hong Kong's political unrest sparks a creative fire**. Financial Review, 2019. Disponível em: <https://www.afr.com/life-and-luxury/arts-and-culture/art-in-action-hong-kong-s-political-unrest-sparks-a-creative-fire-20191210-p53iq2>. Acesso em: 07/11/2020

SOUSA, Rainer. **A Primavera dos Povos (1848)**. Brasil Escola, [20--a]. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/primavera-dos-povos.htm>. Acesso em: 07/10/2020

SOUSA, Rainer. **Guerra Civil Espanhola**. Brasil Escola, [20--b]. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/guerras/guerra-civil-espanhola.htm>. Acesso em: 21/08/2020

STEVENS, Andrew. **Beijing says no to open elections in Hong Kong**. CNN, 2014. Disponível em:

<https://edition.cnn.com/2014/08/31/world/asia/hong-kong-elections/index.html>. Acesso em: 24/10/2020

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 51-61

SUDWORTH, John. **Como a China 'apagou da memória' o Massacre da Praça da Paz Celestial, que completa 30 anos**. BBC, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48495352>. Acesso em: 16/10/2020

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995

TOWNSEND, Lucy. **The Resonance of Occupy**. BBC, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-30176406>. Acesso em: 28/11/2020

TUFEKCI, Zeynep. Making a Movement in the Age of Twitter: the power and fragility of networked protest. In: ROGGER, Basil. *et al.* **Protest: The Aesthetics of Resistance**. 1. ed. Zurique: Lars Muller Publishers, 2017. p. 206-225

TURKEY passes law tightening control of internet. **BBC**, 6 fev, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-26062038>. Acesso em: 01/08/2020

TWAIJ, Ahmed. **In Iraq, Protesters Are Sick of Corruption and Foreign Influence**. Foreign Policy, 2019. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/10/07/in-iraq-protesters-are-sick-of-corruption-and-foreign-influence-saadi-abdul-mahdi/>. Acesso em: 30/10/2020

UENO, Laura M. M. O duplo Perigo Amarelo: o discurso antinipônico no Brasil (1908-1934). **Estudos Japoneses**, nº 41, p. 101-115, 13 jun. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/ej/article/view/170435>. Acesso em: 02/09/2020

V de Vingança. Direção de James McTeigue. Produção de Joel Silver, Grant Hill e The Wachowskis. Londres, Potsdam: Silver Pictures, Virtual Studios and Anarchos Productions, 2005. Netflix (133 min)

VEIGA, Edison. **Panelaços no Brasil e no mundo: novo coronavírus viralizou protestos?** UOL, 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/20/panelacos-no-brasil-e-no-mundo-novo-coronavirus-viralizou-protestos.htm>. Acesso em: 06/10/2020

VIANA, Nildo. **Introdução à sociologia**. 1ª ed. São Paulo: Autêntica, 2007. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788551300206/>. Acesso em: 14 Oct 2020

VICK, Mariana. **Você conhece a história dos panelaços?** Nexo Jornal, 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/interativo/2020/03/24/Voc%C3%AA-conhece-a-hist%C3%B3ria-dos-panela%C3%A7os-Fa%C3%A7a-o-teste>. Acesso em: 05/08/2020

WALKER, Rob. **The shifting symbolism of the Gadsden flag.** The New Yorker, 2016. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/the-shifting-symbolism-of-the-gadsden-flag>. Acesso em: 20/11/2020

WEIK, Taylor. **The history behind 'Yellow Peril Supports Black Power' and why some find it problematic.** NBC News, 2020. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/asian-america/history-behind-yellow-peril-supports-black-power-why-some-find-n1228776>. Acesso em: 17/08/2020

WHITEAKER, Chloe. **The Essential Tool for Hong Kong Protesters? An Umbrella.** Bloomberg, 2019. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/graphics/2019-hong-kong-protesters-umbrellas/>. Acesso em: 24/10/2020

WONG, Chi Lui; RAEMY, Dominique. **HANDS UP! Protest Gestures: An Overview.** In: ROGGER, Basil. et al. **Protest: The Aesthetics of Resistance.** 1ª ed. Zurique: Lars Muller Publishers, 2017. p. 130-133

WANG, Yanan; FUNG, Alice. **Hong Kong protesters use signals, Post-its to hone skills.** Associated Press, 2019. Disponível em: <https://apnews.com/article/07914fb22f3e484789e5f2e7b0f20fe9>. Acesso em: 31/10/2020

YEH, Lorenzo. **Pink Capitalism: perspectives and implications for cultural management.** 2018. Artigo (Mestrado em Gestão Cultural) - Universidade de Barcelona. Barcelona, 2018.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001

**Anexo A - Projeto - Monografia I**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**GUSTAVO BERTELI ASCARI**

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DA DISSIDÊNCIA POLÍTICA URBANA:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A REVOLUÇÃO GUARDA-CHUVA**

**CAXIAS DO SUL  
2020**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**GUSTAVO BERTELI ASCARI**

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DA DISSIDÊNCIA POLÍTICA URBANA:  
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A REVOLUÇÃO GUARDA-CHUVA**

Monografia para obtenção do grau de bacharel  
em Comunicação Social - Habilitação em  
Publicidade e Propaganda, na Universidade de  
Caxias do Sul.

Orientadora Profa. Dra. Ivana Almeida da  
Silva

**Caxias do Sul  
2020**

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Manifestantes honcongueses em capacetes amarelos.....	16
Figura 2 - Lennon Wall, Kwai Fong, Hong Kong.....	17
Figura 3 - Manifestantes do Black Lives Matter em frente à Trump Tower.....	19
Figura 4 - Manifestação contra a Guerra do Vietnã, Washington D.C., 1969.....	21
Figura 5 - <i>Occupy London</i> .....	22
Figura 6 - Rebelde Desconhecido, 1989.....	23
Figura 7 - #IStandWithHongKong.....	27
Figura 8 - A autoimolação de Thích Quảng Đức.....	31
Figura 9 - O Tordo.....	32
Figura 10 - Faixa de protesto, Hong Kong.....	33
Figura 11 - Arco de Saint Louis, Missouri.....	33
Figura 12 - <i>Occupy Central</i> , 2014.....	35
Figura 13 - Os guarda-chuvas.....	36

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Cronograma.....	38
----------------------------	----



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
1.1 PALAVRAS-CHAVE.....	8
<b>2 TEMA.....</b>	<b>9</b>
2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	9
<b>3 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>10</b>
<b>4 QUESTÃO NORTEADORA.....</b>	<b>12</b>
<b>5. OBJETIVOS.....</b>	<b>13</b>
5.1 OBJETIVO GERAL.....	13
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
<b>6. METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>7. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>18</b>
7.1 MOVIMENTOS SOCIAIS E O ATIVISMO CIVIL.....	18
7.2 O PROTESTO URBANO.....	22
7.3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE.....	25
7.4 O SÍMBOLO E A COMUNICAÇÃO.....	28
7.5 A SIMBOLOGIA NO PROTESTO.....	31
7.6 ANÁLISE DE CASO: A REVOLUÇÃO GUARDA-CHUVA.....	34
<b>8. ROTEIRO DOS CAPÍTULOS.....</b>	<b>37</b>
<b>9. CRONOGRAMA.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O **protesto** público e coletivo é manifestação explícita do valor democrático. Como estabelece a Declaração Universal dos Direitos Humanos, “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (Assembleia Geral da ONU, 1948). Espontâneo ou calculadamente planejado, ele diligencia exteriorizar o descontentamento e a insatisfação popular.

O protesto suscitado pela dissidência, isto é, promovido pela divergência de visões políticas, sociais, culturais ou econômicas, objetiva influenciar a opinião pública ou inviabilizar políticas governamentais na tentativa de promover mudanças. Aliado ao direito universal de associação pacífica, o protesto da resistência política ocupa o espaço físico urbano e virtual na busca pelo abalo das estruturas de poder. Na qualidade de instrumento social, também carrega, em suas muitas variações, elementos comunicacionais intrínsecos a ele.

Ator influente na estética da manifestação pública, o **símbolo** historicamente caracterizou movimentos originados pelas mais variadas motivações. É uma das três categorias do signo classificadas por Charles Sanders Peirce, considerado o fundador da semiótica moderna. O símbolo é a abstração do concreto e, sendo apropriado por diferente tribos em circunstâncias temporais e sociais distintas, é convencional. Sendo signo que caracteriza um movimento específico de protesto coletivo, passa a representá-lo nas discussões da esfera pública.

A **identidade** dos **grupos** sociais se dá pela organização de indivíduos com interesses, personalidades e reivindicações comuns. Os seres humanos, como membros de uma sociedade interdependente, sentem a necessidade de associação. A sensação de comunidade e de pertencimento é inerente à característica humana e a identidade coletiva é a consequência de todas as características que resumem essas tribos. O símbolo também detém o poder de caracterizar visual ou sonoramente um grupo social, especialmente no contexto da era digital e da busca cada vez mais rápida pelas origens do protesto público que domina o espaço midiático. É notável que a comunicação simbólica se tornou extremamente importante no

século XXI, e a análise de fenômenos como os protestos públicos não pode deixar de englobá-la.

Bandeiras, vestuário e acessórios são peças iconográficas que descrevem e fazem parte do processo de identificação pessoal. A bandeira estadunidense nos filmes de Hollywood promovendo o patriotismo em momentos de intensa emoção e as roupas escuras das tribos alternativas adolescentes têm em comum a caracterização de um ideal único de vida, separado de outras vivências e realidades. O mesmo ocorre com a representação simbólica do protesto coletivo urbano, envolvendo até mesmo elementos sonoros, reconhecíveis através da socialização.

A dissidência antissistêmica global, do México à Austrália, reúne grupos que compõem as características históricas de luta das classes, gêneros, cores, credos, sexualidades e ideologias. Através das décadas, elementos representativos auxiliaram na atribuição de determinadas reivindicações aos movimentos que as têm como suas causas prioritárias. A resistência, então, na ocupação do espaço urbano, organizou-se politicamente.

A onda atual de movimentos liderados por jovens de todo o mundo, do Cairo a Madri ou Santiago - para não mencionar uma rebelião de rua em Londres, seguida pelo movimento “Occupy Wall Street”, que começou em Nova York, e que logo se espalhou por inúmeras cidades norte-americanas e hoje acontece no mundo inteiro - sugere que há algo de político no ar das cidades lutando para se expressar. (HARVEY, 2014, p. 211)

Na conjuntura do mundo digitalmente conectado, a repercussão desses eventos na esfera da internet significa sucesso. A simbologia aparece como elemento memorável.

Na era da globalização, notáveis revoltas se espalharam pelo mundo. Significativas manifestações populares como as Jornadas de Junho e os protestos pró-democracia de **Hong Kong** marcaram o segundo milênio. Estes últimos, exemplificativamente, tornaram-se conteúdo viral no meio digital ao mostrar ao mundo o potencial da juventude estudantil e a força que o desejo democrático exerce sob os pilares de uma sociedade. Sempre aliadas da arte e dos meios de comunicação, são fenômenos que ligam estratégias de luta política à formas de comunicá-la.

O uso da simbologia como representação universalizada de uma mensagem, mesmo que sofrendo processos de apropriação em diferentes contextos geográficos e temporais da humanidade, levanta questões sobre suas finalidades coletivas. Como produzir uma comunicação esteticamente atrativa e pregnante em um contexto contemporâneo de

efemeridade da informação? De que forma é possível associar uma luta coletiva a signos e torná-la amplamente difundida no meio social? Como disseminar uma mensagem de protesto sem deixar que sua identificação simbólica seja apropriada e mercantilizada pelo maquinário capitalista? Para compreender melhor essas dúvidas, é necessário analisar padrões de comportamento social e a funcionalidade da resistência democrática que envolve o sujeito pós-moderno.

### 1.1 PALAVRAS-CHAVE

Símbolo; Identidade; Protesto; Grupos; Movimento Guarda-chuva.

## **2 TEMA**

Construção da representação simbólica identitária da dissidência política.

### **2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA**

A manifestação da insatisfação popular por meio do protesto político envolveu, através das décadas, elementos que caracterizaram as lutas coletivas de movimentos sociais ao redor do globo. O estudo de caso da Revolução Guarda-chuva de Hong Kong exemplifica como a construção de símbolos representativos a partir desses elementos permite a reflexão sobre a pregnância da mensagem transmitida quando os símbolos são atribuídos aos protestos, bem como permite analisar o senso de identidade suscitado pela simbologia.

### 3 JUSTIFICATIVA

Como ativista de causas sociais e entusiasta da comunicação visual, entender o processo de construção de identidade em protestos políticos foi a principal motivação para a execução deste trabalho. Analisar e estabelecer relações entre os passos da composição estética nesses fenômenos urbanos e suas mensagens disseminadas é não somente uma ambição pessoal do autor, como também é de grande relevância ao estudo comunicacional. O conhecimento adquirido através da pesquisa torna mais fácil a contribuição para técnicas de transmissão eficiente de mensagens tão importantes.

A luta antissistêmica, seja contra as raízes do autoritarismo, da corrupção ou objetivando alterar a opinião pública sobre determinados assuntos, sempre viu como um de seus obstáculos maiores a maneira de estabelecer pregnância em suas reivindicações. Se essa luta, presente em diversos formatos através das décadas, é fator de influência notável dentro de uma sociedade, é relevante o estudo que analisa suas construções como formas de comunicação urbana, coletiva e potencialmente revolucionária. Se a construção simbólica de um protesto é um passo arquitetado a fim de promover uma mudança social, ainda que apenas arranhe a superfície de uma estrutura de poder, faz parte de uma comunicação renovadora que precisa ser discutida.

Manifestações da resistência civil, especialmente em um cenário virtual mundialmente interligado, são alvos de repercussão na esfera do debate público e fazem parte do conteúdo consumido por milhões de pessoas. Na qualidade de material consumido, os protestos podem dispor de táticas de ampliação de visibilidade, sendo tópicos importantes do estudo persuasivo que tornam-se relevantes sob visões não somente sociais como também políticas e até econômicas - o impacto de uma mensagem disseminada em séries de protestos também exerce influência sobre as atitudes de consumo de uma ou mais demografias populacionais. Em um contexto de busca pelo consumo ético, a sensação de igualdade, democracia e justiça social é imprescindível ao público que se enxerga como agente de mudança dentro do sistema econômico vigente.

Além disso, a análise busca as referências da simbologia na condição de instrumento político e notavelmente contribui para os estudos da semiótica, em especial no cenário contemporâneo. A efemeridade do símbolo e dos fenômenos urbanos do século XXI, bem como de todos os debates alimentados pela internet, são fundamentais para pesquisa. As

construções simbólicas de tribos sociais fazem parte da conjuntura política contemporânea e são também características históricas de movimentos sociais ao redor do mundo. O símbolo, em sua especificidade de elemento estético subversivo, acrescenta caráter inovador na pesquisa científica, considerando que os estudos já existentes caminham em direções divergentes da direção referida nesta monografia. Como estudo exploratório e sob a perspectiva da comunicação estética, cabe uma contribuição que caminha além das áreas da sociologia e da política puras.

Ademais, a análise da pesquisa, no que se refere ao contexto sociopolítico onde os protestos estão inseridos, permite elucidar realidades muitas vezes desconhecidas por diversas parcelas da sociedade. A conscientização sobre tais contextos abre possibilidades para possíveis engajamentos do leitor e, como simpatizante da resistência política, o autor acredita ser de extrema importância apresentar o estudo a fim de possibilitar que esses envolvimento transformem-se em prática efetiva a partir de sua leitura.

#### **4 QUESTÃO NORTEADORA**

Como a construção de símbolos coletivos contribui para a pregnância das mensagens transmitidas nas lutas antissistêmicas? Um estudo de caso sobre o Movimento Guarda-chuva.



## 5 OBJETIVOS

### 5.1 OBJETIVO GERAL

Estudar de que forma as representações simbólicas permitem a criação da identidade de grupos e a disseminação de mensagens transmitidas pela dissidência política.

### 5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Investigar os movimentos sociais e o processo de construção da identidade de grupos;

Examinar e exemplificar a sistemática do signo, contextualizando seu uso no protesto político;

Estabelecer relações entre os protestos públicos e o emprego de símbolos como catalisadores de uma mensagem;

Analisar e categorizar a construção simbólica coletiva da dissidência honconguesa no Movimento Guarda-chuva.

## 6 METODOLOGIA

A realização da presente pesquisa dependerá da seleção dos processos e ferramentas teóricas que servirão de base para a sua construção. A escolha do método a ser utilizado é, portanto, o que guiará o desenvolvimento do trabalho. O método é caracterizado como “o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 83).

Segundo Cervo, Bervian e Da Silva (2007), o método não deve ser tido como sendo uma receita a ser seguida, mas sim uma junção de procedimentos que, através da história, obtiveram êxito na organização e busca do conhecimento. O método científico, sob a visão dos autores, “aproveita a observação, a descrição, a comparação, a análise e síntese, além dos processos mentais da dedução e indução, comuns a todo tipo de investigação, quer experimental, quer racional” (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p. 29). O conceito estabelecido é, desta maneira, aplicável ao trabalho.

A pesquisa apresentada também será qualitativa, ou seja, possuirá caráter exploratório e dependerá de uma análise subjetiva, que compreende especificidades e particularidades intangíveis. A reunião de teorias científicas, obras e sínteses múltiplas e a observação de caso caracterizam a construção do trabalho e caberá ao autor entender, decodificar e relacionar as informações coletadas. A conclusão posterior à análise final fluirá dessa característica qualitativa.

É de grande relevância o levantamento teórico quando trabalha-se um processo de comunicação como o que será abordado. A pesquisa bibliográfica é

um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2014, p. 51)

A análise a partir de diferentes observações e pontos de vista será imprescindível no estudo de um fenômeno comunicacional que está cada vez mais presente nas ruas e nas redes virtuais do mundo. Os protestos políticos, na qualidade de fenômenos, se constroem em meio

a fatores temporais, sociais, políticos e geográficos diferentes e, apesar de poderem ser relacionados e entendidos como universais dentro de um contexto globalizado, dependem de teorias que os abrangem por mais de uma perspectiva. Sendo assim, a pesquisa será redigida lançando um olhar exploratório sobre obras de diferentes autores da área das ciências sociais e do campo da semiótica. Os estudos de Maria da Glória Gohn, David Harvey, Judith Butler, Stuart Hall e Herbert Blumer auxiliarão na temática dos movimentos sociais e protestos urbanos. As obras de Lúcia Santaella, Umberto Eco, Stuart Hall e Roger Chartier contribuirão com os estudos acerca da semiótica e simbologia.

A presente monografia, que tratará da dissidência política e sua construção simbólica, abrangerá o caso da Revolução Guarda-chuva de Hong Kong em 2014. Hong Kong, em sua posição de Região Administrativa Especial, possui marcante histórico de revolta popular e divergências políticas, sociais e econômicas em relação à China continental. A estética identitária que se originou a partir dos protestos urbanos no território engloba signos visuais, sonoros e artísticos das mais variadas formas.

Dessa forma, será utilizado o estudo de caso único para análise. Robert Yin (2001) define o estudo de caso como sendo a investigação empírica que contempla um fenômeno contemporâneo dentro do contexto real em que está inserido. A análise do caso em questão e dos protestos que dele derivaram no decorrer da década de 2010 permite trabalhar elementos bastante diversificados da identidade estética de grupos sociais dentro de um único contexto local, e de forma exploratória. De acordo com Yin (2001), esse estudo exploratório permite que o pesquisador identifique relações causais entre os fatos abordados e também possibilita relacionar o referencial teórico com a interpretação dos fenômenos encontrados na pesquisa.

A execução da pesquisa também dependerá, além do levantamento teórico que tange à temática escolhida, de um apoio dos estudos da semiótica. A simbologia como signo é uma linguagem de elementos socializados e reconhecíveis por meio das vivências do espectador, e é grande aliada na transmissão de uma mensagem universalizada.

Ao defrontar-se com a dimensão icônica ou comunicação visual que se depreende da imagem, a semiótica tenta entender como se representam os domínios sensíveis das condições sociais de produção e para essa empreitada faz intervir outros elementos teóricos de compreensão, como as condições fenomenais da percepção, que são processos complexos e não respondem apenas a um único regime de significação. (CODATO; LOPES, 2014, p. 209)

Percebe-se a necessidade de integração teórica e semiótica para a análise de um fenômeno de comunicação como o que será discutido.

Ao analisar o protesto político urbano, pretende-se entender como os atores sociais desse tipo de manifestação pública criam, manipulam e utilizam ferramentas de comunicação que servirão de características identitárias coletivas. A análise do caso contempla a caracterização que se origina desse processo e como a mesma atua para estabelecer pregnância da mensagem que carrega no protesto público. Assim, o estudo de Umberto Eco em *Obra Aberta* permitirá um diálogo interessante com o trabalho de Stuart Hall em *Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, e também com outras obras do autor. Diálogo que será de grande auxílio na compreensão desse processo comunicacional multifacetado.

Os capacetes amarelos usados pelos cidadãos de Hong Kong em manifestações políticas - figura 1 - tornaram-se um dos diversos símbolos do Movimento Guarda-chuva e da luta contra o domínio político da China continental no território semi-autônomo. O capacete de plástico, que protege contra as táticas policiais de dispersão de manifestantes, incluindo bombas de gás e balas de borracha, rapidamente se popularizou entre os jovens - maior parcela demográfica do movimento.

Figura 1: Manifestantes honcongueses em capacetes amarelos



Fonte: revista Time<sup>167</sup> (2014)

---

<sup>167</sup> Disponível em: <https://time.com/3611250/hong-kong-occupy-central-umbrella-revolution-lung-wo/> Acesso em: 27/05/2020

O amarelo é historicamente a cor adotada pelos movimentos que lutam pelo sufrágio universal. Originalmente utilizada pelas mulheres sufragistas na campanha pelo voto feminino em diversos países democráticos do ocidente entre o fim do século XIX e o início do século XX, a cor amarela foi adotada pelo movimento pró-democracia de Hong Kong e passou a aparecer na arte, nos objetos utilizados nos protestos e nas mensagens escritas no espaço urbano. O capacete amarelo, símbolo do movimento, torna-se objeto da arte de rua produzida por artistas que compartilham dos ideais da luta antissistema da região.

De acordo com Farina (2011), o amarelo remete à ação, poder, dinamismo e impulsividade. É evidente que essas características são eficientes quando aliados às ações dos manifestantes em protestos de grande magnitude, como os de Hong Kong. Assim como atrair a atenção e utilizar do valor histórico e simbólico da cor amarela, os atores sociais dos movimentos hongcongueses transmitem idealismo e euforia ao usá-la em seus apetrechos, equipamentos e objetos de uso pessoal.

Figura 2: *Lennon Wall*, Kwai Fong, Hong Kong



Fonte: Nonprofit Quarterly<sup>168</sup> (2019)

<sup>168</sup> Disponível em:

<<https://nonprofitquarterly.org/in-hong-kong-protest-art-documents-and-reinforces-human-rights-struggles/>>.

Acesso em: 27/05/2020

## 7 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O autor buscou, durante a realização do projeto, construir a revisão bibliográfica de acordo com um planejamento prévio da estrutura da monografia. As seguintes seções, portanto, correspondem aos futuros capítulos da pesquisa.

### 7.1 MOVIMENTOS SOCIAIS E O ATIVISMO CIVIL

A história da sociedade viu despontar revoltas de cunho político-social nas mais variadas civilizações do mundo. Da Festa do Chá de Boston<sup>169</sup> à Primavera Árabe<sup>170</sup>, as formas coletivas de expressão do descontentamento com injustiças, ainda que de naturezas divergentes, moveram milhões de pessoas a ações espontâneas ou mobilizações planejadas de protesto que advogaram por melhores condições de realizar quaisquer que fossem seus objetivos ou exercer seus merecidos direitos. As manifestações políticas e as organizações de movimentos sociais que derivaram de eventos históricos perduram até a era contemporânea da globalização digital.

A constante busca pelo progresso social - seja ele na forma de concessão de direitos, alterações constitucionais ou fim de opressões de classe, gênero e raça - suscitou a formação de organizações políticas que profundamente se enraizaram nas cidades do mundo. Essas organizações, os movimentos sociais, diferem das simples aglomerações e protestos urbanos, sendo sociologicamente classificados de acordo com sua temporalidade, percepção e existência.

Os movimentos sociais organizados têm uma relativa permanência temporal e no mundo contemporâneo tendem a se estruturar sob a forma de redes de militância que operam como uma estratégia para a construção de significados políticos ou culturais em comum, tendo em vista conquistar e mobilizar cidadãos e produzir transformações sociais. (SCHERER-WARREN, 2014, p.15)

Scherer-Warren (2014) também caracteriza os movimentos sociais como tendo objetivos políticos definidos ou em construção, a fim do alcance de um projeto de

---

<sup>169</sup> Evento ocorrido em 1773, na cidade de Boston, Estados Unidos, na qual colonos estadunidenses jogaram 342 caixas de chá ao mar para protestar contra o alto imposto e o monopólio da Companhia das Índias Orientais sobre o produto.

<sup>170</sup> Série de protestos ocorridos no Oriente Médio e norte da África ao final de 2010 reivindicando melhores condições de vida e o fim de regimes ditatoriais na região.



transformação social, cultural ou política. Para a autora, esses movimentos são possuidores de arranjos institucionais que visam sua continuidade temporal. O uso das manifestações públicas para reivindicações e protestos, recursos essenciais a esses grupos, são recorrentes e servem de apoio para ampliação de sua visibilidade na esfera pública. O conceito, portanto, abrange o caso do Movimento Sem Terra no Brasil, do *Black Lives Matter*<sup>171</sup> nos Estados Unidos - depois expandido nas Américas e para outros continentes do mundo -, e as organizações globais de feministas, LGBTs e ativistas ecológicos.

Figura 3 - Manifestantes do Black Lives Matter em frente à Trump Tower



Fonte: Mark Clennon, Nova York, maio de 2020<sup>172</sup>

Maria da Glória Gohn, em outra definição, define os movimentos como:

[...] ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo. (GOHN, 1995, p. 44)

---

<sup>171</sup> Vidas Negras Importam. Movimento social de origem estadunidense que luta pelo fim da brutalidade policial e violência contra a população preta.

<sup>172</sup> Disponível em: <<https://twitter.com/thisismarkc/status/1266898292895551490?s=20>>. Acesso em: 01/06/2020

Assim como Scherer-Warren (2014), Gohn (1995) afirma que os movimentos são caracterizados pela atuação de indivíduos de diferentes classes sociais, ou seja, não somente englobam o conflito da classe operária contra a opressão econômica da elite dominante, como ditam visões marxistas desse tipo de fenômeno.

Os movimentos sociais tornaram-se elemento do cotidiano das nações pelo mundo. Rapidamente globalizados, espalharam-se pelos países do globo em suas condições apropriadas ou variantes de grupos políticos com ideais similares. Ao ocupar espaço na esfera do debate público, na mídia e fisicamente nas ruas das grandes cidades, tornaram-se alvo de pesquisa de muitos autores. Passando pelas abordagens funcionalistas, comportamentalistas e diversas outras, chegaram à teorias mais recentes de estudo, que tentaram explicar o surgimento e desenvolvimento desses fenômenos nas sociedades mais modernas.

A Teoria da Mobilização de Recursos (TMR), que decorreu das transformações políticas nos Estados Unidos da década de 1960, foi predominante entre os estudos feitos a respeito dos movimentos sociais no país por muitos anos. O surgimento de grupos contra a guerra do Vietnã, pelos direitos civis e a favor de pautas feministas levaram à formação dessa teoria que, de acordo com Gohn (1997), enquadrou essas ações coletivas em padrões de comportamento e organização. É também uma rejeição à teorias anteriores que tinham a origem dos movimentos sociais na psicologia e na identidade pessoal - o sentimentalismo, a quebra de normas e o descontentamento.

A TMR tem suas ferramentas advindas de questões econômicas. Como seu nome indica, sua variável mais importante é a dos recursos financeiros, humanos e de infraestrutura. Os movimentos sociais só são originados, portanto, quando são viabilizados os recursos para tal. Mais tarde, estabeleceu que os movimentos também surgem quando são propiciadas oportunidades políticas para que hajam ações coletivas - disponibilidade de líderes, por exemplo. A autora também afirma, a respeito da teoria, que “os movimentos não são vistos de forma distinta dos partidos, lobbies e grupos de interesses, como no paradigma clássico. Ao contrário, eles jogam e disputam seu público consumidor, de adeptos ou financiadores, num mesmo campo” (GOHN, 1997, p. 51).

O protesto político, então, é visto como parte de um mercado. É um recurso que pode ser trocado como um bem de cunho político. Trata-se de uma lógica econômica. A Mobilização de Recursos nega valores sociais e culturais e dá ênfase à “metáfora” da empresa. “A antipatia que gerou na esquerda, ao comparar movimentos com empresas, talvez



explique a pequena ressonância da TMR na Europa e sua inexpressiva entrada na América Latina. Já em casa [Estados Unidos], teve impacto grande e imediato” (ALONSO, 2009, p. 53).

Figura 4 - Manifestação contra a Guerra do Vietnã, Washington D.C., 1969



Fonte: Associated Press<sup>173</sup>

A Teoria da Mobilização de Recursos, porém, sofreu alterações e posteriormente originou outros estudos sobre os movimentos sociais. As perspectivas surgiram em continentes diferentes e carregam particularidades mais específicas em suas abordagens. Entre os estudos que divergem da TMR, estão: A Teoria da Mobilização Política, a Teoria dos Novos Movimentos Sociais e o paradigma marxista sobre os movimentos - que se originou anteriormente às teorias citadas e se difundiu por muitos países e continentes.

---

<sup>173</sup> Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/11/08/magazine/vietnam-war-protest-1969.html>>. Acesso em: 03/03/2020

## 7.2 O PROTESTO URBANO

O maior palco da insatisfação popular é a rua. A expressão de uma opinião, usualmente contrária ao sistema ou situação vigente, é um exercício democrático e um direito humano universal, e a via pública é a aliada mais significativa da resistência política. De Berlim a Tóquio, de São Paulo à Bangkok e de Nova York à Marrakech, os protestos da resistência política tomam as ruas dos densos centros urbanos para expressar os ideais dos oprimidos e dos descontentes. As ruas dão voz aos que não a tem na cadeia hierárquica de poder.

A ocupação das vias públicas na forma de desobediência civil é uma tática de protesto utilizada por muitos manifestantes ao redor do mundo. Os movimentos *Occupy*<sup>174</sup> são exemplos da apropriação do local público por grupos em assembleias coletivas e plurais. Os protestos organizados por esse tipo de movimento tiveram sua inspiração na Primavera Árabe, grande marco inicial da resistência democrática dos anos 2010.

As assembleias se afirmam e se fazem apresentar pela fala ou pelo silêncio, pela ação ou pela inação contínua, pelo gesto, por se reunirem como um grupo de corpos no espaço público, organizado pela infraestrutura - visível, audível, tangível, exposta de maneira tanto deliberada quanto indesejada, interdependente de formas tanto organizadas como espontâneas (BUTLER, 2018, p. 176).

Figura 5 - Occupy London



Fonte: PYMCA/UIG via Getty Images<sup>175</sup>, outubro de 2011

<sup>174</sup> Série de protestos internacionais contra a injustiça social promovida pela desigualdade econômica. Consistiam na ocupação de locais públicos de grandes cidades em forma de protesto não violento.

<sup>175</sup> Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/occupy-honolulu-\\_n\\_3955966](https://www.huffpost.com/entry/occupy-honolulu-_n_3955966). Acesso em 4/06/20.

David Harvey (2014), afirma que as lutas de classe tiveram bases urbanas no decorrer da história. Os movimentos revolucionários de Paris de 1789<sup>176</sup>, a Greve Geral de Seattle de 1919 e a Primavera de Praga<sup>177</sup> de 1968 têm em comum a ocupação do espaço urbano para a luta popular. O autor sustenta que “em várias ocasiões, o espírito de protesto e revolta alastrou-se de modo contagioso e extraordinário pelas redes urbanas” (HARVEY, 2014, p. 210). E assim como preencheram o período histórico, continuam a existir na contemporaneidade.

A ocupação cidadina também teve significativos episódios de protesto no oriente e no continente africano. O Protesto na Praça da Paz Celestial, em 1989, que deu origem a um dos mais violentos massacres da história chinesa, consistiu em uma série de manifestações lideradas por estudantes chineses que marcharam pacificamente nas ruas de Pequim contra a repressão estatal e a corrupção do Partido Comunista. Os atos populares, porém, foram recebidos com brutalidade policial e supressão do governo chinês, e deram origem a uma das mais famosas fotografias políticas da história recente.

Figura 6 - Rebelde Desconhecido, 1989



Fonte: Getty Images<sup>178</sup>

---

<sup>176</sup> Revolução Francesa.

<sup>177</sup> Período de protestos em massa ocorridos na Tchecoslováquia, em 1968, liderados pelo líder comunista Alexander Dubček, contra o autoritarismo burocrático da União Soviética.

<sup>178</sup> Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-48445934>>, Acesso em: 06/06/2020

As grandes cidades, porém, de acordo com Harvey (2014), não podem ao todo ser vistas como locais passivos onde surgem correntes da luta política. Sua ambientação e seus desenhos físicos as tornam universos bastante propícios à eclosão de protestos. “A centralidade de praças como a Tahir, da Paz Celestial e Sintagma<sup>179</sup>, as ruas mais facilmente barricáveis de Paris se comparadas às de Londres ou Los Angeles, ou a posição de El Alto [Bolívia] controlando as principais rotas de abastecimento para La Paz” (HARVEY, 2014, p. 212), assim como a alta densidade populacional de Hong Kong, estão entre os melhores exemplos de como a geografia pode ser a grande aliada dos dissidentes.

Sendo assim, não é surpresa que a reorganização física das cidades seja projeto político de elites detentoras do poder e ações essenciais para militarização em nações do Oriente Médio e até mesmo da América Latina. O conflito está na engenharia social por trás da ambientação. O caráter público da cidade, sendo objeto de controle, entra na luta política dos indivíduos marginalizados. Como é possível que uma cidade de todos não seja de fato ocupada por todos? Zonas exclusivas e muitas vezes tomadas através da gentrificação não são mais de acesso irrestrito das camadas populares. O conceito de público é questionado, uma vez que não é mais aplicável ao povo.

A política, dessa forma, afirma Butler (2018), está nas casas, nas vizinhanças e nas ruas. Trata-se da reconfiguração dos ambientes materiais. Ao mesmo tempo em que os ambientes são base da ação, também são parte dela. O uso do espaço público torna-se uma plataforma e, assim como o grupo de manifestantes que toma um tanque militar e sobe nele para falar à multidão, o mesmo ocorre com as ruas, becos, praças e avenidas. A Ágora Grega e o Fórum Romano foram precursores de algo que se tornaria recorrente na civilização milhares de anos depois.

---

<sup>179</sup> Cairo, Pequim e Atenas, respectivamente.

### 7.3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Várias são as perspectivas acerca da identidade humana. A noção do reconhecimento individual dentro de uma sociedade foi objeto de estudo de diversos autores na sociologia, tendo um de seus principais contribuintes o sociólogo e teórico cultural jamaicano Stuart Hall. Para explicar e expor os estudos do tema, Hall (2002) divide a questão da identidade em três concepções distintas: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Este último ajudou a aclarar a percepção da identidade dentro de um contexto mais contemporâneo e de crise.

De acordo com o autor, o primeiro sujeito, do Iluminismo, era totalmente centrado e dotado das capacidades da razão, ação e consciência. O centro essencial do indivíduo era sua identidade. Trata-se de uma concepção bastante individualista do sujeito. Seu núcleo emergia ao nascer e se desenvolvia ao longo de sua existência, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo, idêntico ou contínuo a ele. A concepção do Iluminismo foi então sucedida pela concepção do sujeito sociológico.

O sujeito sociológico, de outra forma, refletia a noção de que o sujeito não é por si só independente e autossuficiente. Ele se formava pela “relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2002, p. 11). Esse entendimento decorre principalmente do interacionismo simbólico, que define a identidade como interação entre o “eu” e a sociedade, englobando os significados que o indivíduo obtém através dessa interação. Essa concepção, que tornou-se clássica para a sociologia, é intimamente ligada à psicologia social.

Já o sujeito pós-moderno, que gera a crise identitária moderna, é um sujeito cuja identidade não é fixa, permanente ou essencial. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2002, p. 12). É uma identificação transformável, sujeita à modificações derivadas das interações que o indivíduo tem com a sua realidade e com os sistemas culturais nos quais está inserido.

Dentro do contexto de pós-modernidade, pode-se pensar na multiplicidade de movimentos e grupos que um indivíduo pode fazer parte, à medida que se identifica com várias temáticas, especialmente no mundo globalizado. Herbert Blumer (1995) introduz o

conceito de *Esprit de Corps*<sup>180</sup> - o senso de identificação com outros indivíduos e pertencimento a uma luta ou instituição em comum - para tratar da identidade em uma visão coletiva. O autor afirma que as pessoas, ao desenvolverem sentimentos de intimidade e proximidade, compartilham uma experiência comum e formam grupos seletos. A partir disso, sentem uns aos outros como “camaradas”. Os sentimentos de alienação, diferença e reserva desaparecem, dando lugar a cooperação.

Essa descrição é especialmente relacionável aos protestos urbanos e movimentos sociais. O sentimento dos grupos, a sensação de pertencimento e a busca da cooperação por um objetivo comum são características permanentes e básicas desses fenômenos. Além de ideais comuns, é necessário também, de acordo com Blumer (1995), que haja uma relação de inimizade entre grupos. Essa relação não só desenvolve sentimentos de fidelidade, lealdade e altruísmo entre membros de um mesmo grupo, mas também suscita a responsabilidade de defender e preservar os valores desse grupo. O inimigo, dessa forma, assume o papel de bode expiatório.

Blumer (1995) estabelece que uma das maneiras que os movimentos sociais desenvolvem o *Esprit de Corps* é o comportamento cerimonial. Os comícios, paradas, demonstrações públicas e cerimônias comemorativas estão relacionados à psicologia social. A sensação de expansão pessoal promovida pela participação em eventos e ocasiões do tipo reforça o sentimento de pertencimento e de importância individual para a realização do coletivo. Além disso,

a parafernália de ritual possuída por todo movimento serve para promover o sentimento de identidade e simpatia comum. Essa parafernália consiste em uma série de símbolos sentimentais, como slogans, canções, aplausos, poemas, gestos expressivos e uniformes. [...] considerando que eles adquirem significância sentimental simbolizando sentimentos comuns em relação ao movimento, seu uso serve como um constante reviver e reforço desses sentimentos mútuos (BLUMER, 1995, p. 69-70).<sup>181</sup>

O processo de construção de identidade coletiva usufrui também de mecanismos das redes sociais na transmissão da mensagem e na prospecção de novos membros. A publicação

---

<sup>180</sup> Espírito de equipe.

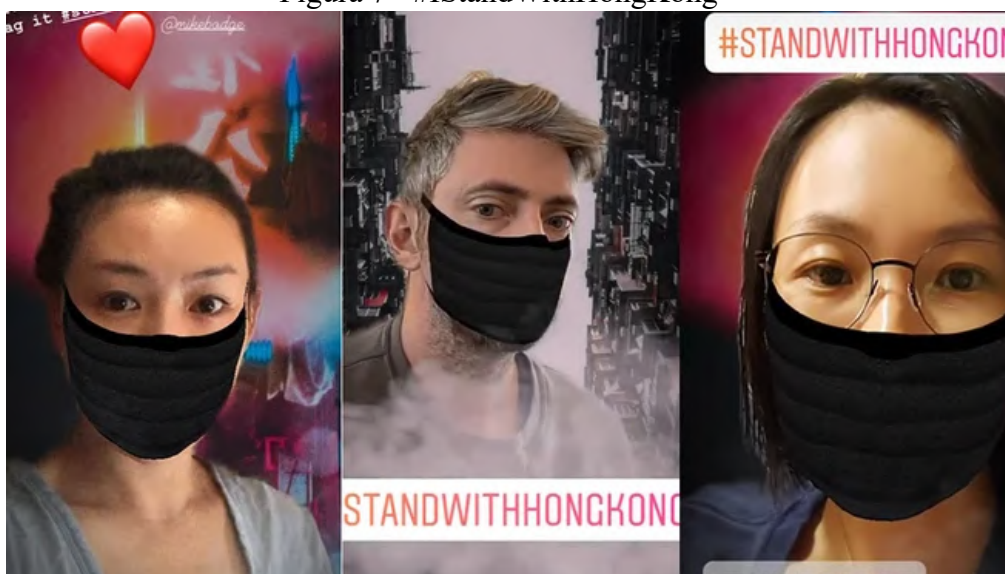
<sup>181</sup> “This paraphernalia consists of a set of sentimental symbols, such as slogans, songs, cheers, poems, hymns, expressive gestures, and uniforms. [...] since they acquire a sentimental significance symbolizing the common feelings about the movement, their use serves as a constant reliving and re-enforcement of these mutual feelings.” [tradução nossa]



de fotografias, *selfies*, hashtags e criações no Twitter, Instagram e Facebook fazem com que os membros dos grupos

passem por um constante processo de autoconfiança. As plataformas interativas nas quais o protesto em *selfie* ocorre, deveriam, portanto, também ser entendidas como câmaras de eco para autopercepção. Em uma situação ideal, [...] elas criam um sentimento de pertencimento: uma identidade virtual de protesto coletivo. (AKANJI, 2018, p. 176)<sup>182</sup>

Figura 7 - #IStandWithHongKong<sup>183</sup>



Fonte: Instagram<sup>184</sup>

<sup>182</sup> “go through a constant process of self-assurance. The interactive platforms on which selfie protests take place should thus also be understood as echo chambers for self-perception. In the ideal situation [...] whereby a feeling of belonging is created: a virtual collective protest identity.” [tradução nossa]

<sup>183</sup> #EuEstouComHongKong

<sup>184</sup> Disponível em:

<<https://10daily.com.au/news/politics/a191120zjklv/instagrams-i-stand-with-hong-kong-effect-shows-solidarity-with-masks-and-smoke-20191120>> Acesso em: 12/06/2020

## 7.4 O SÍMBOLO E A COMUNICAÇÃO

Lúcia Santaella define a semiótica como “a ciência geral de todas as linguagens” (SANTAELLA, 1984, p. 1). É importante notar que a semiótica se trata de um processo constante de construção e investigação que, de acordo com a autora, está em constante crescimento e expansão. A semiótica envolve, entre outras estruturas, o estudo dos sinais e, especialmente no que se refere à estética do protesto político, é ferramenta imprescindível na análise de construção de significado. Uma mensagem que transita do individual ao coletivo usufrui de signos para essa transição e é através desses estudos que se pode interpretá-los e analisá-los.

Charles Peirce, de acordo com Santaella (1984), classifica o signo como sendo algo que representa alguma outra coisa diferente dele, e que é capaz de traduzi-la ou substituí-la. Ele está, portanto, no lugar do objeto que representa.

Ora, o signo só pode representar seu objeto para um intérprete, e porque representa seu objeto, produz na mente desse intérprete alguma outra coisa (um signo ou quase-signo) que também está relacionada ao objeto não diretamente, mas pela mediação do signo. (SANTAELLA, 1984, p. 12)

Através do pacto coletivo, como afirmam os estudos de Peirce (1984), é que se torna possível que uma palavra ou objeto de aparência gráfica ou acústica represente o objeto real - tido por ele como “objeto dinâmico”. Trata-se de um processo que utiliza de convenções sociais para comunicar.

A tricotomia de Peirce, no que tange à relação do signo com seu objeto dinâmico, envolve três categorias: ícone, índice e símbolo. O ícone, de acordo com Santaella (1984), funciona como um “quase-signo”, servindo para contemplação. Em sua função de mera qualidade ou de existência singular - uma pintura abstrata, por exemplo -, não representa coisa alguma e, por isso, seu objeto é apenas uma simples possibilidade. Não se pode dizer, portanto, que funciona como signo por si só. Detém, assim, alto poder de sugestão.

No que se refere ao índice, a autora estabelece que Peirce o pensa como indicador de outra coisa com a qual ele está intimamente ligado. Uma pegada, um resíduo, uma marca e um som são exemplos de índices. Até mesmo uma obra arquitetônica pode ser um índice, considerando ser possível que indique o tempo histórico em que foi construída apenas por



fatores ligados à sua edificação: materiais, formatos, tipo de ferramentas, complementos artísticos, etc. Dessa forma,

o índice como real, concreto, singular, é sempre um ponto que irradia para múltiplas direções. Mas só funciona como signo quando uma mente interpretadora estabelece a conexão em uma dessas direções. Nessa medida, o índice é sempre dual: ligação de uma coisa com outra. (SANTAELLA, 1984, p. 14)

A terceira parte da tricotomia envolve o símbolo. Estes são o que o autor, como afirma Santaella, chama de “tipos gerais”, ou seja, representam não aquilo que tem caráter individual, mas sim generalizado. Em sua qualidade de lei geral, o símbolo precisa de ocorrências singulares e réplicas. Essas ocorrências são manifestações da lei. Assim,

Um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto. Assim, é, em si mesmo, uma lei ou tipo geral, ou seja, um legi-signo (PEIRCE, 1995, p. 52).

De acordo com Epstein (1985), os signos podem possuir funções semânticas e estéticas. Partindo da definição genérica de signo em que existe algo (significante) que está “por outra coisa” (significado), pode-se compreender a distinção das funções. A função semântica, que concerne à determinação precisa do significado e tem ponto de vista facilmente traduzível - manuais de instrução, placas de sinalização e signos científicos -, confere univocidade às interpretações do leitor, ou seja, faz com que todos compreendam a mensagem da mesma maneira. A função estética, por sua vez, é oposta. Com ela, o significante chama atenção sobre si e confere ao leitor pluralidade de interpretações. Há, certamente, um trabalho do artista sobre o significante. Por isso, “os signos das obras de arte, por sua vez, não demandam respostas ativas dirigidas a objetivos explícitos, apenas preparam estados. Além disso, podem ser interpretados plurivocamente” (EPSTEIN, 1985, p. 34).

Umberto Eco (1991), em sua contribuição para os estudos da representação, classifica o que chama de emblemas. Entre eles, estão alguns exemplos: a cruz do cristianismo, a foice e martelo do comunismo e a meia-lua do islã. Esses emblemas, tipos de signos, “são icônicos porque, como os diagramas e os desenhos, se prestam a manipulações da expressão que incidem no conteúdo, mas arbitrários quanto ao grau de catarse que alcançaram” (ECO, 1991, p. 20). Eco afirma que a voz popular os chama de símbolos e, assim como os diagramas, são abertos a diversos usos, mas remetem a um campo definido de significados.

Eco (1986) ainda identifica, dentro do campo da semiótica, a característica livre da produção artística. Define as produções como obras abertas, afirmando que

uma obra de arte, forma acabada e fechada em sua perfeição de organismo perfeitamente calibrado, é também aberta, isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isso redunde em alteração de sua irreproduzível singularidade. Cada fruição é, assim, uma interpretação e uma execução, pois em cada fruição a obra revive dentro de uma perspectiva original. (ECO, 1986, p. 40)

A reserva inesgotável de interpretações que partem de uma produção (a obra), se dá, então, pelo caráter único de perspectiva que cada espectador tem sobre ela. É ainda possível a relação entre a obra aberta e os escritos de Mukarovsky (1988), que colocam a obra de arte como signo capaz de possuir vários sentidos ao mesmo tempo, sem que isso prejudique sua eficácia.

## 7.5 A SIMBOLOGIA NO PROTESTO

Thích Quảng Đức<sup>185</sup> suicidou-se em 11 de junho de 1963, por meio de um processo denominado autoimolação, em meio a um protesto público realizado na cidade de Saigon, então Vietnã do Sul. O ato, que consiste em atear fogo ao próprio corpo, ocorre como um sacrifício pessoal em serviço a uma causa maior ou divindade. Na ocasião, foram as políticas religiosas do presidente sul-vietnamita, Jean-Baptiste Ngô Đình Diệm, que levaram Quảng Đức a realizar tal ato.

Figura 8 - A autoimolação de Thích Quảng Đức



Fonte: Malcolm Browne, Associated Press, 1963<sup>186</sup>

O fogo é talvez a forma mais agressiva de protesto. De acordo com Wenger (2018), a tocha serve como signo de liberdade e independência, e é por isso que a autoimolação se torna um “farol de esperança” quando praticada. Não é surpresa que o suicídio de protesto seja criminalizado em alguns países. O caso do governo chinês contra os tibetanos é um dos mais atuais exemplos. A significância é ainda maior quando se considera a característica visual dramática de uma fotografia de autoimolação dentro de um contexto digitalizado

---

<sup>185</sup> Monge budista

<sup>186</sup> Disponível em: <<https://www.wbur.org/hereandnow/2013/11/18/vietnam-war-jfk>> Acesso em: 11/06/2020.

contemporâneo. A imagem que corre rapidamente pela internet global força maior impacto do que palavras ou assembleias urbanas, e utiliza, muitas vezes, de expoentes culturais - artistas de Hollywood, políticos e ativistas - em sua propagação.

O uso do fogo como símbolo, portanto, evidencia a ligação intrínseca da semiótica com as formas de protesto político. A queima de um corpo, de uma bandeira, de dinheiro ou de propriedade pública é sempre uma faísca de debate que transmitirá um ideal específico de cada contexto. O fogo, “símbolo de veemência e paixão, dá ao protesto urgência e contemporaneidade, expressa sentimentos poderosos e provoca reações emocionais de uma maneira que palavras são dificilmente capazes de fazer” (WENGER, 2018, p. 124).<sup>187</sup>

A transmissão de uma mensagem política também envolveu, historicamente, a apropriação de elementos variados. Roger Chartier, segundo Francisco de Carvalho (2005), define as apropriações como “práticas de produção de sentido, dependentes das relações entre texto, impressão e modalidades de leitura, sempre diferenciadas por determinações sociais” (CARVALHO, 2005, p. 155). Para o autor, a produção, a circulação e a apropriação de representações são examinadas a partir da relação entre formas materiais e práticas habituais. As apropriações são “socialmente determinadas de maneiras desiguais segundo costumes, classes, inquietações: diferenças também dependentes de princípios de organização e diferenciação socialmente compartilhados” (CHARTIER apud CARVALHO, 2005, p. 157)

Figura 9 - O Tordo



Fonte: cena do filme “A Esperança parte 2”<sup>188</sup>

<sup>187</sup> “Fire, the symbol of vehemence and passion, gives protest an urgency and contemporaneousness, expresses powerful feelings, and provokes emotional reactions, in a way that words are scarcely capable of doing.” [tradução nossa]

<sup>188</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X236AeHt5RY>> Acesso em: 12/06/2020

Figura 10 - Faixa de protesto, Hong Kong



Fonte: The Citizen<sup>189</sup>, 2019

A frase “se nós queimarmos, você queima conosco”, do filme A Esperança parte 2, proferida pela personagem Katniss Everdeen - O Tordo -, marcou a trilogia Jogos Vorazes como um dos momentos mais memoráveis da obra de Suzanne Collins. Símbolo de uma revolução antissistêmica e contra a tirania de um governo totalitário, foi apropriada por manifestantes de Hong Kong e de Ferguson (EUA) em protestos contra a China continental e a decisão do júri de não indiciar o policial branco que assassinou Michael Browne, homem preto que transitava desarmado, respectivamente.

Figura 11 - Arco de Saint Louis, Missouri



Fonte: Hypable<sup>190</sup>

<sup>189</sup> Disponível em:

<<https://www.thecitizen.org.au/articles/hong-kongs-dirty-little-secret-is-one-country-two-systems-dead>>. Acesso em: 12/06/2020

<sup>190</sup> Disponível em: <<https://www.hypable.com/ferguson-mockingjay-burn-with-us/>>. Acesso em: 12/06/2020



## 7.6 ANÁLISE DE CASO: A REVOLUÇÃO GUARDA-CHUVA

Durante os anos 1830, enquanto a Inglaterra obtinha o controle exclusivo das operações comerciais no porto de Cantão - cidade localizada no sul da China -, produtos como porcelana, seda e chá, bastante requisitados no território inglês e no restante da Europa, eram a maior parte dos itens comercializados pelos chineses. A China vendia os produtos para os ingleses, mas deles não comprava significativas quantidades de quaisquer mercadorias. Perdendo força no mercado e tendo lucros mínimos, a Grã-Bretanha se viu sob um déficit comercial bastante desfavorável. Os britânicos, então, passaram a traficar o ópio<sup>191</sup> da Índia para a China. A substância era a única mercadoria que dispunha de demanda chinesa e dava algum lucro para os britânicos.

As consequências da expansão do ópio pela China, ameaçando o bem-estar social e financeiro do país, fez com que o governo chinês proibisse o comércio do ópio. Em 1839, marinheiros ingleses embriagados assassinaram um súdito chinês, fazendo com que o Comissário Imperial da China expulsasse todos os ingleses e destruísse o ópio que restara nos depósitos britânicos. A Grã-Bretanha, então, declarou guerra à China, a chamada Primeira Guerra do Ópio.

A assinatura do Tratado de Nanquim finalizou o conflito entre as duas nações em 1842. Entre as medidas exigidas pela Coroa Britânica, após sua vitória, estava a entrega da ilha de Hong Kong para a Grã-Bretanha. Hong Kong ficaria por domínio dos ingleses por 155 anos. A ilha foi devolvida à República Popular da China em 1997, com a condição de que permanecesse sob um sistema liberal capitalista, sem a influência política direta da China continental. A relação da ilha com o continente ficou denominada como “Um País, Dois Sistemas”. Hong Kong passa a ser uma Região Administrativa Especial, isto é, pertence à China, mas não permanece sob o mesmo regime político, econômico e social que ela.

Hong Kong tornou-se palco de grandes revoltas populares que se deram, em sua maioria, pelo não cumprimento das autoridades chinesas às regras do acordo de devolução. De acordo com o documento, a ilha deveria dispor de liberdades democráticas, tais como: o direito ao voto direto, à livre assembleia, à liberdade de imprensa e de expressão. A

---

<sup>191</sup> Narcótico composto por uma mistura de alcalóides da papoula *Papaver somniferum*, que possui efeito analgésico e hipnótico. Um dos principais produtos comercializados legal e ilegalmente no mercado mundial do século XIX.



insatisfação por parte dos honcongueses levou à grandes mobilizações, tendo uma de suas mais expressivas acontecido em 2014: a Revolução Guarda-chuva.

Em 31 de agosto de 2014, o Comitê Permanente do Congresso Nacional do Povo<sup>192</sup> reuniu-se para tratar sobre uma reforma eleitoral em Hong Kong. A decisão determinou que apenas dois ou três candidatos à chefe executivo (espécie de governador da ilha) que verdadeiramente amassem Hong Kong seriam apontados e pré-aprovados pelo Comitê antes de seguirem para a eleição. A medida, que feria o acordo de devolução ao não permitir o verdadeiro sufrágio universal, irritou parcelas da população local, em especial os estudantes secundaristas e universitários.

De acordo com o jornal britânico *The Guardian*<sup>193</sup>, os estudantes, professores e ativistas honcongueses consideraram a ação do comitê “a gota d’água” da interferência de Pequim na ilha e organizaram o primeiro ato - “*Occupy Central With Love and Peace*”<sup>194</sup> -, como forma de desobediência civil pacífica contra a medida. A principal reivindicação dos manifestantes era a implementação de um sistema eleitoral puramente democrático que garantisse o sufrágio universal livre de interferências.

Figura 12 - *Occupy Central*, 2014



Fonte: Alex Hofford/EPA<sup>195</sup>

---

<sup>192</sup> Mais alto organismo governamental do poder legislativo chinês.

<sup>193</sup> Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2014/sep/30/-sp-hong-kong-umbrella-revolution-pro-democracy-protests>>. Acesso em: 21/06/2020

<sup>194</sup> Ocupar o *Central* [principal distrito financeiro no centro de Hong Kong] com Amor e Paz.

<sup>195</sup> Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2014/sep/30/-sp-hong-kong-umbrella-revolution-pro-democracy-protests#img-1>>. Acesso em: 21/06/2020



Protestos decorrentes da decisão do comitê tornaram-se frequentes e os conflitos com a polícia da ilha se intensificaram. As táticas dos manifestantes deram nome à série de eventos que ficou conhecida como Revolução Guarda-chuva, tendo seus nomes variados entre Revolta dos Guarda-chuvas e até mesmo Primavera Asiática. Para se proteger do gás lacrimogêneo e das balas de borracha, os manifestantes passaram a usar guarda-chuvas, que também eram úteis sob o sol forte da ilha e chuvas frequentes.

Figura 13 - Os guarda-chuvas



Fonte: Alex Hofford/EPA<sup>196</sup>

Desde então, o objeto é o principal símbolo das organizações dissidentes de Hong Kong e tornou-se recorrente nos protestos que sucederam a revolta, sendo bastante usado ao longo da década de 2010. As réplicas, como afirma Peirce (1995) aparecem com frequência na sociedade e suas ocorrências dão sentido à lei geral do símbolo. Esse “símbolo, ao se constituir como tal, se dissemina entre as pessoas. Ao ser usado e experimentado, tem seu sentido ampliado” (PEIRCE apud RIBEIRO, 2010, p. 47) e, nesse caso, passa a fazer referência não somente à Revolução Guarda-chuva em sua característica isolada, mas também à todas as movimentações e organizações pró-democráticas de Hong Kong na era contemporânea.

---

<sup>196</sup> Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2014/sep/29/umbrella-symbol-hong-kong-democracy-protests>>. Acesso em: 21/06/2020

## **8 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS**

### **1 INTRODUÇÃO**

#### 1.1 METODOLOGIA

### **2. DISSIDÊNCIA, RESISTÊNCIA E IDENTIDADE**

#### 2.1 MOVIMENTOS SOCIAIS E O ATIVISMO CIVIL

#### 2.2 O PROTESTO URBANO

#### 2.3 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

### **3. PROTESTO E O USO DE SÍMBOLOS**

#### 3.1 O SÍMBOLO E A COMUNICAÇÃO

#### 3.2 A SIMBOLOGIA NO PROTESTO

### **4. ANÁLISE DE CASO: A REVOLUÇÃO GUARDA-CHUVA**

#### 4.1 HONG KONG, CIDADE DISSIDENTE

### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **REFERÊNCIAS**

## 9 CRONOGRAMA

Para a organização das fases de realização do projeto, foi elaborada uma tabela com o cronograma de ações do semestre. A partir dela, será possível determinar com melhor precisão os períodos de construção do projeto. A defesa da monografia ocorrerá ao final do ano de 2020.

<b>Atividades</b>	<b>Jul</b>	<b>Ago</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>
<b>Resumo e introdução</b>	X					
<b>Capítulo 2</b>		X	X			
<b>Capítulo 3</b>			X	X		
<b>Capítulo 4</b>				X		
<b>Considerações finais, impressão e revisão</b>					X	
<b>Preparação para apresentação</b>					X	
<b>Banca</b>						X

Fonte: elaborado pelo autor

## REFERÊNCIAS

AKANJI, Michelle. Self-Representation or Protest Identity? In: ROGGER, Basil. et al. **Protest: The Aesthetics of Resistance**. 1. ed. Zurique: Lars Muller Publishers, 2017. p. 176-177

ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço de debate. *Lua Nova (online)*. nº 76, 2009. Disponível em:  
<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452009000100003>>. Acesso em: 03/06/2020

BARBER, Elizabeth. **Hong Kong Protests Reach Violent High as Students Clash With Police Overnight**. Time, 2014. Disponível em:  
<<https://time.com/3611250/hong-kong-occupy-central-umbrella-revolution-lung-wo/>>. Acesso em: 27/05/2020

BLUMER, Herbert. Social Movements. In: LYMAN, Stanford M. **Social Movements: Critiques, Concepts, Case-studies**. 1. ed. Londres: Macmillan Press, 1995. p. 60-83

BUTLER, Josh. **Instagram's 'I Stand With Hong Kong' Effect Shows Solidarity With Masks And Smoke**. 10Daily, 2019. Disponível em:  
<https://10daily.com.au/news/politics/a191120zjklv/instagrams-i-stand-with-hong-kong-effect-shows-solidarity-with-masks-and-smoke-20191120>. Acesso em: 12/06/2020

BUTLER, Judith. **Corpos Em Aliança E A Política Das Ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

CARVALHO, F. de. (2018). O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos*, v. 9, nº 1, p. 143-165, 2005. Disponível em:  
<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41423>. Acesso em: 12/06/2020

CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007

CLENNON, Mark. **Today in New York City**. Nova York, 30/05/2020. Twitter: @thisismarkc. Disponível em:  
<<https://twitter.com/thisismarkc/status/1266898292895551490?s=20>>. Acesso em: 01/06/2020

CODATO, Henrique; LOPES, Flor Marlene E. Semiologia e semiótica como ferramentas metodológicas. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 206-214

CORTRIGHT, David. **I Never Expected to Protest the Vietnam War While on Active Duty**. The New York Times, 2019. Disponível em:  
<<https://www.nytimes.com/2019/11/08/magazine/vietnam-war-protest-1969.html>>. Acesso em: 03/03/2020

CUNNIFFE, Eileen. **In Hong Kong, Protest Art Documents and Reinforces Human Rights Struggles**. Nonprofit Quarterly, 2020. Disponível em: <<https://nonprofitquarterly.org/in-hong-kong-protest-art-documents-and-reinforces-human-rights-struggles/>>. Acesso em: 27/05/2020

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva S.A., 1986

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. São Paulo: Ática, 1985

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 6. ed. São Paulo: Blucher, 2011

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 1997

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014

HENLEY, Jon. **How the umbrella became a symbol of the Hong Kong democracy protests**. The Guardian, 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2014/sep/29/umbrella-symbol-hong-kong-democracy-protests>>. Acesso em: 21/06/2020

Hong Kong's dirty little secret – a third emergency episode of The Little Red Podcast. **The Citizen**. 4 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.thecitizen.org.au/articles/hong-kongs-dirty-little-secret-is-one-country-two-systems-dead>>. Acesso em: 12/06/2020

KAIMAN, Jonathan. **Hong Kong's Umbrella Revolution - the Guardian briefing**. The Guardian, 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2014/sep/30/-sp-hong-kong-umbrella-revolution-pro-democracy-protests#img-1>>. Acesso em: 21/06/2020

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003

MCCORMACK, Mike. **'If we burn, you burn with us': When symbols move from the screen to the streets**. Hypable, 2014. Disponível em: <<https://www.hypable.com/ferguson-mockingjay-burn-with-us/>>. Acesso em: 12/06/2020

MILLER, Edward. **Vietnam War: What If JFK Hadn't Been Assassinated?** WBUR, 2013. Disponível em: <<https://www.wbur.org/hereandnow/2013/11/18/vietnam-war-jfk>>. Acesso em: 11/06/2020

MUKAROVSKY, Jan. **Escritos Sobre Estética e Semiótica da Arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.

Movieclips. **The Hunger Games: Mockingjay - Part 1 (5/10) Movie CLIP - If We Burn, You Burn (2014) HD**. Youtube, 14 set. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X236AeHt5RY>>. Acesso em: 12/06/2020

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

RIBEIRO, E. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. **Estudos Semióticos**, v. 6, n. 1, p. 46-53, 7 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49258>>. Acesso em: 21/06/2020

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4564269/mod\\_resource/content/1/oquesemiotica-luciasantaella-130215170306-phpapp01.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4564269/mod_resource/content/1/oquesemiotica-luciasantaella-130215170306-phpapp01.pdf)>. Acesso em: 14/06/2020

SCHERER-WARREN, Ilse. Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. **Política & Sociedade**, v. 13, nº 28, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/37799>>. Acesso em: 01/06/2020

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014. p. 51-61

Tiananmen Square: What happened in the protests of 1989? **BBC**. 4 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-asia-48445934>>, Acesso em: 06/06/2020

WENGER, Marius. BURNT OFFERINGS, On the Symbolism of Fire in Protest. In: ROGGER, Basil. et al. **Protest: The Aesthetics of Resistance**. 1. ed. Zurique: Lars Muller Publishers, 2017. p. 122-125

WHITE, Ed. **On The Second Anniversary Of Occupy, Honolulu Protests Still Going Strong**. The Huffington Post, 2013. Disponível em: [https://www.huffpost.com/entry/occupy-honolulu-\\_n\\_3955966](https://www.huffpost.com/entry/occupy-honolulu-_n_3955966). Acesso em 4/06/20.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001